

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS- UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
NÍVEL MESTRADO**

JOSÉ JACQUES DOS SANTOS

**O PENSAMENTO HEIDEGGERIANO EM DIÁLOGO COM A
PSICANÁLISE FREUDO-LACANIANA**

**São Leopoldo
2022**

JOSÉ JACQUES DOS SANTOS

**O PENSAMENTO HEIDEGGERIANO EM DIÁLOGO COM A PSICANÁLISE FREUDO-
LACANIANA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de mestre em Filosofia, pelo Programa
de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do
Rio dos Sinos-UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Luiz Rohden

Coorientador: Prof. Dr. Mario Fleig

São Leopoldo

2022

S237p Santos, José Jacques dos

O pensamento heideggeriano em diálogo com a psicanálise freudo-lacaniana / por José Jacques dos Santos. – 2022.

129 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2022.

Orientação: Prof. Dr. Luiz Rohden ; Coorientação: Prof. Dr. Mario Fleig.

1. Heidegger, Martin. 2. Freud, Sigmund. 3. Lacan, Jacques. 4. *Dasein*. 5. Inconsciente. I. Título.

CDU 1

RESUMO

Essa dissertação investiga as relações que podem ser traçadas entre alguns pontos selecionados da obra de Heidegger e outros selecionados da psicanálise freudiana e lacaniana. Devido a vastidão da produção teórica de Heidegger, a dissertação se concentra em pontos levantados no trabalho de Ernildo Stein aonde será esmiuçado a proximidade possível da obra do filósofo com a psicanálise em determinados pontos. Mostraremos que as críticas de Heidegger acerca das teorias freudianas e até mesmo da metodologia psicanalítica partem de um certo desconhecimento do filósofo de que Freud está lidando com o fenômeno do setting analítico e este se impõe como o elemento fundamental da psicanálise.

Discorremos que o constructo heideggeriano *Dasein* incorpora uma nova maneira de pensar o homem e seu mundo. O conceito de ser-no-mundo retrabalha a posição do ser humano, consequentemente modificando os conceitos de psique, psicologia e consciência. Isso dará substrato maior ao trabalho importante de Freud de questionar os limites dos conceitos da lógica pura e soberana. Propomos que haverá um encontro de ambos autores que vagam por vias diferentes. Freud questiona a primazia da lógica e suas limitações, ao propor o funcionamento da lógica do inconsciente. Heidegger de outro extremo parte para uma reformulação crítica desta psique e consciência, partindo de um trabalho filosófico rigoroso, onde diligentemente debruça-se sobre o pensamento de diversos filósofos. Foco em um ponto: o constructo *Dasein*.

No segundo capítulo abordo as relações da obra de Heidegger com a obra de Jacques Lacan. A busca de Lacan de realizar um retorno à coisa freudiana faz com que ele enverede pelos caminhos da filosofia, trazendo diversos autores de peso para poder trabalhar mais profundamente o campo psicanalítico. Seguimos os passos de Lacan em seu seminário *A Lógica do Fantasma*, onde ele argumenta que Freud não faz apenas uma crítica a uma certa postura de prevalência da lógica racional do funcionamento humano, mas que Freud propõe uma nova concepção de uma lógica que funciona de forma diferenciada da lógica racional: a lógica do inconsciente.

A estrutura lógica caracterizada como a relação sexual será a tônica para demonstrar a originalidade do pensamento psicanalítico no campo da lógica. Desbravaremos com Lacan que essa estrutura não pode ser resumida ao simples ato sexual, mas envolve a complexidade lógica produzida no binômio da diferença sexual- e que é negligenciada nas conceitualizações que Aristóteles estabeleceu sobre a lógica. A compreensão das relações inter-humanas necessita obrigatoriamente passar pela estrutura lógica da diferenciação sexual: essa é a hipótese inédita introduzida por Freud e totalmente fundamentada na ética do tratamento terapêutico das psicopatologias. Este campo da lógica formal também será questionado criticamente com a maneira que o constructo *Dasein* problematiza essa inter-relação da nossa existência no mundo, o ser-no-mundo. Lacan e Heidegger abrem um campo desconhecido e esquecido desde o estabelecimento dos fundamentos da lógica por Aristóteles no qual o presente trabalho busca lançar uma singela luz.

Palavras-chave: Heidegger; Freud; Lacan; *Dasein*; inconsciente.

ABSTRACT

This dissertation investigates the relationships that can be traced between some selected points from Heidegger's work and others selected from Freudian and Lacanian psychoanalysis. Due to the vastness of Heidegger's theoretical production, the dissertation focuses on points raised in Ernildo Stein's work, where the possible proximity of the philosopher's work with psychoanalysis at certain points will be detailed. We will show that Heidegger's criticisms of Freudian theories and even of psychoanalytic methodology stem from a certain lack of knowledge on the part of the philosopher that Freud is dealing with the phenomenon of the analytic setting, which imposes itself as the fundamental element of psychoanalysis.

We argue that the Heideggerian construct *Dasein* incorporates a new way of thinking about man and his world. The concept of being-in-the-world reworks the position of the human being, consequently modifying the concepts of psyche, psychology and consciousness. This will give greater support to Freud's

important work of questioning the limits of the concepts of pure and sovereign logic. We propose that there will be a meeting of both authors who wander through different paths. Freud questions the primacy of logic and its limitations, by proposing the functioning of the logic of the unconscious. Heidegger, from the other extreme, departs for a critical reformulation of this psyche and consciousness, starting from a rigorous philosophical work, where he diligently pores over the thinking of several philosophers. Focus on one point: the *Dasein* construct.

In the second chapter, I discuss the relationship between Heidegger's work and Jacques Lacan's work. Lacan's quest to make a return to the Freudian thing makes him embark on the paths of philosophy, bringing together several important authors to be able to work more deeply in the psychoanalytic field. We follow in the footsteps of Lacan in his seminar *The Logic of the Phantasm*, where he argues that Freud not only criticizes a certain position of prevalence of the rational logic of human functioning, but that Freud proposes a new conception of a logic that works in a different way. differentiated from rational logic: the logic of the unconscious.

The logical structure characterized as the sexual relationship will be the keynote to demonstrate the originality of psychoanalytic thinking in the field of logic. We will discover with Lacan that this structure cannot be summarized in the simple sexual act, but involves the logical complexity produced in the binomial of sexual difference - and which is neglected in the conceptualizations that Aristotle established about logic. The understanding of inter-human relationships must necessarily go through the logical structure of sexual differentiation: this is the unprecedented hypothesis introduced by Freud and totally based on the ethics of the therapeutic treatment of psychopathologies. This field of formal logic will also be critically questioned with the way that the *Dasein* construct problematizes this interrelation of our existence in the world, the being-in-the-world. Lacan and Heidegger open an unknown and forgotten field since the establishment of the foundations of logic by Aristotle in which the present work seeks to shed a simple light.

Keywords: Heidegger; Freud; Lacan; *Dasein*; unconscious.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 APROXIMAÇÕES ENTRE O PENSAMENTO DE HEIDEGGER E O DE FREUD.....	9
2.1 A imposição da primazia do atendimento clínico.....	9
2.2 A importância da sexualidade no funcionamento da psique.....	19
2.3 A importância do constructo <i>Dasein</i>	22
2.4 A questão do paradigma.....	27
2.5 As descobertas de Freud.....	30
2.6 A cura terapêutica.....	36
2.7 O aparelho psíquico para além do princípio do prazer.....	38
2.8 Os sonhos e o aparelho psíquico.....	42
2.9 O jogo do <i>Fort-Da</i> e a repetição.....	49
2.10 A direção do método terapêutico da psicanálise.....	54
2.11 O sexual e o aparelho psíquico.....	57
3 A INTERPRETAÇÃO LACANIANA DA OBRA DE FREUD EM DIÁLOGO COM A FILOSOFIA.....	65
3.1 Uma aproximação ao pensamento de Lacan.....	65
3.2 A lógica do inconsciente.....	69
3.3 A interpretação na psicanálise e a vida onírica.....	73
3.4- O sintoma na estrutura neurótica.....	80
3.5 Linguagem e direção de tratamento.....	89
3.6 Linguagem e o campo simbólico.....	93
3.7 Função e conceito da fala na psicanálise.....	98
3.8 O campo simbólico e a estrutura do jogo do <i>Fort-Da</i>	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS.....	127

1 INTRODUÇÃO

Heidegger estabelece uma crítica ao método de Freud porque ele estaria trabalhando os fenômenos ao nível da produção de suposições. Freud estaria fazendo suposições sobre forças desconhecidas, que estariam provocando os atos falhos, por exemplo.

Ou seja, se produz uma suposição que viria a explicar o fenômeno que está produzindo este ato falho. Heidegger coloca a questão de que a suposição de Freud não necessita ser verdadeira, contanto que ela dê conta de ser uma explicação para o que aconteceu. Contanto que ela seja explicativa, não há necessidade de ela ser provada com exatidão objetiva.

É uma crítica justa, mas o filósofo se esquece que Freud já antecipa este tipo de crítica de antemão. Desde os primórdios do trabalho de Freud e Charcot, quando ainda se falava da hipnose, os caminhos que levam a construção do método psicanalítico são um tatear no escuro, por assim dizer.

A hipnose já havia provado que existia uma corrente de pensamentos que não faziam parte da consciência, mas que estavam lá agindo e fazendo seus efeitos. A sugestão hipnótica inclusive se baseava em pensamentos que eram postos em movimento na mente do sujeito sem que sua consciência se desse conta que esses pensamentos estavam lá.

Essa segunda corrente de pensamentos, subterrânea, já é um fenômeno amplamente provado, não pela psicanálise, mas pelo próprio método da hipnose. Obviamente que Freud utiliza este fenômeno e o teoriza de forma profunda para construir sua metodologia da prática psicanalítica. Mas é seguro dizer que o fenômeno de uma corrente de pensamentos atuando na mente humana ao mesmo tempo que está distante da consciência, a validação da existência deste fenômeno vai muito além de Freud. Isso demonstra que Freud não está criando uma suposição de um campo de pensamentos fora da consciência. Ele não está produzindo um constructo chamado inconsciente para poder validar todo seu método de tratamento.

Na medida em que a psicopatologia recuperada e ampliada tinha que trabalhar com os processos inconscientes e os diversos sinais pelos quais eles se fazem sintoma era, no entanto, necessário que cada uma dessas vias metodológicas sofresse uma espécie de complicação ou talvez lhe fosse incorporada uma estrutura paradoxal

para que levassem ao objeto da pesquisa e mostrassem a adequação do método ao objeto. (STEIN, 1997, p.52-53).

Eu trago como hipótese que Heidegger está esquecendo-se que a psicanálise será criada como um método de tratamento de doenças mentais. Isso significa que Freud tem que atender seus pacientes, eles têm que obter uma melhora de seu sofrimento psíquico e ele precisa validar de alguma forma que esses pacientes obtiveram uma melhora através do método da psicanálise.

Se dissermos que os benefícios terapêuticos da psicanálise não são medidos de forma quantitativa, que o psicanalista não prova na forma de um experimento científico que houve benefícios- não da mesma forma que um cientista prova a existência da bactéria por exemplo- isso não significa que qualquer resposta, qualquer suposição possa ser válida. Pelo contrário. Isso significa que as provas que Freud necessita demonstrar sobre a eficácia do seu método são ainda mais complicadas de serem obtidas do que uma mera validação científica.

A situação transferencial é o lugar onde emerge toda a massa de que se serve o pesquisador(psicanalítico). Há uma lógica da descoberta sustentando no nível epistemológico a relação transferencial. Porém, somente para o pesquisador se torna possível a lógica da justificação que dá conta sistematicamente dos momentos da situação transferencial. (STEIN, 1997, p.55).

Freud em toda sua obra produz um conceito próprio do que seja o seu inconsciente. Mas Heidegger parece não estar considerando alguns pontos. Primeiro, todo esse campo do conceito do inconsciente não é uma produção freudiana advinda do nada. Freud tem que lidar com os pacientes de sua clínica. No começo, ele tem a seu dispor a ferramenta do método da hipnose, que já lhe dá um conceito de inconsciente. Ele vai modificar este conceito e englobar outras coisas, a tal ponto que será um conceito praticamente novo, embora suas raízes sejam advindas da hipnose.

2 APROXIMAÇÕES ENTRE O PENSAMENTO DE HEIDEGGER E O DE FREUD

2.1 A imposição da primazia do atendimento clínico

Freud não está produzindo a psicanálise como uma teoria inovadora para tratar as doenças mentais. Fazer isso é esquecer o contexto histórico de Freud. Atrás dele tem toda uma história do atendimento de pacientes e do tratamento de doenças mentais. Todas essas práticas que vêm da psiquiatria e da psicologia são uma herança de Freud. Ele vai criar um método radicalmente diferente, por isso a psicanálise surge como algo nunca visto em sua radicalidade no tratamento desses pacientes que possuem um sofrimento psíquico. Mas Freud está inserido em uma tradição aonde as pessoas se queixam de problemas psíquicos- tendo ou não uma base orgânica- e se busca um tratamento eficaz para aliviar seu sofrimento.

Penso que com isto, com essa dimensão da clínica, invalida-se o argumento de que são meras suposições. Se tal caso fosse, não haveria uma melhora terapêutica destes pacientes. Pode-se, claro, objetar que eles estão melhorando por sugestão. Mas isso seria desconhecer que Freud abandona a sugestão exatamente por ela ter um alcance muito limitado. A sugestão em si não responde a melhora terapêutica que os pacientes estão recebendo.

Como foi citado, não se quantifica essa melhora em termos de uma validação científica propriamente dita. Mas isso faz com que o rigor da avaliação da terapêutica seja ainda mais necessário. Não basta o paciente dizer que teve uma melhora. Certos aspectos de sua vida também têm que se mover na direção de que ele esteja lidando melhor com sua vida do que lidava antes. O rigor da análise da validação da terapêutica da psicanálise é tão inflexível que Freud vai escrever seu famoso texto *Análise terminável e interminável*. Ele vai ponderar se realmente uma análise chega ao fim, até que ponto a terapêutica pode avançar e o que podemos considerar como um caso de sucesso. Até mesmo a questão da duração de uma análise, que envolve grande dispêndio financeiro e

de tempo, leva-o a conjecturar se ela deve ser abreviada apenas por uma questão de conveniência dos médicos:

A experiência nos ensinou que a terapia psicanalítica - a libertação de alguém de seus sintomas, inibições e anormalidades de caráter neuróticas - é um assunto que consome tempo. Daí, desde o começo, tentativas terem sido feitas para encurtar a duração das análises. Tais esforços não exigiam justificação; podiam alegar que se baseavam nas mais fortes considerações de razão e conveniência. Provavelmente, porém, havia também em ação neles algum traço do desprezo impaciente com que a ciência médica de dias anteriores encarava as neuroses como consequências importunas de danos invisíveis. Se agora se tornou necessário atendê-las, deveríamos, pelo menos, livrar-nos delas tão rapidamente quanto possível. (FREUD, 1937/1996, p.139).

Cabe observar que as críticas de Heidegger não levaram em consideração que os próprios princípios éticos da primazia da clínica estão direcionando Freud para uma autocrítica sobre qual seria o objetivo final de uma análise

A discussão do problema técnico de saber como acelerar o lento progresso de uma análise nos conduz a outra questão, mais profundamente interessante: existe algo que se possa chamar de término de uma análise - há alguma possibilidade de levar uma análise a tal término? A julgar pela conversa comum dos analistas, assim pareceria ser, já que frequentemente os ouvimos dizer, quando deploram ou desculpam as imperfeições reconhecidas de algum mortal seu colega: 'Sua análise não foi terminada' ou 'ele nunca se analisou até o fim'. (FREUD, 1937/1996, p.141).

Freud a muito já havia abandonado o conceito de cura da patologia. Não se cura uma neurose ou uma psicose. O que se busca é transformar, modificar aquela patologia em alguma outra coisa que permita ao paciente diminuir seu sofrimento psíquico e ter uma vida mais plena. Um neurótico não deixará de ser neurótico. Mas que não se pense que Freud responde a isso com uma espécie de busca de um nirvana abstrato. Freud é bem direto e sincero em sua resposta sobre o que seria um fim de análise. Fim como término, mas fim também como direção de busca:

Isso acontece quando duas condições foram aproximadamente preenchidas: em primeiro lugar, que o paciente não mais esteja sofrendo de seus sintomas e tenha superado suas

ansiedades e inibições; em segundo, que o analista julgue que foi tornado consciente tanto material reprimido, que foi explicada tanta coisa ininteligível, que foram vencidas tantas resistências internas, que não há necessidade de temer uma repetição do processo patológico em apreço. Se se é impedido, por dificuldades externas, de alcançar esse objetivo, é melhor falar de análise incompleta, de preferência a análise inacabada. (FREUD, 1937/1996, p.141).

Freud dará uma resposta clara ao que se busca no tratamento psicanalítico. A “cura” terapêutica é por ele descrita em seus mínimos detalhes nas engrenagens do funcionamento da psique. A descrição dessas interações entre as instâncias (ego, Id e Superego) determina uma “cura” muito bem clarificada

Todo analista já terá tratado de alguns casos que apresentaram esse gratificante desfecho. Ele teve êxito em aclarar o distúrbio neurótico do paciente, esse distúrbio não retornou, nem foi substituído por alguma outra perturbação do mesmo tipo. Tampouco nos achamos sem compreensão interna (insight) dos determinantes desses sucessos. O ego do paciente não foi notavelmente alterado e a etiologia de seu distúrbio foi essencialmente traumática. A etiologia de todo distúrbio neurótico é, afinal de contas, uma etiologia mista. Trata-se de uma questão de os instintos¹ ²serem excessivamente fortes - o que equivale a dizer, recalcitrantes ao amansamento por parte do ego - ou dos efeitos de traumas precoces (isto é, prematuros) que o ego imaturo foi incapaz de dominar. Via de regra, há uma combinação de ambos os fatores, o constitucional e o acidental. Quanto mais forte for o fator constitucional, mais prontamente um trauma conduzirá a uma fixação deixando atrás de si um distúrbio desenvolvimental; quanto mais forte for o trauma, mais certamente seus efeitos prejudiciais se tornarão manifestos, mesmo quando a situação instintual é normal. Não há dúvida de que uma etiologia do tipo traumático oferece, de longe, o campo mais favorável para a análise. (FREUD, 1937/1996, p.141).

Os limites do tratamento psicanalítico estão ligados ao fato de que há um conflito de esferas psíquicas que, mesmo sendo resolvido a contento na análise, não descartamos que este não possa regressar no futuro patologicamente. Não há uma garantia vitalícia de cura, por assim dizer, porque o conflito não é resolvido eternamente. O paciente pode “inventar” formas originais de solução

¹ A tradução que foi feita do termo *Trieb*, é bastante polêmica, sendo preferível utilizar o termo pulsão ao invés de instinto.

² É sabido que a tradução Standard da Imago comete, desde seu início, um erro crucial: é uma tradução da tradução, ou seja, James Strachey coordena a tradução do original em alemão para o inglês – que tem em suas notas de rodapé o ponto forte – e a Imago traduz da tradução inglesa, logo, duplamente *tradittore*. (ESTÊVÃO, 2012, p.80).

deste conflito. Mas querer que o conflito desapareça e não cause nenhum mal-estar é ilusão. Busca-se uma boa solução para o conflito que não pode ser solucionado totalmente. Sempre haverá conflito entre as esferas psíquicas:

As expectativas dos otimistas pressupõem claramente uma série de coisas que não são precisamente auto-evidentes. Presume, de início, que há realmente uma possibilidade de livrar-se de um conflito instintual (ou, de modo mais correto, de um conflito entre o ego e um instinto) definitivamente e para todo o sempre; em segundo, que, enquanto estamos tratando alguém por causa de determinado conflito instintual, podemos, por assim dizer, vaciná-lo contra a possibilidade de quaisquer outros conflitos desse tipo; e, em terceiro, que temos o poder, para fins de profilaxia, de despertar um conflito patogênico dessa espécie que não se está revelando, na ocasião, por nenhuma indicação, e que é aconselhável fazê-lo. (FREUD, 1937/1996, p.144).

No caso do *Homem dos Ratos*, por exemplo, vemos que as recriminações do paciente não possuem uma base lógica. Freud observa isso e inclusive aponta este aspecto para ele. Freud demonstra, já que a intensidade de sua patologia não se baseia em recriminações verdadeiras de culpa, que ela tem outra origem que, se não tratada, vai durar indefinidamente. Uma culpa com causas lógicas pode levar o sujeito a se retratar e fazer sua *Mea Culpa*. Mas não é o caso quando as causas que fundamentam a culpa são inconscientes, portanto, desconhecidas pelo próprio paciente:

No curso posterior de nossa conversa apontei-lhe que não tinha, logicamente, de se considerar de modo algum responsável por qualquer desses traços de seu caráter, por todos esses impulsos reprováveis oriundos de sua infância, e que eram apenas derivados de seu caráter infantil, sobreviventes em seu inconsciente; além disso ele precisa saber que responsabilidade moral não podia ser aplicada a crianças. Acrescentei que, apenas mediante um processo de desenvolvimento, um homem, com sua responsabilidade moral, procedia da soma de suas disposições infantis. Expressou, contudo, uma dúvida sobre se todos os seus maus impulsos se haviam originado daquela fonte. Prometi, porém, prová-lo para ele no decorrer do tratamento. (FREUD, 1909/1996, p.110).

A culpa que o paciente sentia pela morte do pai foi apenas um momento aonde recriminações de raízes inconscientes mais profundas aproveitam para demonstrar sua intensidade

Prosseguiu, aduzindo o fato de sua doença haver ficado tão enormemente intensificada desde a morte de seu pai; e eu lhe disse que concordava com ele, desde que eu encarava seu sentimento pela morte do pai como a fonte principal da *intensidade* da sua doença. Digamos que seu sentimento encontrara uma expressão patológica em sua doença. Disse-lhe que, enquanto um período normal de luto duraria de um a dois anos, um período patológico como este duraria indefinidamente. (FREUD, 1909/1996, p.110).

O conceito de ser curado vai ser modificado pelo conceito de este sujeito poder viver de uma forma mais tranquila e satisfatória. Será uma cura no sentido de que será minimizado o sofrimento psíquico e o paciente poderá lidar melhor com sua vida cotidiana.

Haverá toda uma produção teórica freudiana que representa um lado mais abstrato e filosófico, digamos assim, de Freud. Como diz Stein, é a erotização da importância das suas ideias. As descobertas clínicas vão lhe permitir propor novos conceitos e pensar de forma renovada o que são as psicopatologias e seu tratamento.

Freud, de um lado, precisava dar conta dos fenômenos que observava no universo de sua clínica. Ele buscava clareza para aquilo que se lhe apresentava como fenômenos até aí inusitados, e as surpresas de Freud, as descobertas que ele comunica compulsivamente a Fliess e eventualmente a outros, revelando justamente essa espécie de auto-erotização do seu universo teórico. (STEIN, 1997, p.63).

Mas Freud também necessita demonstrar a validade de seus trabalhos perante seus pares. Isso significa demonstrar aos profissionais da saúde a qualidade de sua metodologia. Defender a psicanálise não seria apenas defender um ponto de vista de onde ele constrói seus conceitos, mas é a defesa de toda sua clínica e dos benefícios terapêuticos de seu método. Ele precisa mostrar e comprovar que os doentes obtiveram um alívio do seu sofrimento clínico. Isso implica ser avaliado com um rigor maior pela comunidade científica, pois Freud busca um objetivo que exige muito mais rigor na prática clínica e na produção de teorias. Dar conta da clínica, essa meta é muito mais difícil de ser quantificada

O outro motivo pelo qual Freud desenvolveu conceitos metapsicológicos, que se tornaram conceitos padrões dentro da

psicanálise, foi a necessidade de prestar contas ao público culto no universo científico, ou seja, poder participar da discussão científica através da defesa da psicanálise. Portanto, podemos observar razões pelas quais foi produzido um universo conceitual do qual Freud foi necessitando progressivamente. Estas as razões: dar conta da clínica e prestar contas diante do público científico. (STEIN, 1997, p.63).

Heidegger não desvalida a psicanálise por ela não provar dentro de um rigorismo científico as questões do inconsciente. Ele mesmo cita a passagem de Aristóteles comentando sobre este lugar aonde não há a necessidade de provas no sentido objetivo (objetificando) e que, no entanto, não quer dizer que não se possa fazer uma fundamentação rigorosamente bem estabelecida:

Deve-se diferenciar rigorosamente onde precisamos exigir e procurar provas e onde elas não são necessárias e onde, apesar disso, existe a forma mais elevada de fundamentação. Nem toda fundamentação pode e deve ser um provar, pelo contrário, todo provar é uma espécie de fundamento.

Aristóteles já dizia: 'é ignorância não reconhecer em relação a que é necessário procurar provas e em relação a que isto não é necessário'. Se houver a compreensão desta diferença é sinal de que somos criados e formados para o pensar. Quem não tem esta compreensão não é criado nem formado para a ciência³. (HEIDEGGER, 2001, p.35).

A linha de crítica que Heidegger está estabelecendo diz respeito ao fato de que Freud está observando vários fenômenos e seu método está colocando as suposições produzidas acerca destes fenômenos como o ponto principal da busca da terapêutica. Heidegger situa que a verdade, para Freud, não está em um campo da fenomenologia. A verdade está em um campo de especulações que são tecidas para justificar os fenômenos que se observa. Nas palavras de Heidegger

Discussão entre a observação psicodinâmica e daseinanalítica do homem: sobre o que se delibera e se decide? Sobre a determinação do ser no ente, que nós mesmos. Que ser vemos em primeiro lugar? Em relação a quê, segundo Freud, os fenômenos devem retroceder perante as suposições? Em relação ao que se toma como real e como ente: só é real e verdadeiro aquilo que pode ser subordinado a ininterruptas conexões causais de forças psicológicas, na opinião de Freud. (HEIDEGGER, 2001, p.36).

³ Originariamente publicado em 1987.

Como foi dito acima, não podemos perder de vista que o trabalho de Freud é primeiramente a terapêutica de um sofrimento que o paciente traz. Se esta terapêutica pode se dar pela via da sugestão- que é o que me parece que Heidegger está falando quando diz que Freud faz suposições-, enfim, ainda seria válido, pois o objetivo é o alívio deste sofrimento.

Freud já foi além da técnica da sugestão. Ela possui seus limites, por isso é abandonada por ele em um método mais refinado que será a psicanálise. A crítica do filósofo demonstra também que o mesmo não dedicou um olhar mais atento a obra freudiana. Nos textos, Freud sempre se utilizou de um recurso que é um leitor crítico e cético. O ceticismo foi representado por este leitor que contesta os próprios princípios que Freud está estabelecendo. É interessante este recurso utilizado por Freud, pois isso quer dizer que ele mesmo antecipa e trabalha vários questionamentos que estão vindo acerca do método que ele apresenta.

Se o filósofo tivesse se debruçado mais atentamente, perceberia que Freud conjectura, desde os primórdios teóricos, que a construção que ele faz em análise pode ser a maneira como está estruturada uma formação do inconsciente, como pode ser também uma produção fantasiosa do próprio analista. Nas conjecturas do caso do *Homem dos Ratos*, Freud mostra, primeiro, a diferença de pontos de vistas entre os médicos e os pacientes no assunto da masturbação. É interessante trazer este ponto como exemplo porque representa de um lado, a visão científica, e de outro a crença dos pacientes:

A esse inatacável acervo de provas, seremos capazes de acrescentar novos elementos, se voltarmos à história do lado masturbatório das atividades sexuais do nosso paciente. Existe um conflito entre as opiniões de médicos e de pacientes a respeito desse assunto, o qual até agora não tem sido adequadamente avaliado. Os pacientes são todos unânimes na crença de que a masturbação, querem dizer masturbação *durante a puberdade*, é a raiz e origem de todas as perturbações. Os médicos, em geral, são incapazes de decidir que linha de pensamento devem seguir; contudo, influenciados pelo conhecimento de que não apenas os neuróticos, mas a maioria das pessoas normais, atravessam por um período de masturbação durante sua puberdade, em sua maioria tendem a repudiar as asserções dos pacientes, achando-as muito exageradas. Em minha opinião, os pacientes mais uma vez estão mais próximos de uma visão correta do que os médicos; pois os pacientes possuem uma vaga noção da verdade, ao passo que os médicos correm o risco de negligenciar um ponto essencial. (FREUD, 1909/1996, p.119).

Vemos que Freud pende mais para o lado da importância de se levar em conta o saber do paciente, pois este parece capturar a verdade de uma forma mais aproximada. Por verdade, entenda-se aqui aquilo que nos aproxima de conseguir aliviar o sofrimento psicopatológico do paciente. O paciente aproxima-se mais desta verdade, mas claro que uma legítima compreensão do que acontece só pode vir de um trabalho clínico muito criterioso. Freud continua nos mostrando o que ele pode extrair de conhecimento da clínica:

A tese sustentada pelos pacientes certamente não corresponde aos fatos, no sentido em que eles próprios a interpretam, ou seja, de que a masturbação na puberdade (que se pode descrever, aproximadamente, como uma ocorrência típica) é responsável por todos os distúrbios neuróticos. Sua tese requer uma interpretação. A masturbação da puberdade, na realidade, nada mais é do que um revivescimento da masturbação da tenra infância, um assunto que até hoje tem sido invariavelmente desprezado. A masturbação infantil atinge uma espécie de clímax, via de regra, entre as idades de três e quatro ou cinco anos; e constitui a mais evidente expressão da constituição sexual de uma criança, na qual se deve buscar a etiologia das neuroses subsequentes. Logo, sob esse disfarce, os pacientes ficam atribuindo a culpa por suas doenças à sua sexualidade infantil, e têm toda razão de fazê-lo. (FREUD, 1909/1996, p.119).

Freud encontra nos relatos dos pacientes o mesmo que ele descobre no trabalho clínico, uma nítida ligação entre essa sexualidade infantil e as psicopatologias. A solução do enigma não será a masturbação a causa das psicopatologias, mas o fato desta ser um aspecto de uma sexualidade reprimida que não encontra uma via apropriada para escoar dentro da cultura da civilização. A clínica permite a Freud relatar este fenômeno de uma sexualidade não bem orientada como causa principal de diversos problemas psicopatológicos, senão de todos:

Por outro lado, o problema da masturbação torna-se insolúvel se tentarmos tratá-lo como uma unidade clínica e esquecermos que pode representar a descarga de toda a variedade de componente sexual e de toda espécie de fantasia à qual tais componentes possam dar origem. Os efeitos prejudiciais da masturbação são autônomos - ou seja, determinados por sua própria natureza - apenas em um bem pequeno grau. São, em sua essência, meramente parte e parcela da significação patogênica da vida sexual, como um todo, do indivíduo. O fato de muitas pessoas poderem tolerar a masturbação - ou seja, determinada porção desse ato - sem prejuízo, mostra apenas que a sua constituição sexual e o curso de evolução de sua vida sexual foram

de tal forma a permitir-lhes exercer a função sexual dentro dos limites daquilo que é culturalmente permissível; ao passo que outras pessoas, de vez que sua constituição sexual foi menos favorável, ou perturbado o seu desenvolvimento, caem doentes em consequência de sua sexualidade - isto é, elas não conseguem alcançar a necessária supressão ou sublimação de seus componentes sexuais sem recorrerem a inibições ou substituições. (FREUD, 1909/1996, p.119-120).

Freud comete mesmo certos escorregões, principalmente quando ainda tinha o hábito de realizar uma série de interpretações seguidas. Fascinado com suas próprias interpretações, ele não percebe que algumas não tem grande serventia. O aprimoramento de seu método constitui o processo de fundar-se na escuta, sendo a ferramenta da interpretação utilizada com uma certa parcimônia. Lacan vai nesta direção porque sua interpretação da obra freudiana vai lhe permitir observar qual a direção que Freud seguia como horizonte no aperfeiçoamento de seu método.

Toda a construção teórica do que seria o aparelho psíquico advém das observações dos fenômenos que aparecem na clínica. A questão sexual não é uma escolha temática para as interpretações de Freud por acaso, pois vem dos fenômenos da movimentação dos instintos⁴, que *a posteori* Freud produzirá o conceito de pulsão⁵, para diferenciar de algo biológico do animal para algo já diferenciado característico do ser humano

⁴ Em *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*, de 1905, Freud apresenta o conceito de *Trieb*, e que será mais tarde desenvolvido, em um texto de 1915, *Triebe und Triebchicksale* (e também em outros vários textos). Mas é em um texto de 1911, *Formulações sobre os dois Princípios de Funcionamento Mental*, que a articulação entre a teoria da representação, o conceito de fantasia e o de *Trieb* estará mais clara. A fantasia e o processo de pensamento serão formas de lidar com o *Drang* [pressão] de *Trieb*. Assim, podemos pensar *Trieb* como uma pressão no sentido de satisfação que exige uma ação modificadora da realidade externa da pessoa. (ESTÊVÃO, 2012, p.88).

⁵ Vários autores se dedicam a essa questão: Jacques Lacan, em seu seminário e outros trabalhos, adentra diversas vezes o tema. Cf., por exemplo, LACAN, J. "Televisão" in *Outros Escritos*. Trad. de V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 527. Laplanche e Pontalis tratam dela em seu famoso *Vocabulário de Psicanálise*. Cf. LAPLANCHE J. & PONTALIS, B. P. *Vocabulário de Psicanálise*. Trad. P. Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1994, pp. 394-420. O próprio James Strachey se justifica, no primeiro volume das *Obras Psicológicas Completas*. Cf. STRACHEY, J. "Notas sobre alguns termos técnicos cuja tradução requer explicação" in FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2006, pp. 31-2. Aqui no Brasil, temos, por exemplo, as posições de dois tradutores brasileiros de Freud, Paulo César de Souza e Luiz Alberto Hanns. Cf. SOUZA, P. C. *As Palavras de Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 240-278; Cf. HANNS, L. A. "Comentários do Editor" in FREUD, S. *Pulsões e Destinos da Pulsão*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2004, pp. 137-144. Pedro Heliodoro Tavares publicou um interessante artigo comparando as posições dos dois tradutores brasileiros, artigo com a qual

Em primeira instância, a análise das neuroses de transferência forçou à nossa observação a oposição entre os 'instintos sexuais', que se dirigem para um objeto, e certos outros instintos, com os quais nos achamos insuficientemente familiarizados e que descrevemos provisoriamente como 'instintos do ego'. Um lugar de proa entre estes foi necessariamente concedido aos instintos que servem à auto conservação do indivíduo. Foi impossível dizer que outras distinções deveriam ser traçadas entre eles. Nenhum conhecimento seria mais valioso como base para uma ciência verdadeiramente psicológica do que uma compreensão aproximada das características comuns e dos possíveis aspectos distintivos dos instintos, mas em nenhuma região da psicologia tateamos mais no escuro. (FREUD, 1920/1996, p.34).

A resposta de Freud ao questionamento de Heidegger é bastante simples: a dita “suposição” construída como interpretação, por exemplo, necessita dar conta do fenômeno ao qual está ligada. Ou seja, uma interpretação tem que demonstrar como se formou um sintoma e como se tornou algo permanente que varia muito pouco ao longo do tempo. A interpretação explica o fenômeno observado, donde se conclui que o filósofo está correto em dizer que uma suposição explicativa está colocada como acima do fenômeno. No entanto, a interpretação não apenas explica o fenômeno em questão, ela tem que tocar em um determinado ponto que faça com que aquele fenômeno seja dissolvido. Uma boa interpretação vai ter como efeitos a dissolução de um sintoma a muito instaurado. Isso é definido por Freud como a terapêutica da psicanálise. O psicanalista é legitimado por seu paciente a possuir um saber que, por sua vez, reorienta o sintoma desfazendo uma lógica inconsciente que causa a patologia. Como diz Gadamer, a cura é a força emancipatória da reflexão:

Gadamer analisa a psicanálise e a crítica das ideologias para mostrar seus limites e em face destes, afirmar novamente a universalidade da hermenêutica. O filósofo reconhece que as possibilidades da psicanálise se fundam na força emancipatória da reflexão. O analista, entretanto, só está legitimado a examinar as perturbações psíquicas de seu paciente, na relação terapêutica. 'Quando, entretanto, exerce a mesma reflexão lá onde para isso não está legitimado como médico, onde é um entre os outros homens, ele transgride seu papel social. A força emancipatória da reflexão que o psicanalista assume, encontra seus limites na consciência social na

concordamos em muitos pontos. Cf. TAVARES, P. H. As “derivas” de um conceito em suas traduções: o caso do *Trieb* freudiano. *Trabalhos de linguística aplicada*, Campinas, v. 50, n. 2, Dez. 2011, pp. 379-392. (ESTÊVÃO, 2012, p.81).

qual o analista, bem como seu paciente se comunica com todos os outros homens. (STEIN,1983, p.35-36).

2.2 A importância da sexualidade no funcionamento da psique

É interessante apontar que Heidegger, em seus profundos estudos sobre a existência humana, deixa a questão da sexualidade de lado. Isso é escandaloso, já que, em contrapartida, Freud não pode fazer isso, pois o sexual lhe interroga desde o começo dos seus atendimentos clínicos.

Interessante que Freud mesmo constata o quão pouco a ciência tem auxiliado ao entendimento da sexualidade. Não seria um grande problema, se as psicopatologias não estivessem enraizadas profundamente nas questões sexuais

À parte isso, a ciência tem tão pouco a nos dizer sobre a origem da sexualidade, que podemos comparar o problema a uma escuridão em que nem mesmo o raio de luz de uma hipótese penetrou. Em outra região, inteiramente diferente, é verdade, defrontamo-nos realmente com tal hipótese, mas é de tipo tão fantástico, mais mito do que explicação científica, que não me atreveria a apresentá-la aqui se ela não atendesse precisamente àquela condição cujo preenchimento desejamos, porque faz remontar a origem de um instinto a uma necessidade de restaurar um estado anterior de coisas. (FREUD, 1920/1996, p.38).

Freud constata a força das pulsões sexuais como um desejo de unir-se, tornar-se um. Uma espécie de busca de completude. A sexualidade assim busca um objeto faltante. O sexual impele para uma união que atingiria uma espécie de estado de satisfação onde essa falta seria suprimida. Lacan *a posteriori* levará mais adiante estes trabalhos iniciais de Freud.

Note-se que Freud vai encontrar um corpo teórico que descreve este funcionamento do sexual, não dentro do conhecimento científico, mas em uma mitologia. Será uma teoria platônica que sai da boca de Aristófanes, sobre o mito da diferenciação dos sexos

O que tenho no espírito é, naturalmente, a teoria que Platão colocou na boca de Aristófanes no *Symposium* e que trata não apenas

da origem do instinto sexual, mas também da mais importante de suas variações em relação ao objeto. 'A natureza humana original não era semelhante à atual, mas diferente. Em primeiro lugar, os sexos eram originalmente em número de três, e não dois, como são agora; havia o homem, a mulher, e a união dos dois (...)' tudo nesses homens primevos era duplo: tinham quatro mãos e quatro pés, dois rostos, duas partes pudendas, e assim por diante. Finalmente, Zeus decidiu cortá-los em dois, 'como uma sorva que é dividida em duas metades para fazer conserva'. Depois de feita a divisão, 'as duas partes do homem, cada uma desejando sua outra metade, reuniram-se e lançaram os braços uma em torno da outra, ansiosas por fundir-se. (FREUD, 1920/1996, p.38-39).

Os mitos são extremamente importantes para Freud. Ele sempre considerou que a mitologia, com suas construções fantásticas, consegue pegar excelentes porções da verdade, que muitas vezes escapa mesmo ao cientista mais arguto.

Heidegger, como vimos, não trabalha as questões sexuais. Mas Platão e os socráticos já percebem e problematizam essa força de atração que faz os diferentes sexos se unirem. Esse mito trazido por Aristófanes, tem as pinceladas aberrantes das fábulas fantásticas. Mas por mais ridícula que seja a fábula, ela é uma tentativa de explicar um fenômeno que já está chamando a atenção dos gregos, a força e o poder da atração que faz os sexos se unirem. A energia sexual que atua como a energia magnética dos ímãs. Obviamente os gregos já sabiam que não era uma atração entre os sexos opostos, podendo ser também entre os do mesmo sexo. Esta energia poderosa que funciona de forma misteriosa, a explicação só é possível no esdrúxulo do mito que Aristófanes evoca.

Se está contido ali no relato de Platão do *Banquete*, demonstra que os gregos já conheciam e se intrigavam com este fenômeno. Heidegger não vai lhe dar grande atenção, mesmo sabendo que se debruçar na obra freudiana significa olhar atentamente a questão sexual. Não se pode ignorar ela, sob pena de se estar míope as observações de Freud.

Temos que considerar que o interesse de Heidegger por Freud não irá avançar na época da grande guerra, por óbvias razões políticas. Assim o filósofo não percebeu que o trabalho de Freud se dá dentro do campo transferencial, isto é, do amor. Não é por acaso que ele encontra então a resposta em um texto que trata disto- *O Banquete*.

O poder e a força da sexualidade estão ali constatados pelos gregos. Essa energia sexual que move as pessoas e está dentro de toda a sociedade, mas da qual pouco se fala e pouco se teoriza. Há um pudor silencioso, que faz com que nos calemos quanto ao funcionamento sexual da sociedade. Freud vai descortinar tudo isso pois o sintoma psicopatológico que gera sofrimento ao ser humano está se dando nesta via que é menosprezada.

Penso que as críticas de Heidegger podem ser melhor trabalhadas se tirarmos o estigma de verdadeiro ou falso, e utilizarmos um termo que Lacan nos cede como muito precioso que é o equívoco. Ao considerar isto, trabalhamos na linha de que o filósofo se equivoca quanto a visão do que seria propriamente dito a psicanálise. Do outro lado do equívoco, temos que Freud está desenvolvendo seu método de tratamento do sofrimento psíquico dos pacientes sem, no entanto, construir um sistema de conceitos e paradoxos que garanta uma compreensão mais clara do que está ocorrendo nesses fenômenos que surgem na clínica. Certamente Freud tem sua metapsicologia para explicar e sustentar sua prática clínica e os resultados que ele está obtendo com seu método. Mas ao mesmo tempo Freud não está produzindo todo um conjunto de paradigmas e também não está reformulando paradigmas já instaurados no campo da filosofia, como Heidegger está fazendo.

Freud não vai pelo caminho de estabelecer uma crítica da lógica vigente para então propor uma reformulação desta ou o acréscimo da lógica do inconsciente na formulação filosófica do conhecimento humano. Ele vai produzir toda uma construção teórica para dar conta de uma metodologia que ele está refinando aos poucos no atendimento clínico, na busca da melhor terapêutica.

No outro extremo, Heidegger está reformulando certas concepções que ainda estavam estabelecidas na psicologia. São lugares diferente e, portanto, o que se espera do ofício de cada um é diferente. Freud tem que dar conta dos fenômenos que aparecem na clínica e busca a terapêutica deles. Heidegger tem que ressituar certos conceitos que não dão conta dos fenômenos que surgem. Os conceitos de homem, de consciência, de mente, de lógica, etc. É preciso uma nova reformulação e para isso é preciso situar estes conceitos dentro de uma linha temporal. Heidegger precisa retornar aos gregos, a Kierkegaard, Nietzsche, etc. Esta é a tarefa do filósofo, esmiuçar como um conceito surge e se modifica no tempo para poder buscar fazer uma reformulação dele.

A lógica estabelecida desde Aristóteles tem que ser reconceituada de uma outra forma a partir da teorização do inconsciente. O fenômeno do campo de pensamentos que não faz parte da consciência na mente humana mostra os limites da concepção de lógica e consciência que perdurava até então. Mas estas modificações no conceito de lógica são do campo do filósofo, pois implica um trabalho exaustivo de explanação do que é a lógica desde Aristóteles e estabelecer uma crítica para poder, reformular um conceito novo que abarque o campo deste inconsciente, que tem uma lógica diferenciada da lógica formal estabelecida pro Aristóteles.

2.3 A importância do constructo *Dasein*

As andanças de Heidegger vão lhe fazer reformular vários dos conceitos que estão reinando até então na psicologia. Com isso, vem o advento do seu famoso constructo do *Dasein*, uma ferramenta valiosíssima para o conhecimento humano

Todas as representações encapsuladas objetivantes de uma psique, um sujeito, uma pessoa um eu, uma consciência, usadas até hoje na Psicologia e na Psicopatologia, devem desaparecer na visão daseinanalítica em favor de uma visão completamente diferente. A constituição fundamental do existir humano a ser considerada daqui em diante se chamará 'Da-sein' ou 'ser-no-mundo'. Entretanto esse Da não significa, como acontece comumente, um lugar no espaço próximo do observador. O que o existir como Da-sein significa é um manter aberto de um âmbito de poder-apreender as significações daquilo que aparece e que se lhe fala a partir da sua clareira. O Da-sein humano como âmbito de poder-apreender nunca é um objeto simplesmente presente. Ao contrário, ele não é de forma alguma e em nenhuma circunstância, algo passível de objetivação. (HEIDEGGER, 2001, p.33).

Veja que a citação de Heidegger demonstra seu lugar como filósofo na pretensão de fazer uma radical modificação em conceitos psicológicos vigentes até então. Não é o caminho de Freud. Ele cria seu método, sua metapsicologia própria. Em nenhum momento o objetivo de Freud foi reformular a psicologia.

Que a psicanálise coloque em causa a psicologia, isso é consequência, não o objetivo.

Por isso que o olhar do filósofo vai abrir um outro campo não percorrido pela psicanálise. O constructo *Dasein* vai dar uma outra concepção ao termo psicologia. O *Dasein* será essa abertura do ser onde ele se presentifica. O *Da*, o *aí*, sugere uma certa espacialidade. O *Sein*, que será o ser, surge dentro deste lugar que não é propriamente um lugar. É uma abertura, clareira. Heidegger diz que o *Da* não é próximo ao observador. Ou seja, ali aonde um fenômeno surge desta presentificação desse ser, não parece que é algo que possa ser observado com exatidão. Antes, me parece que o filósofo está dizendo que um fenômeno pode surgir e ser apreendido neste determinado ponto.

Se o *Dasein* (o ser-*aí*, na tradução precisa de Stein) não é passível de ser objetivado, como o filósofo pontua, é porque ele tem um caráter de radicalidade e de originalidade que faz com que ele nunca seja o mesmo. Ele é original, sempre surgindo de uma forma diferente. Pois surgisse como o mesmo, penso que poderíamos considerar que ele pode ser tomado como um objeto. Sua constância seria sua definição de ser objeto. Ora, se ele está escapando dessa objetivação- esse é seu caráter primordial- ele parece estar surgindo sempre de uma forma inusitada.

Não é primariamente o recurso a uma ciência ocasionalmente apreciada de modo particular, a matemática⁶, o que determina sua ontologia do mundo, mas a orientação ontológica de princípio para o ser como subsistência constante, cuja apreensão o conhecimento matemático satisfaz em um sentido excepcional. Descartes efetua, assim, de maneira expressamente filosófica, a comutação da herança da ontologia tradicional para a moderna física matemática e para seus fundamentos transcendentais^{6,7} (HEIDEGGER, 2012, p.283-285).

O *Dasein* será este elemento que Heidegger faz subir ao palco aonde pode surgir o campo da compreensão. A busca da compreensão das coisas e da compreensão de sua própria existência é um fenômeno que o filósofo está

⁶ Originariamente publicado em 1927.

⁷ Es ist also nicht primär die Anlehnung an eine zufällig besonders geschätzte Wissenschaft, die Mathematik, was die Ontologie der Welt bestimmt^a, sondern die grundsätzlich ontologische Orientierung am Sein als ständiger Vorhandenheit, dessen Erfassung mathematische Erkenntnis in einem ausnehmenden Sinne genügt. Descartes vollzieht so philosophisch ausdrücklich die Umschaltung der Auswirkung der traditionellen Ontologie auf die neuzeitliche mathematische Physik und deren transzendente Fundamente.

situando como *Dasein*. Tudo o que comumente chamamos como o sentido da vida, as possibilidades do homem de transformar seu mundo, a própria imagem interpretativa que o homem faz do que é o mundo, são potencialidades que somente o ente *Dasein* pode ter:

O *Dasein* é o único ente capaz de compreender a si mesmo, e essa compreensão se dá na medida em que é, em que exerce o seu existir. Ele é um ente ontológico porque traz em si o sentido de ser, e é pré-ontológico por já ter uma (pré) compreensão desse sentido, uma compreensão antes mesmo de poder teorizá-la, o que Heidegger chama de uma compreensão pré-teórica. O *Dasein* é o único ente a possuir um sentido, o único capaz de criar, desejar, construir, destruir, e tudo mais que demonstre sua total interação com a própria existência, o que não é possível nos demais entes. (ARAUJO, 2014, p.203).

Com o constructo *Dasein*, Heidegger está situando o homem em um outro lugar. Se vulgarmente era considerado que o homem estava ali onde ele exercia seu poder e controle do seu raciocínio lógico sobre um mundo externo, isso agora já não é verdade. O raciocínio lógico ainda permanece como ferramenta fundamental. Mas vemos que o filósofo coloca um elemento como anterior a tudo. É um elemento indeterminado donde surgem coisas originais. O ser-no-mundo implica que este elemento é um fenômeno produzido pelo fato do ente *Dasein* estar situado no mundo:

É importante que fique claro que o ser de Heidegger não é um ente fora de nós, como o deus dos cristãos e tantos outros entes criados pela metafísica. Ele é uma abertura constante que se dá na própria existência, no sendo/existindo, no acontecer. Por isso não podemos dizer que o ser que Heidegger nos mostra é mais um ente que podemos descrever dizendo o que é, mas, podemos apenas dizer como se manifesta, e o único caminho para tal explicação é o *Dasein*. O *Dasein* é a própria abertura de possibilidade(s) do acontecimento, é o próprio fenômeno, o próprio aparecer do ser. (ARAUJO, 2014, p.206).

O fenômeno *Dasein* surge nesta relação. Como fenômeno ele se dá a ver, se presentifica. Com isto Heidegger parece estar precisando um ponto anterior a concepção do ser humano detentor do raciocínio lógico que aplica em um mundo externo. Por isso o filósofo diz estar propondo uma mudança paradigmática no conceito do que pensamos ser a psicologia.

Na Introdução já se disse que, na analítica existenciária do *Dasein*, uma outra tarefa é coexigida, cuja urgência não só não é menor que a da pergunta pelo ser ela mesma, a saber, o pôr-em-liberdade o a priori que deve ficar visível se a pergunta "que é o homem?" deve poder ser filosoficamente discutida. A analítica existenciária do *Dasein* precede toda psicologia, toda antropologia e sobretudo toda biologia⁸. (HEIDEGGER, 2012, p.147).

A mudança paradigmática de Heidegger terá um dos aspectos de que o constructo *Dasein* não define, de forma precisa, o que é seu objeto. Neste sentido, a psicologia, como ciência que estuda a psique, não pode mais pensar que seu conhecimento está fundamentado em um objeto bem definido, bem delimitado dentro dos conceitos. Ou seja, a psicologia pressupõe, em seus fundamentos, que o objeto psique é conhecido. Mas a essência do *Dasein*:

A "essência" do *Dasein* reside em sua existência. Os caracteres que podem ser postos à mostra nesse ente não são, portanto, "propriedades" subsistentes de um ente que subsiste com este ou com aquele "aspecto", mas modos-de-ser cada vez possíveis para ele e somente isso. Todo ser-assim desse ente é primariamente ser. Por isso, o termo "*Dasein*" com que designamos esse ente não exprime o seu que, como é o caso de mesa, casa, árvore, mas o ser⁹.¹⁰ (HEIDEGGER, 2012, p.139-141).

Ora, quando o filósofo propõe o *Dasein*, ele não irá pela via complexa de desejar dar uma definição precisa do ser. A mudança de olhar de Heidegger permite que o *Dasein* seja uma explanação do "como" é o ser, de que forma o ser se predica

A fenomenologia de Heidegger não tem a intenção de falar sobre o "quê" das coisas, mas do "como". Heidegger não tem a intenção de dizer o que é o ser, nem o que é o *Dasein*, mas como são, como se apresentam. É esse "como" que nos mostra toda a

⁸ In der Einleitung wurde schon angedeutet, daß in der existenzialen Analytik des *Daseins* eine Aufgabe mitgefördert wird, deren Dringlichkeit kaum geringer ist als die der Scinsfrage selbst: Die Freilegung des Apriori, das sichtbar sein muß, soll die Frage, »was der Mensch sei«, philosophisch erörtert werden können. Die existenziale Analytik des *Daseins* liegt vor jeder Psychologie, Anthropologie und erst recht Biologie.

⁹ o Ser "do" "aí"; "do": *genitivus objectivus*.

¹⁰ Das »Wesen« des *Daseins* liegt in seiner Existenz. Die an diesem Seienden herausstellbaren Charaktere sind daher nicht vorhandene »Eigenschaften« eines so und so »aussehenden« vorhandenen Seienden, sondern je ihm mögliche Weisen zu sein und nur das. Alles Sosein dieses Seienden ist primär Sein. Daher drückt der Titel »*Dasein*«, mit dem wir dieses Seiend bezeichnen, nicht sein Was aus, wie Tisch, Haus, Baum, sondern das Sein".

complexidade do *Dasein* e sua importância para caminharmos para uma compreensão do ser. (ARAUJO, 2014, P.203-204).

O *Dasein* é o campo das possibilidades, pois ali aonde o ser acontece é que ele pode ser compreendido em seu acontecimento. Me parece que o caminho da definição de Heidegger do *Dasein* será este duplo campo. Primeiro, o ser comporta em si mesmo todas as possibilidades, sendo infinito nas formas em que ele pode vir a ser. Portanto, ele de forma alguma pode ser objetificável, pois as possibilidades não podem ser podadas pela definição de um conceito. Segundo, é no acontecimento do “aí”, do *Da*, que o ser se revelaria em sua possibilidade que aconteceu. Por isso podemos compreender o ser neste instante em que ele é. Compreendemos a possibilidade que acontece. Podemos então objetificar, não o ser, mas o acontecimento do ser

O *Dasein* lida com sua existência de forma totalmente jogada, onde tudo é possibilidade e nada está pronto. Sendo assim, tudo é possibilidade no “sendo” do *Dasein*. Como nada está pronto para a presença, ela só se compreende sendo/existindo. Tal compreensão de ser é em si mesma uma compreensão de ser do *Dasein*, como Heidegger descreve, e nenhum ente traz em si essa determinação. Isso já deixa claro a importância da presença na questão do ser. (ARAUJO, 2014, P.204).

O *Dasein* tem a característica de revelar o ser como fenômeno neste ponto privilegiado que é o “aí”, que corresponde ao ponto que ocorre sua abertura, o instante. Seu acontecer é no campo de sua existência dentro do mundo, portanto seu aspecto de ser-no-mundo. Não cabe fazermos a diferenciação entre o ser e o mundo ou definir a forma como se caracteriza essa relação, porque o objeto tratado é a própria relação. Os dois elementos do ser e do mundo são indefiníveis. Somente produzimos uma compreensão da relação de ambos.

2.4 A questão do paradigma

Neste capítulo, nosso objetivo será demonstrar que Heidegger segue em direção a uma crítica da técnica no pensamento humano, desembocando em uma crítica ao cientificismo. Abordaremos o nascimento das teorias de Freud, que irão se contrapor ao cientificismo da psicologia e da psiquiatria em voga na época. Freud irá construir a psicanálise no mesmo campo em que Heidegger fará suas críticas a ciência. Alguns conceitos fundamentais de Heidegger serão apresentados para demonstrar aspectos do paradigma que o filósofo ajuda a estabelecer. Embora Freud não seja um filósofo, a psicanálise trará fundamentos que são bem semelhantes aos que Heidegger preconiza. Ambos autores parecem criticar um predomínio de fundamentos cartesianos na concepção da psique¹¹:

Descartes, ao qual se atribui o descobrimento do *cogito sum* como base de partida da interrogação filosófica moderna, investiga, dentro de certos limites, o *cogitare* do ego. Deixa porém inteiramente fora de discussão o *sum*, não obstante a posição do *sum* seja tão originária como a do *cogito*. A analítica faz a pergunta ontológica pelo ser do *sum*. Quando este for determinado então o modo-de-ser das *cogitationes* poderá ser apreendido¹². (HEIDEGGER, 2012, p. 149).

Em primeiro lugar, para situar o escopo deste trabalho, seguimos a orientação de Stein de que é louvável que a ciência tenha progredido bastante e que continue nesta trilha. A crítica a posição científica não é vê-la como um mal a ser erradicado ou parado. Stein vai articular que significa antes a existência de outros campos além do campo científico. Que é importante a valorização de outros elementos que as ciências não abordam. Stein determina assim um campo possível para a filosofia fora do discurso científico:

A Filosofia precisa recuperar certa radicalidade. Ela não pode se perder numa instrumentalização epistemológica ou numa tentativa de encontrar materiais novos da ciência, onde, propriamente, se

¹¹ Do grego *ψυχή*, translit. *psyché*, *psykhé*, originalmente "respiração", "sopro", por *ψύχω*, "eu respiro".

¹² Descartes, dem man die Entdeckung des *cogito sum* als Ausgangsbasis des neuzeitlichen philosophischen Fragens zuschreibt, untersuchte das *cogitare* des ego - in gewissen Grenzen. Dagegen läßt er das *sum* völlig unerörtert, wenngleich es ebenso ursprünglich angesetzt wird wie das *cogito*. Die Analytik stellt die ontologische Frage nach dem Sein des *sum*. Ist dieses bestimmt, dann wird die Seinsart der *cogitationes* erst faßbar.

desenvolve a competência da ciência. Costumo dizer: a filosofia não pode saber mais do que as ciências sabem. A filosofia deve, de alguma maneira, localizar paradigmas, isto é, *topoi*, certos lugares comuns, onde a ciência nasce, onde a ciência é capaz de receber novos instrumentais de elaboração, ou de tematizações da ciência, que podem ou ser inteiramente inovadas ou renovadas. (STEIN, 2012, p.17).

É importante considerar que o objetivo da presente dissertação é manter o escopo considerado por Stein:

Tudo isso são questões que podemos honestamente pôr na mesa, porque não se trata de procurar os donos da verdade; mas de perseguir certos veios enriquecedores da filosofia e da Psicanálise em uma espécie de inter-relação recíproca. (STEIN, 2012, p.18).

Situamos então primeiramente qual o lugar que Freud fará sua interrogação e que será seguida por Lacan a postiori:

[...] em Freud existe a inauguração de um elemento que reaparece fortemente na Filosofia dos anos 20 e, sobretudo, em *Ser e Tempo*. Poderíamos afirmar que aquilo que Lacan lê em Freud- inspirado, sobretudo, pela tradição estruturalista francesa, combinando certas conquistas da linguística reinterpretadas- ressaltou esses aspectos, em que Freud se revela o autor, digamos assim, da pós-modernidade. Assim como Heidegger. Uma pós-modernidade, no entanto, que deverá ser colocada em seus devidos limites. (STEIN, 2012, p.19).

Quando Freud irá construir o campo da psicanálise, será em uma época onde o cientificismo domina a psicologia e a psiquiatria. Enquanto Freud trabalha junto a Charcot, suas descobertas o levam ao encontro dos pensamentos inconscientes, ou seja, correntes de pensamentos dentro da psique humana que não estão nos limites da consciência. A visão do homem como controlador de sua racionalidade lógica- um viés mais cartesiano- precisa ser modificado para um homem que possui uma parte da própria psique que ele mesmo desconhece. Com isso, Freud necessita modificar o conceito de psique: ele terá de ir contra ao paradigma vigente em sua época, dentro da psicologia e da psiquiatria, da psique do homem como fundamentalmente centrada na consciência. O que vamos discorrer aqui, é que Freud não apenas demonstrará a existência de um campo inconsciente dentro da mente, como definirá que este campo é

responsável por determinar a vida do ser humano tanto ou mais do que a consciência. Com isto a psicanálise terá que se centrar em um paradigma diferente das ciências, aproximando-se de um paradigma que Heidegger irá evidenciar. Paradigma, na visão de Stein, será:

Paradigmas filosóficos, até o final do século 19, eram de caráter metafísico, quer em um sentido objetivista, isto é, o mundo existe de dois modos: um mundo empírico e um mundo paralelo a este mundo, o mundo supraempírico que o justifica. Ou no sentido da subjetividade transcendental, isto é, existe a subjetividade empírica e existem os elementos da subjetividade transcendental, com características especiais, com um caráter de universalidade e a pretensão última de fundamentação e de totalidade do conhecimento. (STEIN, 2012, p.19).

Stein vai apresentar os principais pontos do paradigma que Heidegger instalará, modificando este que estava vigente no século 19. A psicanálise tocará esses pontos que Heidegger criticará no futuro. O caráter de universalidade do paradigma do século 19 constitui também uma promessa de totalidade. Quando Freud demarca suas fronteiras, ele estará indo em direção a uma impossibilidade de totalidade da compreensão dentro do campo científico:

A questão da universalidade, da totalidade e da originalidade, que se pretendia erguer por intermédio dos sistemas filosóficos, isto foi tocado pelas investigações freudianas. É claro que estas não tiveram um efeito explícito dentro do campo da Filosofia. Indiretamente, porém, estabeleceu-se algo que foi preparado pela Psicanálise: a questão do sujeito finito, quer dizer, a questão de uma totalidade irrecuperável de que toda construção de sistema recorre a elementos imaginários que sustentam o sistema e que nada têm a ver propriamente com a possibilidade efetiva de se construir um sistema em que se englobe e preveja a totalidade da realidade. (STEIN, 2012, p.20).

O sistema de pensamento da psicanálise- se podemos lhe chamar assim- não é um sistema nos moldes filosóficos de sua época, porque Freud não o conceberá como um sistema fechado e pronto. Ele é inacabado: não porque não foi finalizado, mas porque ele não pode ter a pretensão de responder a tudo. Não será uma compreensão total do ser humano, mas antes uma compreensão limitada. Freud parece considerar que suas pesquisas dão conta de uma parte, não da totalidade de uma compreensão da psique humana. Freud saber que existe certos limites dentro do escopo de suas pesquisas e investigações

psicanalítica, o que lhe permite ter uma humildade maior e não produzir um sistema fechado, nos moldes de muitos pensamentos filosóficos do século 19, principalmente aqueles influenciados pelos pressupostos hegelianos. Para Stein, com isso Freud antevê as teorias de Heidegger e inclusive a noção de falta teorizada por Lacan:

Assim, primeiro, a impossibilidade de uma totalidade e, de outro lado, isso representando uma radical *falta* no contexto da Filosofia. Quer dizer, a questão da falta- que todos ouvem com insistência em Lacan-, em Freud ela também aparece muito forte. (STEIN, 2012, p.20).

2.5 As descobertas de Freud

Todos nós sabemos, historicamente, que o nascimento da psicanálise vai se dar do encontro entre Charcot e Freud. As histéricas, essas mulheres que estavam em voga na época desses dois grandes homens, apresentam um problema intrigante aos médicos. Seus sintomas eram, muitas vezes, indiscerníveis de causas físicas, embora na verdade tivessem causas psíquicas. Assim começa a aventura de Freud, com essas pacientes que possuíam sintomas de doenças intrincadas que, no entanto, nada revelavam nos exames físicos. Sua causa só poderia ser psíquica:

Como se pode depreender do título do trabalho, ele versa sobre a patogênese dos sintomas histéricos e sugere que as razões imediatas do desenvolvimento dos sintomas histéricos devem ser buscadas na esfera da vida psíquica. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos. (Freud, 1893/1996, p.16).

Freud assim, conjuntamente com Charcot, fecha a problemática da histeria dentro do mecanismo psíquico. Charcot já havia constatado diversos elementos e regras que organizavam, em uma determinada constelação, esses fenômenos psíquicos da histeria:

Como os senhores sabem, todos os modernos avanços na compreensão e no conhecimento da histeria derivam do trabalho de Charcot. Na primeira metade dos anos oitenta, Charcot começou a voltar sua atenção para a “neurose maior”, que é como os franceses chamam a histeria. Numa série de pesquisas, ele obteve êxito em provar a presença de regularidades e leis onde as observações clínicas insuficientes ou apáticas de outras pessoas viam apenas simulação de doença ou uma intrigante falta de conformidade à regra. (Freud, 1893/1996, p.16-17).

Neste início de percurso, já fica claro a ambos que a histeria não era mero “fingimento” como acreditava muitos médicos da época. Já existe uma espécie de estrutura lógica por baixo da formação destes sintomas. A posteori a noção de uma estrutura lógica- fora da consciência- vai desembocar nas teorias de Freud sobre as formações inconscientes como causadoras dessas psicopatologias de cunho psíquico. Assim começa a se esboçar o campo psicanalítico: doenças de cunho psíquico, causadas por uma estrutura lógica que age fora da esfera psíquica da mente do paciente.

Suas pesquisas o levam a trabalhar com a importância dos traumas como elemento da origem- histórica- desses sintomas:

O trauma deve satisfazer a certas condições. Deve ser grave - isto é, ser de uma espécie que envolva a ideia de perigo mortal, de uma ameaça à vida. Mas não deve ser grave no sentido de pôr termo à atividade psíquica. De outra forma, não produziria o resultado que esperamos dele. (Freud, 1893/1996, p.17).

Esse trauma inicial está então determinado como um trauma que trará uma grande ameaça a vida- mas do ponto de vista psíquico- não sendo necessariamente um risco do ponto de vista físico. O sujeito precisa estar, de uma certa forma, com suas atividades psíquicas integras no momento do trauma. Isto determinava o escopo onde se buscava essa fenomenologia da histeria. Freud traz até nós um exemplo bem claro:

Suponhamos que uma pesada tora de madeira caia sobre o ombro de um trabalhador. O golpe o derruba, mas ele logo verifica que nada ocorreu e vai para casa com uma ligeira contusão. Passadas algumas semanas ou meses, ele acorda certa manhã e observa que o braço submetido ao trauma pende flácido e paralisado, embora, no intervalo, que poderíamos chamar de período de incubação, ele o tenha utilizado perfeitamente bem. Se se tratar de um caso típico, é

possível que sobrevenham ataques peculiares - que, depois de uma aura, o sujeito desfaleça repentinamente, fique muito agitado e se torne delirante: e, se falar em seu delírio, sua fala talvez mostre que a cena do acidente está sendo repetida nele, acrescida talvez de vários quadros imaginários. (Freud, 1893/1996, p.17).

Freud é bem descritivo. O trauma em si não causa um dano permanente físico, pois o sujeito utiliza o braço normalmente após esse ter ocorrido. No entanto o dano aparece depois, demonstrando que foi causado por fenômenos psíquicos. Outro elemento já aparece, que constituirá o cerne das teorias psicanalíticas- a repetição. Na mente do trabalhador o trauma se repete inúmeras vezes, sendo que este fenômeno pode ocorrer até no estado onírico.

O método da hipnose preconizado por Charcot consistia em:

Charcot explica o processo reproduzindo-o, induzindo artificialmente o paciente à paralisia. Para promover isso, ele precisa de um paciente que já se encontre num estado histérico; requer ainda o estado de hipnose e o método da sugestão. Ele hipnotiza profundamente um paciente desse tipo e então golpeia seu braço levemente. O braço pende; fica paralisado e exhibe precisamente os mesmos sintomas que ocorrem na paralisia traumática espontânea. O golpe também pode ser substituído por uma sugestão verbal direta: "Veja! Seu braço está paralisado!" Também nesse caso a paralisia apresenta as mesmas características. (Freud, 1893/1996, p.17).

Tendo um paciente em estado hipnótico, Charcot simulava um trauma físico leve ou aplicava uma sugestão e com isso via-se aparecer os mesmos sintomas da doença histérica. O estado hipnótico parecia deixar o paciente suscetível a que uma causa física ou uma sugestão produziu-se fenômenos psíquicos que causariam o dano. Assim, não era por um dano físico que o paciente não mexia o braço, mas era porque fenômenos psíquicos o impediam de mexer o braço. Demonstrava-se assim o poder da psique sobre o corpo, embora o paciente não fizesse isso conscientemente. Sua mente o fazia adoecer à revelia de sua consciência. Freud teoriza o fato de o trauma poder ser substituído por uma sugestão sem isso afetar o curso da patologia:

Se o trauma num deles pode ser substituído, no outro, por uma sugestão verbal, é plausível supor que uma ideia dessa natureza seja responsável pelo desenvolvimento da paralisia também no caso de paralisia traumática espontânea. E, de fato, muitos pacientes relatam que, no momento do trauma, tiveram realmente a sensação de que seu braço estava esmagado. Se assim for, é realmente possível considerar

o trauma como equivalente completo da sugestão verbal. (Freud, 1893/1996, p.17-18).

A ideia de que o trauma esmagou o braço resultará em forças psíquicas que paralisaram o braço, mesmo que este não tenha recebido nenhum dano físico. Freud reconhece aqui a importância dos processos psíquicos e seu poder de atuação no corpo físico.

A seguir Freud vai investigar outro ponto de crítica. Como explicar o mesmo fenômeno no trabalhador, se ele não estava induzido a um estado hipnótico no momento do trauma:

Para que a ideia “seu braço está paralisado” pudesse provocar uma paralisia no paciente, seria necessário que ele estivesse em estado hipnótico. Mas o trabalhador não se achava em estado hipnótico. Ainda assim, podemos presumir que se encontrasse num estado de espírito especial durante o trauma; e Charcot se inclina a equiparar esse afeto com o estado de hipnose artificialmente induzido. Sendo assim, a paralisia traumática espontânea fica completamente explicada e se torna paralela à paralisia produzida por sugestão; e a gênese do sintoma é determinada de modo inequívoco pelas circunstâncias do trauma. (Freud, 1893/1996, p.18).

Charcot compara um certo “estado de espírito” ao transe hipnótico. Isso significa, grosso modo, que não é preciso determinar com exatidão qual é este estado, mas sim que uma ideia é tomada com força como uma sugestão hipnótica. Poderíamos abrir um paralelo e citar um outro exemplo. Imaginemos que um trabalhador não esteja conseguindo realizar seu ofício com competência; ele está ansioso e preocupado com esta situação. Então seu chefe lhe diz “você é um incompetente!”. O estado em que o trabalhador se encontrava o fazia se sentir incompetente e tendo recriminações contra si próprio. A fala do seu chefe vem assim de encontro ao estado que ele acreditava se encontrar. Ela passa, de uma simples fala- de uma opinião do chefe- para uma sugestão: uma ideia muito poderosa. Em resumo, a argumentação de Freud é demonstrar como algo totalmente psíquico- uma ideia- pode ter um poder tão grande que cause, do ponto de vista dos sintomas, uma patologia física. Quer dizer, a patologia pode ser física, mas sua causa inteiramente psíquica. E os trabalhos de Charcot apontavam para essa conclusão. Freud relata como realizavam seu trabalho:

Nosso procedimento era a consideração de cada sintoma, em separado, e a indagação das circunstâncias em que ele tinha aparecido pela primeira vez; nos esforçávamos, desse modo, por chegar a uma ideia clara da causa precipitante que talvez tivesse determinado aquele sintoma. Mas não se deve supor que essa seja uma tarefa simples. (Freud, 1893/1996, p.18).

A seguir ele nos dá um relato mais pormenorizado

É assim: os pacientes devem ser colocados em hipnose e então indagados sobre a origem de algum sintoma particular - quando apareceu e o que lembram em conexão com ele. Enquanto se acham nesse estado, a memória, que não lhes era acessível no estado de vigília, retorna. Assim aprendemos, para dizê-lo em termos grosseiros, que há uma experiência afetivamente marcante por trás da maioria dos fenômenos da histeria, se não de todos; e mais, que essa experiência é de tal ordem que torna imediatamente inteligível o sintoma com que se relaciona, mostrando uma vez mais, por conseguinte, que sintoma é inequivocamente determinado. (Freud, 1893/1996, p.19).

Freud traz elementos aqui que continuarão presentes na psicanálise. Um determinado estado de relaxamento, que seja propício ao surgimento de lembranças que estão encobertas- no futuro se conseguirá um efeito semelhante, com a técnica do divã e da associação livre. Em segundo lugar uma experiência afetiva traumática como causadora dos sintomas; embora Freud irá dissecar o trauma como sendo um sucedâneo de situações dolorosas psiquicamente que formaram uma cadeia, uma estrutura. No início de tudo o trauma maior, a passagem do complexo de Édipo, a perda do primeiro amor da vida: a mãe. Mas o ponto mais importante que Freud salienta aqui: essa experiência afetiva- o trauma- que causou os sintomas fica esquecido, velado- a posteriori recalçado, é o termo que Freud utilizará- mas, mesmo fora da consciência do paciente, ele continua atuante. Daí o fato de existirem os sintomas patológicos.

Para entendermos a psicanálise, o ponto a seguir é de suma importância. Interrogar o paciente parece não surtir efeitos. Ou seja, apelar para sua consciência racional e lógica não é suficiente para desfazer os sintomas. A consciência parece não ter poder sobre esses fenômenos psíquicos que estão causando grandes infortúnios na vida do paciente. Isso não ocorre apenas porque O evento traumático é doloroso. Não é que o paciente não queria lembrar: ele não pode. A conexão estrutural que liga o evento causal ao sintoma

não pode ser restabelecida racionalmente pelo paciente. A hipnose tem aqui seu papel, servir como método de relembrar lembranças dolorosas. Há de se crer que Freud conseguirá o mesmo resultado no futuro, substituindo a hipnose pela técnica do divã e da associação livre. O objetivo é o mesmo, trazer à tona uma lembrança esquecida. Essas lembranças de eventos traumáticos vão possibilitar ao médico demonstrar como elas são a causa verdadeira dos sintomas. O trabalho do médico (que será o do psicanalista no futuro) será remontar esse enigma do sintoma, a partir das lembranças que o paciente traz e demonstrando como elas fundaram uma estrutura que sustenta a sintomatologia atual. Somente feito esse trabalho, preenchendo as lacunas de memória que o paciente possui, é que finalmente a consciência racional do paciente se dará conta, por assim dizer, dos nexos de seus sintomas. Assim nos parece que a consciência só conseguirá pensar logicamente e racionalmente esses sintomas quando essas lacunas forem preenchidas. Com isso o sintoma deverá se desvanecer.

Na grande maioria dos casos não é possível estabelecer o ponto de origem através da simples interrogação do paciente, por mais minuciosamente que seja levada a efeito. Isso se verifica, em parte, porque o que está em questão é, muitas vezes, alguma experiência que o paciente não gosta de discutir; mas ocorre principalmente porque ele é de fato incapaz de recordá-la e, muitas vezes, não tem nenhuma suspeita da conexão causal entre o evento desencadeador e o fenômeno patológico. Via de regra, é necessário hipnotizar o paciente e provocar, sob hipnose, suas lembranças da época em que o sintoma surgiu pela primeira vez; feito isso, torna-se possível demonstrar a conexão causal da forma mais clara e convincente. (Freud, 1893/1996, p.19).

Os trabalhos de Freud parecem apontar que, por maior que seja a capacidade cognitiva do pensamento racional humano, os sintomas neuróticos permanecem como enigmas insolucionáveis. Se não fosse assim, não existiria neurose, uma patologia que Freud determinará como estrutura presente em quase todos seres humanos- as outras estruturas, perversão e psicose, serão patologias mais graves. A mente racional não consegue solucionar os sintomas, não por falta de capacidade de raciocinar, mas por incapacidade de lembrar. As lembranças estão lá, mas ocultas, reprimidas.

A infância será um tempo determinante como causadora de muitos sintomas que persistem na vida do paciente, mesmo que este já seja adulto. Nas

palavras de Freud (1983, p.20), “Com grande frequência, é algum fato da infância que estabelece um sintoma mais ou menos grave, que persiste durante os anos subsequentes”.

A força do que desencadeou o sintoma é tão poderosa que faz o sintoma persistir por décadas às vezes, mantendo sua força de atuação mesmo com a passagem do tempo. Ela será tão poderosa que até se destacará de outros fenômenos que possam ocorrer, mantendo assim sua prevalência como causadora do sintoma:

Muitas vezes, a ligação é tão nítida que se torna bem evidente como foi que o fato desencadeante produziu um dado fenômeno específico, de preferência a qualquer outro. Nesse caso, o sintoma foi de forma bem óbvia determinado pela causa desencadeadora. (Freud, 1893/1996, p.20).

2.6 A cura terapêutica

Nestes primórdios do nascimento da psicanálise, a cura da patologia histérica se dará pela lembrança do fato causador do sintoma. Para haver uma boa cura, Freud observa que é necessário que o fato possa vir à tona em todos os seus detalhes e, quanto mais o paciente relata este fato repetidas vezes, mais promissor será alcançar uma cura. É de se pontuar que não basta uma lembrança fria e racional. É necessário que o afeto ligado a lembrança esteja presente. Em uma metáfora exemplificadora, não basta lembrar de quando tomamos um sorvete no calor do verão. É preciso lembrar o sabor do sorvete, sua doçura, o abrandamento do calor escaldante ao tomá-lo, o regozijo de sorvê-lo, etc. É um lembrar vívido, quase como se estivéssemos revivendo a situação. Mesmo os estímulos físicos, como espasmos, nevralgias, etc. vão reaparecer uma vez mais, serão encenados antes de sumirem para sempre.

É que verificamos, a princípio com grande surpresa, que cada sintoma histérico individual desaparecia, de forma imediata e

permanente, quando conseguíamos trazer à luz com clareza a lembrança do fato que o havia provocado e despertar o afeto que o acompanhara, e quando o paciente havia descrito esse fato com o maior número de detalhes possível e traduzido o afeto em palavras. A lembrança sem afeto quase invariavelmente não produz nenhum resultado. O processo psíquico originalmente ocorrido deve ser repetido o mais nitidamente possível; deve ser levado de volta a seu status *nascendi* e então receber expressão verbal. Quando aquilo com que estamos lidando são fenômenos que envolvem estímulos (espasmos, nevralgias e alucinações), estes reaparecem mais uma vez com intensidade máxima e a seguir desaparecem para sempre. As deficiências funcionais, tais como paralisias e anestésias, desaparecem da mesma maneira, embora, é claro, sem que a intensificação temporária seja discernível. (Freud, 1893/1996, p.20).

A famosa frase histórica de Freud, *o neurótico não se lembra, ele repete*, traz aqui toda a força de sua intensidade. Existe uma lembrança reprimida. Esta lembrança, por sua própria força, causará um sintoma. O neurótico não consegue trazer essa lembrança à memória. Tudo que lhe resta é o sintoma, que permanece atuante no presente. Há uma questão de temporalidade dentro dessa métrica freudiana. A lembrança de algo do passado parece estar tão oculta que é como se ela nem mesmo existisse. São os sintomas do presente que denunciam sua existência. Os sintomas são uma repetição de algo como um mecanismo- ou estrutura- que permanece se repetindo. São enigmáticos, porque sua causa está perdida no tempo. Mas ao mesmo tempo, a causa supera a temporalidade, fato observado pela repetição dos sintomas. A causa está velada, mas atuante. Por isso seus efeitos ainda no presente. A repetição irá perdurar no futuro: esse é o prognóstico dos sintomas não tratados. A terapêutica desvela a lembrança causadora; não apenas a revela, mas a revela com todos os sentimentos e estados de espírito que sentimos quando ela aconteceu. O evento traumático é então revivido, por assim dizer, em toda sua plenitude. A lembrança é assim trazida à tona com todos os afetos e sentimentos que ela produz em nós. Toda essa espécie de revivência psíquica parece ser o berço da cura psicanalítica. É uma 'cura' delimitada pela metodologia de Freud, portanto o conceito de 'cura' só pode ser pela fala, pelo retorno ao campo do diálogo saudável que a patologia impede

Discurso livre de coerção e racional deve 'curar' a falsa consciência social, do mesmo modo como o diálogo psicoterapêutico conduz o doente de volta para a comunidade do diálogo. Efetivamente, o *curar* pelo diálogo é um fenômeno eminentemente hermenêutico para

o qual, sobretudo, Ricoeur e Lacan discutiram novamente as bases teóricas. É claro que o alcance da analogia entre as doenças do espírito e doenças da sociedade é duvidoso. (STEIN, 1983, p.37)

Todavia, nunca é demais acentuarmos que Freud não considera, ao longo de seus trabalhos, que haja um único trauma específico; serão uma constelação de traumas encadeados- mais ou menos poderosos- que formarão a causa dos sintomas. E na patologia da neurose aparecerão diversos sintomas, não apenas um em específico. Não podemos inferir que seja uma relação de um a um. Acredito que um sintoma pode ter várias causas, assim como uma causa pode gerar vários sintomas.

2.7 O aparelho psíquico para além do princípio do prazer

Na esteira da evolução das teorias freudianas, encontramos outros elementos que nos permitem situar melhor o que será concebido como o campo de trabalho da psicanálise. Freud apresenta que suas construções teóricas não se tratam de especulações filosóficas ou intuições, haja visto que, a priori, elas devem obrigatoriamente nascer das observações que são feitas no trabalho clínico do atendimento de pacientes. É a partir do relato das observações clínicas que Freud construirá suas teorias:

Com relação a isso, não nos interessa indagar até onde, com a hipótese do princípio de prazer, abordamos qualquer sistema filosófico específico, historicamente estabelecido. Chegamos a essas suposições especulativas numa tentativa de descrever e explicar os fatos da observação diária em nosso campo de estudo. A prioridade e a originalidade não se encontram entre os objetivos que o trabalho psicanalítico estabelece para si, e as impressões subjacentes à hipótese do princípio de prazer são tão evidentes, que dificilmente podem ser desprezadas. (FREUD, 1920/1996, p. 5-6).

Este ponto é importante para diferenciar a psicanálise do trabalho teórico filosófico. O princípio do prazer, postulado por ele, acha-se inexoravelmente

presente no trabalho clínico. Na base deste princípio, está a determinação do aparelho psíquico de manter a quantidade de excitação o mais baixo ou mais constante possível. Crê-se que, sendo assim, o aparelho psíquico pode manejar melhor essas excitações e manter-se funcional, garantido um pleno controle de suas atividades. Nesta conclusão, tudo que aumente as excitações vai no caminho contrário, sendo, portanto, desprazeroso. Nas palavras de Freud:

Os fatos que nos fizeram acreditar na dominância do princípio de prazer na vida mental encontram também expressão na hipótese de que o aparelho mental se esforça por manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou, pelo menos, por mantê-la constante. Essa última hipótese constitui apenas outra maneira de enunciar o princípio de prazer, porque, se o trabalho do aparelho mental se dirige no sentido de manter baixa a quantidade de excitação, então qualquer coisa que seja calculada para aumentar essa quantidade está destinada a ser sentida como adversa ao funcionamento do aparelho, ou seja, como desagradável. (FREUD, 1920/1996, p. 6-7).

Este princípio do prazer será um funcionamento primário do aparelho psíquico. Por primário entende-se que ele vem em primeiro, será o primeiro a operar dentro deste aparelho. Todavia, conforme vamos nos relacionando com uma realidade externa, um funcionamento de tal ordem pode até ser perigoso, como Freud nos lembra. Ele deve ceder aos instintos de autoconservação do Eu. Sabemos que, em sua obra, Freud não falará mais de instintos- esse termo terá um cunho mais biológico característico dos animais. Freud utilizará o termo *pulsão*¹³, um constructo que conceitua o elo corpo-psique. Algo que está a pulsar, uma força energética nascida deste elo corpo-psique¹⁴. Do contato do

¹³ Em *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, de 1905, Freud apresenta o conceito de *Trieb*, e que será mais tarde desenvolvido, em um texto de 1915, *Triebe und Triebchicksale* (e também em outros vários textos). Mas é em um texto de 1911, *Formulações sobre os dois Princípios de Funcionamento Mental*, que a articulação entre a teoria da representação, o conceito de fantasia e o de *Trieb* estará mais clara. A fantasia e o processo de pensamento serão formas de lidar com o *Drang* [pressão] de *Trieb*. Assim, podemos pensar *Trieb* como uma pressão no sentido de satisfação que exige uma ação modificadora da realidade externa da pessoa. (ESTÊVÃO, 2012, p.88).

¹⁴ Vários autores se dedicam a essa questão: Jacques Lacan, em seu seminário e outros trabalhos, adentra diversas vezes o tema. Cf., por exemplo, LACAN, J. "Televisão" in *Outros Escritos*. Trad. de V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 527. Laplanche e Pontalis tratam dela em seu famoso *Vocabulário de Psicanálise*. Cf. LAPLANCHE J. & PONTALIS, B. P. *Vocabulário de Psicanálise*. Trad. P. Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1994, pp. 394-420. O próprio James Strachey se justifica, no primeiro volume das *Obras Psicológicas Completas*. Cf. STRACHEY, J. "Notas sobre alguns termos técnicos cuja tradução requer explicação" in FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. I. Rio de Janeiro:

aparelho psíquico com o mundo externo surgirá o princípio da realidade. Embora o aparelho ainda conserve o princípio do prazer em seu âmago, ele deve atender agora ao outro princípio; surge a necessidade de renúncia ao prazer, adiamento deste, aceitação temporária do desprazer etc. O aparelho agora está dividido pela primeira vez, buscando atender aos desígnios de ambos princípios, para garantir a sobrevivência do ser humano:

Sabemos que o princípio de prazer é próprio de um método primário de funcionamento por parte do aparelho mental, mas que, do ponto de vista da autopreservação do organismo entre as dificuldades do mundo externo, ele é, desde o início, ineficaz e até mesmo altamente perigoso. Sob a influência dos instintos de autopreservação do ego, o princípio de prazer é substituído pelo *princípio de realidade*. Esse último princípio não abandona a intenção de fundamentalmente obter prazer; não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer. (FREUD, 1920/1996, p. 7).

Vemos neste texto que Freud está criando o esquema de funcionamento do aparelho psíquico. Com base em suas investigações clínicas, ele se depara com enormes quantidades de forças atuando dentro do mesmo. O esquema será configurado então em um pressuposto energético. Haverá o surgimento então, topologicamente, de áreas espaciais configuradas de acordo com a predominância e intensidade dessas forças. O modelo energético se configura por movimentações de forças, formando assim uma malha espacial, permitindo a Freud reorganizar o aparelho psíquico em uma geografia nascida da movimentação energética de várias forças. Energia torna-se geografia espacial. Os contornos do espaço vão saltando aos olhos:

Quase toda a energia com que o aparelho se abastece, origina-se de seus impulsos instintuais inatos, mas não é a todos estes que se permite atingir as mesmas fases de desenvolvimento. No curso das

Imago, 2006, pp. 31-2. Aqui no Brasil, temos, por exemplo, as posições de dois tradutores brasileiros de Freud, Paulo César de Souza e Luiz Alberto Hanns. Cf. SOUZA, P. C. *As Palavras de Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 240-278; Cf. HANNS, L. A. “Comentários do Editor” in FREUD, S. *Pulsões e Destinos da Pulsão*. Obras Psicológicas de Sigmund Freud, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2004, pp. 137-144. Pedro Heliodoro Tavares publicou um interessante artigo comparando as posições dos dois tradutores brasileiros, artigo com o qual concordamos em muitos pontos. Cf. TAVARES, P. H. As “derivadas” de um conceito em suas traduções: o caso do *Trieb* freudiano. *Trabalhos de linguística aplicada*, Campinas, v. 50, n. 2, Dez. 2011, pp. 379-392. (ESTÊVÃO, 2012, p.81).

coisas, acontece repetidas vezes que instintos individuais ou parte de instintos se mostrem incompatíveis, em seus objetivos ou exigências, com os remanescentes, que podem combinar-se na unidade inclusiva do ego. Os primeiros são então expelidos dessa unidade pelo processo de repressão, mantidos em níveis inferiores de desenvolvimento psíquico, e afastados, de início, da possibilidade de satisfação. Se subsequentemente alcançam êxito – como tão facilmente acontece com os instintos sexuais reprimidos - em conseguir chegar por caminhos indiretos a uma satisfação direta ou substitutiva, esse acontecimento, que em outros casos seria uma oportunidade de prazer, é sentida pelo ego como desprazer. (FREUD, 1920/1996, p. 8).

Toda a reserva de energia que organiza o aparelho parece ter origem nesses impulso instintuais natos- pulsões, numa definição a rigor- que obedecem ao princípio do prazer. Conforme o aparelho se especializa(evolui), partes dessas pulsões precisam reorientar suas metas. Parece-me que, se antes as pulsões movimentam-se livremente dentro do aparelho psíquico, buscando unicamente serem satisfeitas, com o contato da realidade esses movimentos psíquicos vão se tornar mais intrincados, oscilando entre a satisfação de dois princípios. Grosso modo, em um primeiro tempo temos pulsões que buscam sua satisfação. Correm em uma única direção. Agora, com o contato da realidade, as pulsões precisam serem remanejadas. Nem todas podem alcançar seu objetivo. A metáfora talvez seria do curso de água de um rio; ele será represado, mudará de curso, etc. Tudo isso visando um uso mais eficiente do rio, o que Freud chama aqui de mecanismos de autopreservação do Eu. Estes mecanismos têm como objetivo a manutenção da vida do sujeito. Portanto, surge uma contradição. A satisfação de uma pulsão em seu estado primário de funcionamento obedecendo ao princípio do prazer pode ser desprazerosa ao Eu pelo fato de ir em sentido contrário ao princípio da realidade. Isto é simples de entender: ela era prazer ao ser satisfeita, mas gera desprazer ao Eu quando este nota que ela pode pôr em risco a manutenção da vida. Segundo Freud, este é o pilar da noção de patologia. Ela será modificada no seu conceito psicanalítico de neurose:

Os pormenores do processo pelo qual a repressão transforma uma possibilidade de prazer numa fonte de desprazer ainda não estão claramente compreendidos, ou não podem ser claramente representados; não há dúvida, porém, de que todo desprazer neurótico é dessa espécie, ou seja, um prazer que não pode ser sentido como tal. (FREUD, 1920/1996, p. 8).

2.8 Os sonhos e o aparelho psíquico

Os sonhos apresentarão um desafio analítico à Freud. Ao defini-los como sendo uma *realização do desejo*, imersos, portanto, no princípio do prazer, resta como enigma os sonhos traumáticos.

Estes sonhos têm como principal característica a repetição de uma situação angustiante. À primeira vista, parecem comprovar a força e intensidade deixada pelo trauma na mente humana

Ora, os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas possuem a característica de repetidamente trazer o paciente de volta à situação de seu acidente, numa situação da qual acorda em outro susto. Isso espanta bem pouco as pessoas. Pensam que o fato de a experiência traumática estar-se continuamente impondo ao paciente, mesmo no sono, se encontra, conforme se poderia dizer, fixado em seu trauma. (FREUD, 1920/1996, p. 9).

Mas se as pesquisas clínicas de Freud o levam a outra concepção de funcionamento do aparelho psíquico, o mecanismo dos sonhos traumáticos também necessita ser trabalhado sobre outro ângulo. Dois elementos são destacados por Freud: primeiro, se tal noção acima estivesse correta- da força do trauma- então isso significaria que, na vida de vigília, ele também se repetiria. Não é o que as observações demonstram. Ao contrário, os doentes parecem desejar fazer tudo para não relembrar os fatos angustiantes da situação traumática. As observações clínicas de Freud contradizem o argumento da intensidade do trauma como causador do seu retorno. Freud não se evade das argumentações teóricas. Ele não despreza um argumento apenas porque não o acha tão correto ou discorda do seu ponto de vista. Fazer isto seria talvez ceder a um orgulho narcísico. Ele nunca pode ter a devida certeza de porque está escolhendo tal argumento como válido, pois sabe que o aparelho psíquico prega truques em nós. O fio de prumo que vai lhe dar a certeza da validade de suas teorias precisa ser o trabalho clínico.

Em segundo lugar, seria mais congruente que os doentes sonhassem com o prazer da cura, deixando intacto assim o princípio do prazer na vida onírica

Não é de meu conhecimento, contudo, que pessoas que sofrem de neurose traumática estejam muito ocupadas, em suas vidas

despertas, com lembranças de seu acidente. Talvez estejam mais interessadas em *não* pensar nele. Qualquer um que aceite, como algo por si mesmo evidente, que os sonhos delas devam à noite fazê-las voltar à situação que as fez cair doentes, compreendeu mal a natureza dos sonhos. Estaria mais em harmonia com a natureza destes, se mostrassem ao paciente quadros de seu passado sadio ou da cura pela qual esperam. (FREUD, 1920/1996, p. 9).

Ou Freud reformula sua teoria dos sonhos como realização de desejos, ou encontra outra explicação mais plausível. Novamente devemos ressaltar que o arcabouço conceitual de Freud deve estar intrinsecamente ligado as suas observações clínicas do atendimento de pacientes que ele realiza cotidianamente. Da clínica do masoquismo virá a resposta, nas tendências masoquistas presentes na instância do Eu; embora os sonhos sejam regidos pela busca do prazer, mesmo na vida onírica haverá desvios destes objetivos, implicando que os mecanismos de defesa do Eu não estão anulados, apenas abrandados no estado onírico

Se não quisermos que os sonhos dos neuróticos traumáticos abalem nossa crença no teor realizador de desejos dos sonhos, teremos ainda aberta a nós uma saída: podemos argumentar que a função de sonhar, tal como muitas pessoas, nessa condição está perturbada e afastada de seus propósitos, ou podemos ser levados a refletir sobre as misteriosas tendências masoquistas do ego. (FREUD, 1920/1996, p. 9).

Ao contrário do argumento de que os sonhos são caóticos e sem sentido, Freud descobre que eles têm uma grande importância e estão profundamente ligados a vida de vigília. Este ponto é descoberto por ele no trabalho clínico das psicopatologias. Novamente, ressaltamos que a importância dos sonhos não é uma decisão ou escolha pessoal de Freud, mas ela foi imposta pela ética do trabalho clínico. Mas antes de Freud, outros pesquisadores já se deram conta que os sonhos possuem seu papel na psique humana

Aristóteles estava ciente de algumas características da vida onírica. Sabia, por exemplo, que os sonhos dão uma construção ampliada aos pequenos estímulos que surgem durante o sono. “Os homens pensam estar caminhando no meio do fogo e sentem um calor enorme, quando há apenas um pequeno aquecimento em certas partes.” E dessa circunstância infere ele a conclusão de que os sonhos podem muito bem revelar a um médico os primeiros sinais de alguma alteração corporal que não tenha sido observada na vigília. (FREUD, 2018, p.22).

As perspectivas que se abriram para Freud a partir de seu trabalho na clínica não eram novidades para a humanidade. Os antigos já haviam percebido que os sonhos eram muito mais do que meras imagens caóticas. Freud resgata essa sabedoria perdida que traz algo da verdade dos fenômenos que ele viu na clínica

Gruppe (1906, v. 2, p. 930) cita uma classificação dos sonhos, de Macróbio e Artemidoro, seguindo essa orientação: 'Os sonhos eram divididos em duas classes. Supunha-se que uma classe fosse influenciada pelo presente ou pelo passado, mas sem nenhum significado futuro. Abrangia o *ἐνυπνία* ou *insomnia*, que reproduzia diretamente uma certa representação ou o seu oposto — por exemplo, de fome ou sua saciação —, e o *φαντασματα*, que emprestava uma extensão fantástica à representação — por exemplo, o pesadelo ou *ephialtes*. A outra classe, ao contrário, supostamente determinava o futuro. Abrangia (1) profecias diretas recebidas num sonho (o *χρηματισμός* ou *oraculum*), (2) previsões de algum evento futuro (o *ραμα* ou *visio*) e sonhos simbólicos, que precisavam de interpretação (o *νειρος* ou *somnium*). Essa teoria persistiu durante muitos séculos.' (FREUD, 2018, p.22).

Os antigos perceberam que a verdade a respeito dos sonhos não é simplesmente revelada de forma óbvia. É necessário separar as fantasias religiosas do sobrenatural dos fenômenos que ocorrem naturalmente. Os sonhos não são adivinhações, presságios dos deuses, etc. Mas os autores antigos já notavam que havia algo de importante nos sonhos que tinha relação com a vida de vigília. Por isso, Freud faz a 'interpretação', isto é, uma justeza de análise racional que possa demonstrar qual a relação verdadeira entre os sonhos e a vida do paciente. A busca da verdade- Freud sabe bem- tem que se afastar de explicações sobrenaturais. A interpretação é a possibilidade de atingir a compreensão; ela será elevada por Freud como uma das ferramentas de trabalho fundamentais do psicanalista

Essa variação no valor que se deveria atribuir aos sonhos estava intimamente relacionada com o problema de "interpretá-los". Em geral, esperavam-se importantes consequências dos sonhos. Mas nem todos eles eram imediatamente compreensíveis, e era impossível dizer se um sonho ininteligível em particular não estaria fazendo alguma comunicação importante. (FREUD, 2018, p.22).

A interpretação freudiana vai trabalhar todo o campo recém descoberto do inconsciente. A psicanálise realiza assim uma virada de paradigma, ao transpor o campo do sobrenatural ou do transcendente para um campo desconhecido pelo próprio sujeito dentro da sua mente. O estado onírico permite uma abertura maior para estímulos que vêm de dentro da psique, mas que passam despercebidos pela consciência no cotidiano

A experiência de séculos reflete-se — para citarmos um exemplo — nas observações de Strümpell sobre o assunto (1877, p. 107): “Durante o sono, a mente atinge uma consciência sensorial muito mais profunda e ampla dos eventos somáticos do que durante o estado de vigília. É obrigada a receber e a ser afetada por impressões de estímulos provenientes de partes do corpo e de modificações do corpo das quais nada sabe enquanto está desperta.” Um escritor tão antigo quanto Aristóteles já considerava perfeitamente possível que os primórdios de uma doença se fizessem sentir nos sonhos, antes que se pudesse observar qualquer aspecto dela na vida de vigília, graças ao efeito amplificador produzido nas impressões pelos sonhos. (FREUD, 2018, p.48).

Freud contrapõe a visão científica que busca reduzir tudo para causas orgânicas. Ele situa uma parte da psique que é extremamente poderosa, o inconsciente. Ele pode causar doenças e afetar consideravelmente a vida do sujeito, tanto ou mais que uma doença orgânica. As psicopatologias são doenças com uma característica metafísica, pois forças psíquicas atuam de forma poderosa, mesmo tendo suas causas orgânicas desconhecidas, se é que existem

Não obstante, qualquer coisa que possa indicar que a vida psíquica é de algum modo independente de alterações orgânicas demonstráveis, ou que suas manifestações são de algum modo espontâneas, alarma o psiquiatra moderno, como se o reconhecimento dessas coisas fosse trazer de volta, inevitavelmente, os dias da Filosofia da Natureza e da visão metafísica da natureza da mente. (FREUD, 2018, p.55).

A contraposição de Freud à ciência encontra ecos na obra de Heidegger, aonde o homem não pode ser reduzido a meras teorias objetivantes. O argumento de poder explicar tudo pela base orgânica esvazia a própria psique de sua força e a torna um fenômeno sem importância, mero fantasma de um

cérebro orgânico. As próprias considerações de Heidegger nos seminários de Zollikon criticam o reducionismo científico

Como podemos pensar o homem, sendo nós mesmos, sem o reducionismo metafísico que media o entendimento com uma teoria? O pensamento originário é aquele que faz o homem ter um contato mais direto com as coisas, sem um pensamento teorizado, reduzido na forma de uma ciência. Tendo esse novo referencial, toda a postura e o manejo clínico assumem uma nova forma, surgindo então uma relação psicoterapeuta/ paciente mais próxima da vivência real do indivíduo. Não há preocupação com conceitos teóricos construídos a partir da divisão do homem em duas instâncias: interna e externa, consciente e inconsciente, psique e corpo. Importa-nos, sim, o homem, que fala de suas vivências mais primordiais, que traz para o atendimento a sua angústia, o seu espanto diante do mundo, e que busca a compreensão a partir de um posicionamento ativo assumindo suas responsabilidades, sua liberdade para realizar escolhas. Um homem que não pode ser simplesmente classificado em uma teoria, dividido em instâncias psíquicas as quais determinam toda sua trajetória no mundo. A prática da psicoterapia é muito mais que a mera aplicação de um método e técnica instituídos. Pensar a psicoterapia a partir de uma perspectiva fenomenológico-existencial exige um questionamento sobre a compreensão do que é “ser”. (SODELLI, 2011, p.247-248).

O reducionismo científico não é apenas a pretensão de poder encontrar uma explicação para tudo, mas também o é um desprezo por aquilo que não pode ser explicado e objetivado. Essa postura científica será contrariada pela psicanálise, gerando para sempre uma ‘desconfiança’ na comunidade científica acerca desta obscura ciência do inconsciente

Na ciência contemporânea encontramos o querer dispor da natureza, o tornar útil, o poder calcular antecipadamente, o predeterminar como o processo da natureza deve se desenrolar para que eu possa agir com segurança perante ele. A segurança e a certeza são importantes. Exige-se uma certeza no querer controlar. O que se pode calcular de antemão, antecipadamente, o que pode ser medido é real e apenas isso. (HEIDEGGER, 2001, p.47).

É necessário vermos como Freud trabalha as relações entre os sonhos e a vida de vigília. Na *práxis* da clínica, ele observa seus pacientes tecerem, no próprio discurso, estas relações

Certo dia, uma de minhas pacientes estava aflita e chorosa. “Nunca mais quero voltar a ver meus parentes”, disse ela; “eles devem achar que sou horrível”. Prosseguiu então, quase sem transição alguma, dizendo que se lembrava de um sonho, embora, naturalmente,

não tivesse nenhuma ideia do que ele significava. (FREUD, 2018, p.224).

Notamos que a paciente se queixa de problemas que aconteceram na sua vida e que remetem a um sonho, uma produção que carece de interpretação para entendermos a correta relação com a queixa na vida de vigília

Quando tinha quatro anos, ela sonhara que um lince ou uma raposa 70 estava andando no telhado; então alguma coisa caíra, ou ela havia caído; e depois sua mãe fora levada para fora de casa, morta — e ela chorou amargamente. Eu lhe disse que esse sonho devia significar que, quando criança, ela teria desejado ver a mãe morta, e devia ser por causa do sonho que ela achava que seus parentes deviam considerá-la horrível. (FREUD, 2018, p.224).

Notamos o poder da linguagem (da fala) na expressão “olhos de lince”, que vão ajudar Freud a desvendar a correta interpretação do sonho. Cabe observar que o desejo de ver a mãe morta não é um desejo consciente.

Mal acabei de dizer isso, ela forneceu um material que lançou luz sobre o sonho. “Olho de lince” era um xingamento que lhe fora dirigido por um moleque de rua quando ela era muito pequena. Quando tinha três anos de idade, uma telha caíra na cabeça de sua mãe, fazendo-a sangrar violentamente. (FREUD, 2018, p.224).

A paciente sentiu-se contrariada pela mãe por algum motivo e, tomada pela paixão da fúria, quis ver a mesma longe, portanto simbolicamente morta. Esse desejo não entra na consciência *a posteriori*, mas apenas a culpa defensiva contra esse desejo mortífero. Aqui o lugar do desejo para o neurótico, formulado por Freud: ele quer realiza-lo, tomado pela força inconsequente da paixão. Mas ele não pode realizá-lo, pois isso acarreta consequências terrivelmente trágicas (a morte da mãe).

Os sonhos reconstroem o desejo na via da simbolização. Um desejo de afastar a mãe é simbolicamente representado no ato de matar a mãe, em sonho. Aqui traço um paralelo com a diferenciação realizada por Heidegger entre o estar presente e a memória. Quando quero estar presente na estação de Zurique (exemplo usado pelo filósofo), eu me dirijo até o local. Faço das minhas

percepções da vida de vigília uma espécie de fotografia consciente de estar presente na estação

No tornar presente da Estação Central de Zurique, não estamos orientados para um retrato da mesma, não para uma representação que nós fazemos dela. Estamos orientados para a estação que está lá. Se verificarmos, sem preconceito para onde estamos orientados no tornar presente, só encontramos isto: para a própria estação que está lá. O que encontramos é o primeiro resultado na tentativa de esclarecer o tornar presente com referência àquilo que é dado neste tornar presente. Este resultado, de que no tornar presente a própria Estação Central de Zurique é o que é tornado presente, não pode ser provado. O resultado não é provado; não porque falem as provas necessárias, mas porque um querer provar e a exigência de provas aqui não estão de acordo com os fatos. O que está presente *para* o tornar presente, sobre isso só o próprio tornar presente pode fornecer informações. (HEIDEGGER, 2001, p.95).

A memória, no entanto, vai trabalhar com uma recordação do ter estado presente. A memória da estação de Zurique não é o presentificar-se da estação na percepção do momento atual, mas o presentificar-se de uma representação simbólica. A memória representa, simboliza a estação, mas não a é; assim as imagens oníricas também trabalham em uma via de representações dos acontecimentos da vida de vigília. A correta interpretação dos sonhos demonstra a ligação representativa entre ambos os estados. Sempre é bom lembrar que o homem necessariamente precisa oscilar entre a vida onírica e a vida de vigília. O homem existe em ambos estados e oscila constantemente entre eles, lhe sendo impossível permanecer apenas em um constantemente.

Heidegger vai problematizar a fenomenologia da consciência demonstrando que a mente pode tornar presente (invocar) certos entes, saindo da percepção consciente do mundo ao mesmo tempo em que ainda está dentro dela. Oscila-se assim entre percepção do mundo e representações como memórias, imagos

A interpretação fenomenológica do tornar presente como um modo do estar aberto junto à Estação Central de Zurique não nos impõe que nos transportemos em pensamento daqui da sala para a estação como se tratasse de um 'estar-junto' do tipo do aparecer dos sapatos ao lado da porta. Antes, a interpretação correta do fenômeno do tornar presente, como um estar aberto junto à estação, exige que fiquemos sentados aqui e nos vejamos como aqueles que seguem a indicação contida no próprio fenômeno do tornar presente; a indicação do que está presente no tornar presente, a indicação que se identifica

a si mesma como um modo do estar-aberto junto ao que está presente. Apenas uma coisa importa, aceitar simplesmente aquilo que se mostra no fenômeno do tornar presente e nada mais. (HEIDEGGER, 2001, p.101).

A fenomenologia do estar-presente heideggeriano reconstrói a percepção da consciência dando razão a hipótese freudiana de que não somente as percepções do mundo externo são importantes, mas também as percepções advindas de dentro do aparelho psíquico o afetam de sobremaneira.

2.9 O jogo do *Fort-Da* e a repetição

Freud trará no texto do *além do princípio do prazer* a observação de uma criança que entrará para os anais psicanalíticos. É o jogo do *Fort-Da*. Em síntese, Freud observa uma criança jogar seus brinquedos para longe. É algo que vai lhe demandar um grande trabalho, quando a criança busca reencontrá-los. Enquanto joga os brinquedos, ela faz um som que significa, nas palavras da mãe e com confirmação de Freud, como *Fort* [em alemão “foi embora”]. A confirmação do significado será feita quando a criança realiza um jogo aonde amarra um carretel a um barbante e pronuncia as palavras *Fort-Da* [em alemão, “foi embora”, “está aqui”]. Ficou claro a Freud que aquela brincadeira não era apenas guiada totalmente por uma busca do prazer- haja visto o trabalho do garoto para recuperar seus brinquedos- e, portanto, devia obedecer a outro objetivo. A brincadeira consiste no aparecimento e desaparecimento, portanto uma brincadeira de repetição. O que estava sendo repetido não fazia parte do jogo, apenas seu mecanismo de funcionamento. Ou seja, há um mecanismo de jogo de aparecer-desaparecer. Freud intui que o que originou o jogo está fora do próprio jogo, como um trauma desvencilhado do mecanismo de defesa que nasce por causa deste. Assim era a descrição do jogo

Essa, então, era a brincadeira completa: desaparecimento e retorno. Via de regra, assistia-se apenas a seu primeiro ato, que era incansavelmente repetido como um jogo em si mesmo, embora não

haja dúvida de que o prazer maior se ligava ao segundo ato. (FREUD, 1920/1996, p. 10).

O jogo inventado pelo menino- de forma lógica e organizada- não explica, no entanto, de forma satisfatória o porquê o jogo foi criado com essas determinadas regras. Freud constata que uma situação angustiante para o menino, que é a ausência de sua mãe, pode ter uma ligação racional e bem lógica com o jogo, explicando o porquê de o jogo surgir e funcionar da forma que ele está estruturalmente estabelecido

A interpretação do jogo tornou-se então óbvia. Ele se relacionava à grande realização cultural da criança, a renúncia instintual (isto é, a renúncia à satisfação instintual) que efetuará ao deixar a mãe ir embora sem protestar. Compensava-se por isso, por assim dizer, encenando ele próprio o desaparecimento e a volta dos objetos que se encontravam a seu alcance. (FREUD, 1920/1996, p. 11).

Acusa-se muito a Freud de forçar suas interpretações. E de que elas são oriundas de devaneios teóricos. Essa acusação tem por sua base tomar as fantasias e atos da imaginação como coisas de menor importância. Ao serem desprezadas, em nome da primazia do raciocínio lógico, transforma-se a fantasia em algo sem valor e considera-se ela fruto da coincidência. Dizer que é fantasia torna-se semelhante a dizer que é sem importância e não interessa donde veio ou o que a sustenta.

Esse desprezo pelo viés psicanalítico só pode ser sustentado por um certo narcisismo que coloca o homem no lugar da verdade, permitindo assim explicar (objetivar) o mundo

A ciência moderna é fundamentada também no fato de que o homem coloca a si mesmo como o sujeito determinante para o qual todo ente pesquisável torna-se objeto. Isto, por sua vez, é baseado numa transformação decisiva da essência da verdade para a certeza, em consequência do que o ente verdadeiro assume o caráter de objetividade. (HEIDEGGER, 2001, p.121).

Isso permite a ciência cair no extremismo de considerar que todas as respostas e explicações podem ser encontradas e resumidas no estudo do cérebro

Quando se afirma, por exemplo, que a pesquisa do cérebro é uma ciência fundamental para o conhecimento do homem, esta afirmação implica que a relação real e verdadeira de homem para homem é uma relação mútua de processos cerebrais, que na própria pesquisa do cérebro como pesquisa nada mais acontece, a não ser que um cérebro de um certo modo - diz-se atualmente - informa um outro e nada mais. (HEIDEGGER, 2001, p.121).

As descobertas no trabalho clínico permitem a Freud sair do campo da neurologia- fundamentada na pesquisa do cérebro- para ir em direção ao tratamento de conflitivas entre processos psíquicos. Embora o cérebro seja um, os processos que ele engendra são vários e eles se opõem uns aos outros, caracterizando a psique humana como fundamentalmente uma zona de conflito.

Uma inocente brincadeira de um menino traz na verdade toda uma questão que ele vivenciou e toda uma epopeia de sua existência. Ela de fato parece sem valor; isso é importante para poder assim tornar-se consciente e poder ser racionalizada logicamente. Este será outro elemento da mente humana que Freud está trazendo para nós em suas teorias. O menino não conseguiria construir a brincadeira se estivesse consciente de todas suas implicações subjetivas. Digamos assim: o trabalho clínico demonstrou que, se eu criar um personagem em um mundo de fantasia, fica mais fácil eu falar de mim e da minha existência do que falando diretamente quem eu sou e como é meu mundo. Ameniza-se assim o peso angustiante do reconhecimento de quem eu sou no mundo que vivo. A angústia humana está por baixo de todas as psicopatologias estudadas por Freud, mas não somente nestas. Ela é pré-condição *sine qua non* da existência humana e, portanto, âmago do *Dasein*

Discutindo a essência da angústia, Boss (1975) esclarece que cada angústia humana tem um de que, do qual ela tem medo e um pelo que, pelo qual ela teme. O de que de cada angústia compreende a possibilidade real do *Dasein* de um dia não estar mais aqui. O pelo que da angústia nos remete à própria condição existencial do *Dasein*, ou seja, a responsabilidade de zelar e cuidar de sua continuidade no mundo. (SODELLI, 2011, p.249).

Se as interpretações de Freud sempre pareceram, para muitos de seus críticos, como fantasiosas, é porque as ligações que o raciocínio da mente humana realiza precisam usar vários subterfúgios. O menino não pode falar

abertamente da angústia da perda da mãe. O sofrimento psíquico requer os mecanismos de recalçamento e censura, para não afundar na angústia do sofrimento que certos fatos da vida nos trariam. Então a mente usa subterfúgios. Por isso os caminhos da lógica inconsciente não são os mesmos de uma lógica racional. Eles estão desviando-se de mecanismos de defesa, que visam o menor sofrimento psíquico para o sujeito.

O elemento traumático- a ausência da mãe- está simbolizado dentro da brincadeira. No entanto, a brincadeira completa, mostra um sofrimento que alcança um regozijo. Essa conjectura de Freud demonstra o mecanismo todo do jogo como servindo para seu propósito de proteção do aparelho psíquico frente a um grande sofrimento

A criança não pode ter sentido a partida da mãe como algo agradável ou mesmo indiferente. Como, então, a repetição dessa experiência aflitiva, enquanto jogo, harmonizava-se com o princípio de prazer? Talvez se possa responder que a partida dela tinha de ser encenada como preliminar necessária a seu alegre retorno, e que neste último residia o verdadeiro propósito do jogo. Mas contra isso deve-se levar em conta o fato observado de o primeiro ato, o da partida, ser encenado como um jogo em si mesmo, e com muito mais frequência do que o episódio na íntegra, com seu final agradável. (FREUD, 1920/1996, p. 11).

Há um outro elemento que Freud leva em consideração que serve como raciocínio para explicarmos o comportamento do masoquismo, pois ele também, aparentemente, parece contrariar a lógica na sua busca de prazer em uma dor. Será a diferença de lugar em relação a uma dada situação. Tornar-se ativo- causar a própria dor- significa ter o controle dessa dor e a quantidade que será causada

No início, achava-se numa situação *passiva*, era dominada pela experiência; repetindo-a, porém, por mais desagradável que fosse, como jogo, assumia papel ativo. Esses esforços podem ser atribuídos a um instinto de dominação que atuava independentemente de a lembrança em si mesma ser agradável ou não. (FREUD, 1920/1996, p. 11).

Existe ainda outra interpretação possível. É necessário ter em mente que o jogo pode estar satisfazendo a vários critérios. Por isso o fato dele se repetir, como um mecanismo construído à perfeição para fazer funcionar o mais

eficientemente possível. Ele se repete, também porque é extremamente eficaz ao que se dispõe atender

Mas uma outra interpretação ainda pode ser tentada. Jogar longe o objeto, de maneira a que fosse 'embora', poderia satisfazer um impulso da criança, suprimido na vida real, de vingar-se da mãe por afastar-se dela. Nesse caso, possuiria significado desafiador: 'Pois bem, então: vá embora! Não preciso de você. Sou eu que estou mandando você embora.' (FREUD, 1920/1996, p. 11).

Ele será tão eficaz que Freud o vê reaparecer anos depois em uma nova formulação nesta mesma criança

Um ano mais tarde, o mesmo menino que eu observara em seu primeiro jogo, costumava agarrar um brinquedo, se estava zangado com este, e jogá-lo ao chão, exclamando: 'Vá para a frente!' Escutara nessa época que o pai ausente se encontrava 'na frente (de batalha)', e o menino estava longe de lamentar sua ausência, pelo contrário, deixava bastante claro que não tinha desejo de ser perturbado em sua posse exclusiva da mãe. (FREUD, 1920/1996, p. 11).

A conclusão de Freud acerca das observações dessa criança lhe permitirá observar o aparelho psíquico em seus primórdios, ali aonde ele está se desenvolvendo. Se no adulto ele já está mais fortemente cristalizado, aqui ele ainda está se desenvolvendo e mostrando como irão surgir várias instâncias e conflitivas que impedem que consideremos o aparelho psíquico como uma coisa só. Ele está subdividido e essas subdivisões estão em conflito entre si. Quando Freud diz que as crianças estão brincando de ser adulto, significa que estão se preparando para a vida adulta utilizando um mecanismo de repetição que surge para lidar com situações de trauma. Situações traumática parece ser tudo aquilo que foge ao controle ou supera a capacidade do aparelho psíquico de lidar, causando com isso um grande sofrimento psíquico

É claro que em suas brincadeiras as crianças repetem tudo que lhes causou uma grande impressão na vida real, e assim procedendo, ab-reagem a intensidade da impressão, tornando-se, por assim dizer, senhoras da situação. Por outro lado, porém, é óbvio que todas as suas brincadeiras são influenciadas por um desejo que as domina o tempo todo: o desejo de crescer e poder fazer o que as pessoas crescidas fazem. (FREUD, 1920/1996, p. 11-12).

Todo o jogo do *Fort-Da* permite a Freud demonstrar como se forma uma estrutura dentro do aparelho psíquico que engloba elementos do mundo, mas também forças psíquicas atuando em conflito nas três instâncias que Freud conceituou. Para tanto ele precisa trabalhar com processos de pensamentos que funcionam fora da lógica formal (funcionam na lógica do inconsciente) mas não de forma caótica. Ele também precisa trabalhar com as pulsões, não mais instintos, o que implica afastar-se da busca de uma causa orgânica. A pulsão é um ele entre o psíquico e o orgânico certamente, mas não pode ser elucidada nem reduzida ao fator último orgânico. Freud assim precisa- pelo imperativo da ética da clínica- de afastar-se da ciência moderna. Ele assim estaria superando o problema da idolatria excessiva da ciência que será alvo de grande crítica por Heidegger. A direção do pensamento psicanalítico parece seguir o conselho heideggeriano de abandonar a absolutização incondicional do progresso

O modo como se vê a ciência e a técnica moderna faz a superstição de povos primitivos :parecer uma brincadeira de criança. Quem, pois, no atual carnaval desta idolatria (ver o tumulto, sobre a navegação espacial), ainda quiser conservar alguma reflexão, quem se dedica hoje em dia à profissão de ajudar as pessoas psiquicamente enfermas deve saber o que acontece, deve saber ,onde está historicamente; precisa esclarecer-se diariamente que aqui está operando um destino antigo do homem europeu; ele precisa pensar de maneira histórica e abandonar a absolutização incondicional do progresso em cujo rastro o ser-homem do homem ocidental ameaça sucumbir. (HEIDEGGER, 2001, p.129).

2.10 A direção do método terapêutico da psicanálise

Conforme acompanhamos o pensamento freudiano, vimos acima que o caso do *Fort-Da* demonstrou que o mecanismo de repetição encobria a lembrança da traumática separação do menino com sua mãe. Assim era de se supor que todo o mecanismo repetitivo, que surge como uma resistência, um movimento contrário para evitar eclodir a lembrança dolorosa, deveria ser suprimido. Era o caminho mais rápido, logicamente, para a “cura” da patologia do paciente

A princípio, o médico que analisava não podia fazer mais do que descobrir o material inconsciente oculto para o paciente, reuni-lo e no momento oportuno comunicá-lo a este. A psicanálise era então, primeiro e acima de tudo, uma arte interpretativa. Uma vez que isso não solucionava o problema terapêutico, um outro objetivo rapidamente surgiu à vista: obrigar o paciente a confirmar a construção teórica do analista com sua própria memória. Nesse esforço, a ênfase principal reside nas resistências do paciente: a arte consistia então em descobri-las tão rapidamente quanto possível, apontando-as ao paciente e induzindo-o, pela influência humana - era aqui que a sugestão, funcionando como 'transferência', desempenhava seu papel -, a abandonar suas resistências. (FREUD, 1920/1996, p.12).

Mas a interpretação em si parece não atingir seus efeitos. Principalmente porque essas resistências estão ocupando a mente do paciente, que lhes dá grande importância. Aparentemente, a repetição de todo esse mecanismo de defesa construído é preferível a lembrança do material reprimido

O paciente não pode recordar a totalidade do que nele se acha reprimido, e o que não lhe é possível recordar pode ser exatamente a parte essencial. Dessa maneira, ele não adquire nenhum sentimento de convicção da correção da construção teórica que lhe foi comunicada. É obrigado a *repetir* o material reprimido como se fosse uma experiência contemporânea, em vez de, como o médico preferiria ver, *recordá-lo* como algo pertencente ao passado. (FREUD, 1920/1996, p.12-13).

Cabe aqui uma explicação: na época que aconteceu o fato traumático, ele foi tão intenso que o aparelho psíquico não conseguiu lidar eficazmente com ele. Assim, recordar, não apenas como mera lembrança, mas recordar em toda sua intensidade, traz o risco de novamente o aparelho psíquico não conseguir lidar com essa lembrança. Mas este não é um perigo verdadeiro. Pelo contrário, torna-se o caminho da terapêutica. Pois é preciso ter em mente que o sujeito não vai viver o trauma em toda sua intensidade porque ele não vai reencená-lo no mundo atual. O raciocínio seria: se eu sofro um acidente de carro, não vou sofrer outro acidente de carro. Eu vou relembrar todos os detalhes do acidente de carro e todas as emoções que senti quando sofri esse acidente de carro. Embora seja semelhante, relembrar é muito diferente do que sofrer um acidente. Estaria aí o fator terapêutico.

Como o aparelho psíquico se defende do fato, relembrar para ele é semelhante a passar de novo por um acidente de carro. O sistema de defesa está tão enraizado que protege a lembrança do acidente com medo de reviver o

sofrimento psíquico que houve no acidente. Assim, ele repete, mas agora protegendo o sujeito de uma memória que não poderia feri-lo como o acidente feriu. Mas ao proteger de um perigo inexistente- que se perdeu nas eras do tempo- acaba sendo um comportamento ineficaz e, portanto, patológico. A lembrança reprimida quer vir à tona- o que representa que ela está atemporalmente presa na mente- e cada vez que tenta isso aciona a defesa, que se repete. Somente com a lembrança vindo a consciência é que a mesma pode ser relembrada em toda sua vivacidade, esvanecendo-se assim e por conseguinte a patologia desaparecendo para sempre. Talvez pelo reconhecimento que a lembrança faz parte de um passado perdido. Então não há necessidade do mecanismo de defesa contra ela permanecer ativo.

O médico empenha-se por manter essa neurose de transferência dentro dos limites mais restritos; forçar tanto quanto possível o canal da memória, e permitir que surja como repetição o mínimo possível. A proporção entre o que é lembrado e o que é reproduzido varia de caso para caso. O médico não pode, via de regra, poupar ao paciente essa face do tratamento. Deve fazê-lo reexperimentar alguma parte de sua vida esquecida, mas deve também cuidar, por outro lado, que o paciente retenha certo grau de alheamento, que lhe permitirá, a despeito de tudo, reconhecer que aquilo que parece ser realidade é, na verdade, apenas reflexo de um passado esquecido. Se isso puder ser conseguido com êxito, o sentimento de convicção do paciente será conquistado, juntamente com o sucesso terapêutico que dele depende. (FREUD, 1920/1996, p.13).

Via de regra, o caminho da análise é bastante claro. Diminuir as resistências para que assim diminuir a repetição e procurar atingir as recordações reprimidas. Ressalta-se o elemento importante que a lembrança é parte de um passado, ou seja, já não existe mais nem pode se repetir. Apenas o comportamento de se defender da lembrança está sendo repetido.

A fim de tornar mais fácil a compreensão dessa 'compulsão à repetição' que surge durante o tratamento psicanalítico dos neuróticos, temos acima de tudo de livrar-nos da noção equivocada de que aquilo com que estamos lidando em nossa luta contra as resistências seja uma resistência por parte do *inconsciente*. O inconsciente, ou seja, o 'reprimido', não oferece resistência alguma aos esforços do tratamento. Na verdade, ele próprio não se esforça por outra coisa que não seja irromper através da pressão que sobre ele pesa, e abrir seu caminho à consciência ou a uma descarga por meio de alguma ação real. (FREUD, 1920/1996, p.13).

A metodologia freudiana do uso da fala (linguagem) como caminho para a terapêutica demonstra que a psicanálise, desde seus primórdios, trata da linguagem como mais que um mero meio de comunicação. Freud aproxima-se assim do entendimento heideggeriano de linguagem:

Linguagem aqui não é compreendida como uma capacidade de comunicação, mas a abertura, original e preservada, de diversas maneiras pelo homem, daquilo que é. Visto que o homem é ser-com, que permanece essencialmente relacionado com o outro, a linguagem como tal é discurso. Hölderlin diz: 'A partir do diálogo nós somos'. (Celebração da paz) [Friedenfeier]. Pode-se dizer mais claramente: na medida em que somos diálogo, o ser-com faz parte do ser homem. (HEIDEGGER, 2001, p. 165).

O diálogo representa assim essa relação que temos com o outro. Será uma relação que se dá dentro do caminho da fala. A linguagem se presentifica no setting psicanalítico na fala direcionada do paciente ao analista, uma relação do sujeito com o seu semelhante. A terapêutica ocorre com a dissolução de certos padrões de comportamento e/ou de pensamento que se instalaram na infância do sujeito e impedem o bom fluir de seu diálogo com seus semelhantes.

2.11 O sexual e o aparelho psíquico

Freud clarifica suas observações clínicas nos fazendo notar que não se trata apenas de um conflito entre o que está consciente e o que é inconsciente. Os conflitos psíquicos são mais complexos pois eles dizem respeito a uma parte da psique que não pode ascender a consciência, enquanto outra parte realiza um movimento de repressão para que isso ocorra. Existirá um jogo de forças

A resistência durante o tratamento origina-se dos mesmos estratos e sistemas mais elevados da mente que originalmente provocaram a repressão. Mas o fato de, como sabemos pela experiência, os motivos das resistências e, na verdade, as próprias resistências serem a princípio inconscientes durante o tratamento, é-nos uma sugestão para que corrijamos uma deficiência de nossa terminologia. Evitaremos a falta de clareza se fizermos nosso contraste

não entre o consciente e o inconsciente, mas entre o ego coerente e o *reprimido*. (FREUD, 1920/1996, p.13).

Assim o jogo de forças se passa entre esses dois elementos, uma resistência ao material vir à tona e uma compulsão a repetição, que indica que o material reprimido deseja aceder à consciência. A resistência estará situada no Eu, enquanto aquilo que está reprimido vem do Id, parecendo ser eminentemente inconsciente, por ser regida pelo princípio do prazer na sua forma mais primária e arcaica. As resistências, embora sejam bastante racionais, também possuem elementos inconscientes, por isso Freud não define apenas como uma batalha inconsciente-consciência:

Havendo substituído uma terminologia puramente descritiva por outra sistemática e dinâmica, podemos dizer que as resistências do paciente originam-se do ego, e então imediatamente perceberemos que a compulsão à repetição deve ser atribuída ao reprimido inconsciente. Parece provável que a compulsão só possa expressar-se depois que o trabalho do tratamento avançou a seu encontro até a metade do caminho e que afrouxou a repressão. (FREUD, 1920/1996, p.13).

A repetição em si gera um sofrimento. Porque ela traz experiências do passado que geraram sofrimento. Se todo o mecanismo de repetição está ligado a uma defesa de algum conteúdo desprazeroso, isso indica que o fato do qual a defesa se protege foi e permanece desprazeroso

Contudo, chegamos agora a um fato novo e digno de nota, a saber, que a compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos instintuais que desde então foram reprimidos. (FREUD, 1920/1996, p.14).

Para Heidegger o recalcado deve ser entendido como uma dor que faz parte da minha existência, ela habita o meu experienciar do meu *Dasein*, mas a fuga desta dor é uma possibilidade, que me permite desviar de estar consciente da existência desta dor. Em Freud há todo um mecanismo de defesa que procura manejar uma dor consciente. Em Heidegger sua sutil explicação do fenômeno

será uma opção por uma defesa que é uma espécie de alienar-se de si mesmo, buscando fugir da reflexão de ter consciência da dor

. Ao esquecer algo doloroso não quero pensar nisto. Aqui ele não me escapa, mas eu deixo que ele me escape. Este deixar-escapar acontece da seguinte forma: cada vez mais me ocupo de outras coisas para que esse desagradável escape. A dor já é o indício de que ela (a paciente de Boss) foi atingida pelo acontecimento doloroso na juventude e ainda continua sendo. Mas ela não se deixa envolver por esta dor da qual ela é consciente senão não poderia ser uma dor para ela. É um desviar de si como si mesmo, que está sendo constantemente atingido pela dor. Neste desviar de si mesmo ela se dá de modo não temático, e quanto mais ela exerce este desviar tanto menos tem consciência dele e é absorvida no desviar, sem reflexão. (HEIDEGGER, 2001, p. 190).

A capacidade de poder reter ou esquecer só pode existir relacionada a algo, representando com isso que já existe a capacidade de compreensão do ser. Se algo pode ser recalcado isso já foi compreendido como “sendo” algo. Assim nos parece que Heidegger trabalha a clareira da compreensão do sentindo do ser, que é um pré-requisito para a existência de processos conscientes e inconscientes ao mesmo tempo que é um campo teorizado por Heidegger que não se reduz ao orgânico da ciência moderna

A representação científico-teórica de que no esquecimento e no recalque deva haver um recipiente físico ou psíquico, para onde o esquecido poderia ser jogado, só faz sentido a partir de um reter. Uma representação do recipiente só pode ser motivada a partir de um poder reter. Ao contrário, não se pode derivar o reter do recipiente. Um "engrama" nunca é um reter de algo como algo. Engrama é uma modificação fisiológica, mas um reter é uma relação com algo, para a qual é necessária a compreensão do ser. Entretanto, um engrama é uma modificação puramente objetiva. O reter mesmo, como tal, não é fisiológico. (HEIDEGGER, 2001, p. 190).

A teoria freudiana do complexo de Édipo parece ser a forma como Freud tenta resolver aquilo que ele descobre nas observações clínicas das crianças. Se é na infância que todo o funcionamento do aparelho psíquico vai se formar, então é lá que haverá um grande sofrimento psíquico que necessita que se formem grandes mecanismos de defesa. Resumindo, a sexualidade que desabrocha precocemente nesta época levará a teorias e pesquisas que fracassarão. Devido a precocidade, o corpo humano ainda não está

desenvolvido na infância para lidar com a sexualidade. Como diz Freud, haverá uma grande ferida narcísica nessas pesquisas sexuais que a criança faz. Essa pesquisa termina em um grande sofrimento e grande parte dela ficará recalçada no Id, impedida de vir a consciência, pois causa dor

O florescimento precoce da vida sexual infantil está condenado à extinção porque seus desejos são incompatíveis com a realidade e com a etapa inadequada de desenvolvimento a que a criança chegou. Esse florescimento chega ao fim nas mais aflitivas circunstâncias e com o acompanhamento dos mais penosos sentimentos. A perda do amor e o fracasso deixam atrás de si um dano permanente à autoconsideração, sob a forma de uma cicatriz narcisista, o que, em minha opinião, bem como na de Marcinowski (1918), contribui mais do que qualquer outra coisa para o 'sentimento de inferioridade', tão comum aos neuróticos. (FREUD, 1920/1996, p.14).

Todo o fracasso da pesquisa sexual da criança produzirá uma situação traumática extremamente dolorosa. Isso aparecerá no neurótico com o sentimento de inferioridade e baixa autoestima

As explorações sexuais infantis, às quais seu desenvolvimento físico impõe limites, não conduzem a nenhuma conclusão satisfatória; daí as queixas posteriores, tais como 'Não consigo realizar nada; não tenho sucesso em nada'. O laço da afeição, que via de regra liga a criança ao genitor do sexo oposto, sucumbe ao desapontamento, a uma vã expectativa de satisfação, ou ao ciúme pelo nascimento de um novo bebê, prova inequívoca da infidelidade do objetivo da afeição da criança. Sua própria tentativa de fazer um bebê, efetuada com trágica seriedade, fracassa vergonhosamente. A menor quantidade de afeição que recebe, as exigências crescentes da educação, palavras duras e um castigo ocasional mostram-lhe por fim toda a extensão do desdém que lhe concederam. Estes são alguns exemplos típicos e constantemente recorrentes das maneiras pelas quais o amor característico da idade infantil é levado a um término. (FREUD, 1920/1996, p.14).

Todavia, esse fracasso doloroso ocorrido na infância não desapareceu, por isso ainda causa no presente problemas psicopatológicos. O trabalho clínico mostrou a Freud que a origem das patologias tem de ser buscada em um tempo arcaico na infância. Isso porque elas ainda sobrevivem quase como intocadas, dentro da área reprimida.

Seguindo o raciocínio de Freud, houve um grande trauma no qual o aparelho psíquico não se encontrava pronta para lidar na época. Esse trauma, Freud descobre estar associado com a época da precocidade sexual que não

pode ser concluída, pois ainda não estávamos prontos fisicamente para a sexualidade. Como o aparelho psíquico, na época, não conseguiu lidar com essa frustração, ele tenta, ao decorrer da vida, produzir mecanismos que evitem que esse trauma seja danoso novamente, caso ocorra. O evento de sofrimento psíquico em si está perdido no passado. Mas ele continua atuante, na sua memória, e toda tentativa de lembrar aciona novamente os mecanismos de defesa. No atendimento dos pacientes, Freud vai descobrir que eles se comportam como crianças novamente, agindo contra o trabalho do terapeuta porque a terapêutica toca nas resistências, que buscam se defender. O paciente não tem consciência que o perigo que ele tanto teme ficou no passado e só retorna como memória dolorosa. Uma vez que ela possa voltar, ela se desvanece de seu poder. Mas até que isso ocorra, o próprio paciente vai agir no sentido contrário da sua cura, pois estas defesas agem em relação a lembrança do trauma como se fosse o trauma em si mesmo, acontecendo novamente no presente

Os pacientes repetem na transferência todas essas situações indesejadas e emoções penosas, revivendo-as com a maior engenhosidade. Procuram ocasionar a interrupção do tratamento enquanto este ainda se acha incompleto; imaginam sentir-se desprezados mais uma vez, obrigam o médico a falar-lhes severamente e a tratá-los friamente; descobrem objetos apropriados para seu ciúme; em vez do nenê apaixonadamente desejado de sua infância, produzem um plano ou a promessa de algum grande presente, que em regra se mostra não menos irreal. (FREUD, 1920/1996, p.14).

Para finalizar, a grande descoberta freudiana na terapêutica é a existência deste mecanismo de repetição. Sem menosprezar as outras descobertas, a repetição se apresenta como um fenômeno que Freud notará estar bastante atuante nos problemas cotidianos do paciente. O ponto de vista psicanalítico é que de nada adianta uma propedêutica para corrigir o comportamento do paciente na atualidade. Se a repetição implica re-atuar um comportamento, ela indica também que as lembranças reprimidas fazem força para vir à tona. A direção de cura é clara: as lembranças precisam vir à consciência com toda sua carga afetiva, para então desaparecer para sempre.

A resistência será um ponto muito trabalhado por Freud porque ela apresenta um matiz racionalmente muito lógico. Por isso ela se liga a consciência

e age contra o tratamento. Na consciência, os mecanismos de defesa estão presentes e se configuram também bastante logicamente, dificultando assim o bom andamento do tratamento psicanalítico. Os mecanismos podem ser percebidos claramente na repetição, mas contra o que eles se defendem é que está oculto.

Freud parece nos trazer na questão sexual um grande golpe narcísico que produzirá uma angústia altamente traumática para o aparelho psíquico: a nossa sexualidade, que é precoce, vai terminar em um fracasso trágico. Nosso corpo não consegue dar conta de toda intensidade erótica que nossa mente almeja.

Freud na sua caminhada na construção da psicanálise vai se deparar com essa força descomunal advinda da libido, representada nas pulsões. Cabe salientar que a questão sexual coloca em jogo todo um campo de forças pulsionais atuantes. Neste sentido, as construções teóricas são amparadas por um paradigma mecânico em sua excelência

Pulsão é sempre uma tentativa de explicação. Entretanto, não se trata de uma tentativa de explicação, mas é preciso observar, em primeiro lugar, o que é mesmo o fenômeno que se quer explicar e como ele é. Tenta-se sempre explicar por pulsões algo que, para começar, nem se viu. As tentativas de explicação de fenômenos humanos a partir de pulsão tem o caráter metódico de uma ciência, cuja matéria não é o homem, mas sim a mecânica. Por isso, é fundamentalmente discutível se um método tão determinado por uma objetividade não-humana pode mesmo ser apropriado para afirmar o que quer que seja sobre o homem *qua* homem. (HEIDEGGER, 2001, p. 192).

A crítica heideggeriana direciona-se ao fato das teorias pulsionais de Freud serem teorias do funcionamento mecânico das mesmas, afastando-se assim de uma busca da essência do homem. Freud descortina todo o campo do sexual como ponto principal da psique humana. Depois de Freud, não se pode mais pensar o aparelho psíquico sem destacar a importância que a sexualidade desempenha neste. As correntes que criticam e divergem da psicanálise deixam de lado a questão de que foi no tratamento das psicopatologias que Freud teve que, necessariamente, considerar a sexualidade como vital para este tratamento. Mas ao mesmo tempo Heidegger critica um certo reducionismo da sexualidade em seus processos mecânicos de deslocamento e movimento de energias pulsionais. Para o filósofo, A pulsão e seus deslocamentos são um

efeito da condição de estar-aberto para partir em uma busca de um poder-ser-no-mundo

Em nosso diálogo não se trata de um processo psíquico indefinido, de um 'mecanismo de pulsão mitológico' (Freud), que lhe impulsiona, mas sim de algo muito determinado em nossa existência, isto é, de um poder-ser-no-mundo determinado, pelo qual nós decidimos, no sentido de nos termos aberto para isto. Nós temos que concordar com este estar aberto, temos que aceitá-lo. (HEIDEGGER, 2001, p. 193).

Assim me parece que Heidegger realiza uma crítica da ciência moderna que se coaduna com a postura crítica que a psicanálise mantém desde seus primórdios. Tanto um como outro, Freud e Heidegger, se afastam do reducionismo empírico do pensamento objetivante da ciência moderna.

Mas as diferenças de ponto de vista dos autores talvez se devam as especificidades de trabalho de cada um deles. Nessa presente dissertação, buscou-se argumentar que a visão psicanalítica se sustenta pela imposição do fenômeno descoberto no setting analítico. Não é de se estranhar que as pulsões sejam entendidas por Freud em sua mecânica de seus deslocamentos, haja visto que as pulsões são observadas no trabalho clínico. A ética da construção da metapsicologia freudiana está sempre direcionada a busca da terapêutica das psicopatologias dos pacientes.

Heidegger trabalha no campo da busca da compreensão da verdade e sua metodologia é produzida consequentemente na área da filosofia. Como filósofo, Heidegger pode perceber que a clínica direciona toda a metapsicologia freudiana, mas também limita sua visão. As críticas heideggerianas não levam em conta que a psicanálise é voltada para uma práxis clínica que, ao mesmo tempo, fixa uma impossibilidade de compreensão mais abrangente, como se dá no campo da filosofia.

No exemplo da pulsão, Heidegger fixa paradigmas que podem situar a situação existencial onde abre-se a possibilidade de acontecer o fenômeno da mecânica das pulsões definidas por Freud. O pensamento heideggeriano vai conceituar pressupostos filosóficos que sustentam *a priori* a possibilidade da metapsicologia freudiana.

Freud subverte o pensamento científico de sua época, propondo o método psicanalítico como instrumento de trabalho de uma lógica- dita do inconsciente-

diferenciada da lógica formal. Heidegger trabalha em uma reformulação de um campo filosófico que representa as condições necessárias para o acontecer do pensar. Assim a ciência e a lógica formal são acontecimentos que ocorrem depois de haver as possibilidades necessárias para esse acontecer.

Neste sentido, para entendermos a profundidade do pensamento heideggeriano, que obviamente não se esgota nessa presente dissertação, temos que entender que Heidegger busca não apenas construir teorias do conhecimento ou conceituar o pensar, mas ele busca antes construir todo um campo teórico sobre elementos que permitem que possa existir o conhecimento, o pensar a compreensão, etc. Heidegger busca os fundamentos originários do conhecimento humano, o mais profundamente que ele possa pesquisar. Não acredito que se trate de considerar que Heidegger atinja a verdade completa, mas sim de que ele aprofunda a busca da verdade para regiões que ainda estavam obscuras, seja porque eram desconhecidas ou porque eram desprezadas. O filósofo sempre ressaltou que a ciência desconhece e não se interessa por suas próprias fundamentações. Freud derruba o mito da consciência suprema e bem estabelecida, que não se sustenta na fenomenologia do que realmente acontece na mente humana. A psicanálise re-fundamenta todo o campo teórico que define essa mente humana pois, ao contrário da ciência, a psicanálise busca compreender onde situam-se suas fundamentações. Principalmente no objeto que a caracteriza, o inconsciente. Para existir inconsciente, é necessário que antes exista todo um campo aonde aconteça a condição humana. Assim, podemos dizer que, para haver inconsciente, é preciso que exista condições de possibilidade aonde esse inconsciente aconteça. Isso não é mero jargão heideggeriano. Apenas demonstra que o trabalho do filósofo se deu em um campo onde ele interroga elementos primordiais que determinam a possibilidade do existir. Heidegger interroga um tempo anterior ao existir, por assim dizer: ele interroga as possibilidades do existir acontecer.

O constructo *Dasein* representa uma possibilidade do ser humano existir em uma determinada clareira compreensiva no seu ser-no-mundo. Assim esse constructo filosófico teoriza sobre um campo que permite a possibilidade de existir um sujeito como definido no pensamento psicanalítico freudo-lacanian. As críticas de Heidegger a psicanálise podem ser melhor entendidas se

considerarmos que o constructo sujeito na psicanálise nasce e tem como função ser um operativo no tratamento terapêutico das psicopatologias. O constructo *Dasein* é anterior a uma definição de sujeito. *Dasein* terá como função a busca da compreensão da verdade do sentido do ser.

3. A INTERPRETAÇÃO LACANIANA DA OBRA DE FREUD EM DIÁLOGO COM A FILOSOFIA

3.1 Uma aproximação ao pensamento de Lacan

Quando fazemos um paralelo entre as teorias lacanianas e o texto heideggeriano, não devemos simplesmente adequar uma linha de pensamento na outra. Não podemos fazer reducionismo dos campos teóricos. De Heidegger, trazemos o constructo do *Dasein* e o que este pode trazer de interrogações e críticas à psicanálise. Não se trata, todavia, de tentar explicar a psicanálise através da filosofia heideggeriana. Do lado da psicanálise, Lacan será taxativo: o objeto que é pedra fundamental da prática psicanalítica- o inconsciente- faz com que toda a construção teórico-lógica seja produzida a partir de um lugar *sui generis*. A psicanálise não é mais uma disciplina do campo filosófico. Não seria nem mesmo uma disciplina propriamente dita do conhecimento humano lógico, pois ela produz conhecimento de um lugar que escapa a concepção comum da lógica racional.

Vamos comparar algumas das contribuições de Heidegger para o campo do conhecimento humano, principalmente pelo escopo traçado por Stein. Do lado da psicanálise Lacan vai seguir uma linha de raciocínio onde a psicanálise está situada fora da concepção que Aristóteles vai instituir da lógica. O objeto que Freud está trabalhando adentra o campo da relação sexual; esta relação foi desprezada por Aristóteles na concepção da definição de lógica. Por este motivo, a psicanálise não pode ser fundamentada nem reduzida ao campo da filosofia.

Seu objeto de trabalho é original. O inconsciente nunca foi abordado antes com tal radicalidade como foi em Freud.

Heidegger fará todo um trabalho marcante na sua reformulação da teoria do ser. O *Dasein* demarca um modo de abordagem da questão do ser totalmente inovador. Este campo onde o ser surge como um fenômeno dentro de uma delimitação de lugar e temporalidade. A precisão do *Da* -o aí- demarca um espaço de captura determinado no tempo e no lugar. Semelhante ao instante, esse *Da* é único, irrepetível. A temporalidade determina que todos eventos são diferentes, pois o tempo é uma variável que não para nunca de modificar-se.

O contraponto disto na psicanálise é que as questões do ser serão apreendidas do ponto de vista da subjetivação sexual. Freud terá também seus constructos, assim como Heidegger tem os dele. Os constructos são algo além de um mero conceito, eles são um arcabouço teórico operativo e manejável.

Freud terá a questão da diferenciação sexual. A partir do momento em que existem homens e mulheres, haverá uma operação lógico-matemática que acontece entre eles que tem função de relação- a relação sexual. Com isso funda-se uma subjetividade humana sexual. Assim o ser será analisado dentro dessa estrutura onde ele está inserido, a relação sexual. É um *Dasein* que, no entanto, tem seu acontecimento no cálculo do sexual

Estes são os termos da díade essencial onde tem que forjar o drama da subjetivação do sexo. Quer dizer isso de que estamos falando a um mês e meio. *Essencial*, para aqueles que têm os ouvidos formados nos termos heideggerianos que como verão, não são minha referência privilegiada. Todavia, para eles, quero dizer díade essencial não no sentido do que é, mas no sentido do que- é necessário dizê-lo em alemão- do que *West*, como se exprime Heidegger, aliás, de forma já forçada diante da língua alemã. Digamos disso que opera enquanto *Sprache*, seja a conotação deixada por Heidegger, do termo “linguagem”. Trata-se mais que da economia do inconsciente, mesmo do que se chama comumente *processo primário*. (LACAN, 2008, p.323-324).

O pensamento lacaniano demonstra que não devemos tentar colocar Freud como um teórico que trabalha nas proximidades da filosofia. Não podemos pegar as descobertas psicanalíticas e traçar um paralelo com questões filosóficas. Lacan busca a essência da psicanálise em um movimento de Freud

de trabalhar as questões do ser, conquanto essas estejam delimitadas na estrutura lógica da relação sexual.

Lacan, como clínico, tem o compromisso ético de que sua prática traga benefícios terapêuticos para o sofrimento psíquico de seus pacientes. Assim suas construções teóricas têm que ser testadas na prática do tratamento das psicopatologias. Este elemento empírico não faz parte das necessidades de trabalho de Heidegger, por este motivo o filósofo não irá compreender plenamente o acento de Freud na tônica do sexual.

O trabalho clínico impõe a Lacan que o sujeito que surge no setting analítico tenha de ser entendido dentro de uma estrutura lógica chamada relação sexual. Assim o *Dasein* que se presentifica no setting está transpassado por esta relação.

Consideremos que, por atendimento clínico, temos uma situação aonde uma pessoa vai procurar ajuda, pois sofre de um sofrimento psíquico. Isso seria o sintoma patológico, aquilo que causa um mal-estar para seu portador. Para entender esse mal-estar o analista necessita trabalhar essa subjetividade que não está funcionando corretamente, entendendo-a dentro de uma estrutura lógica: a relação sexual. Toda a metodologia psicanalítica tem que ser compreendida pelo viés da relação sexual. Esse caminho não foi uma escolha de Freud (como muitas vezes parece ser o que pensa Heidegger) mas foi o único caminho possível que Freud encontrou para poder produzir um tratamento eficaz das psicopatologias. Sem a tônica no sexual, o tratamento psicanalítico é ineficaz.

Segundo Lacan, Heidegger vai renovar a compreensão do ser partindo de uma leitura inédita e radical do diálogo de Platão *O Sofista*. Neste diálogo, toda uma construção teórica é erguida em torno do fenômeno do não-ser. Será a partir dessa negação do ser que permitirá a Heidegger pensar de forma original o Ser. Este ponto é levantado por Lacan, que considera de vital importância que o entendimento do Ser virá do trabalho crítico em cima de um sistema teórico produzido sobre o não-ser

Compreenderão que é de fato, desse diálogo, *O Sofista*, que parte Martin- digo Martin Heidegger- por sua restauração da questão do Ser. E, depois de tudo não será uma disciplina insalubre para vocês, que ler, pois minha falta de informação tem feito que, não tendo recebido a não ser recentemente por um serviço de imprensa, é

somente hoje que posso aconselhá-los a ler *Introdução a metafísica* na excelente tradução feita por Gilbert Kahn. (LACAN, 2008, p.324-325).

Lacan vai ressaltar a importância do meta-discurso na linguagem. Este meta-discurso é a lógica. Na própria narrativa que o paciente faz no consultório, sua narração deixa entrever que habita uma lógica pautando e estruturando aquele discurso sustentado. É a lógica da relação sexual, uma lógica que movimenta dois lugares pré-definidos pela diferença sexual.

Lacan interpreta que Heidegger faz um trabalho admirável de resgate de conceitos pré-socráticos para poder realizar uma leitura original da obra *O Sofista*. Lacan traz os dois versos que, segundo ele, são um ensinamento de advertência ao leitor do diálogo: a ideia de que não se deve especular teoricamente sobre como fazer existir aquilo que não é.

O meta-discurso imanente à linguagem e que chamo a lógica, eis certamente o que merece ser refrescado com tal leitura.

Certo, não faço uso, podem observá-lo, de nenhuma forma, do procedimento etimológico onde Heidegger faz reviver admiravelmente as fórmulas pré-socráticas. É que também a direção que entendo indicar difere, difere da sua precisamente nisto que é irreversível e que indica *O Sofista*- leitura também extraordinariamente fácil e que não deixa também de fazer a sua referência a Parmênides- precisamente para marcar quando estive longe e vivo contra essa defesa que Parmênides exprime nesses dois versos:

Não, jamais curvarás à força os não-seres a ser.

Desta rota de pesquisa afasta de preferência teu pensamento. (LACAN, 2008, p.325).

A obra *Ser e Tempo* irá tergiversar entre os polos do ser e do não-ser. Ela reformula um antigo debate dos tempos do *Sofista*. O constructo da relação sexual em Lacan, das relações entre o homem e a mulher é uma interpretação original da obra freudiana nas dimensões dos mesmos polos, a saber, o ser e o não-ser. A diferenciação sexual é um elemento fundamental que Freud descobre em seu trabalho clínico. Seguindo a linha de raciocínio de Lacan, essa diferenciação é uma resposta original à questão do ser e não-ser.

A marca da posição masculina é ser o possuidor do falo, que o homem teme perder. Mas como Lacan bem detalha em seus trabalhos, o homem não possui o falo, que é um elemento representante de um algo a mais. O homem é

este que é com um algo a mais. Isso marca a posição narcísica do homem, de seu lugar de ser privilegiado e diferenciado de todos os outros seres vivos. O narcisismo só pode se sustentar se houver um algo a mais que represente uma posição especial em relação aos demais que me são semelhantes. O golpe narcísico, representa que este falo, este a mais, existe apenas como campo imaginário. Ele tem o seu lugar como algo transcendente, mas não tem o lugar como objeto real que ele representa. Neste sentido, a marca da posição masculina é ser o possuidor de algo que não-é. A marca da posição feminina será tentar ocupar o lugar de ser o falo para o homem, ou seja, a posição de não-ser.

Desta estrutura nascerá a configuração lógica da relação sexual. Ou seja, de um jogo inter-relacional entre o ser e o não-ser.

3.2 A lógica do inconsciente

No seminário *A Lógica do Fantasma*, Lacan vai realizar um estudo da lógica do inconsciente. Se na primeira parte tentei fazer uma aproximação entre o constructo principal de Heidegger, o *Dasein*, e o de Freud, o inconsciente, nesta segunda parte quero trazer exemplos onde Lacan mostra que a necessidade de Freud de estabelecer esse constructo é porque ele se depara com uma lógica que funciona de forma diferenciada da lógica formal.

Lacan começa explanando que a lógica racional estabelecida deve encontrar em seu funcionamento os próprios fundamentos que ela estabeleceu

(...) Se somos o que somos, isto é, racionalistas- o que é preciso se prever é evidentemente não que a lógica anterior seja de alguma forma invertida, mas que ela nos faça apenas encontrar aí seus próprios fundamentos. (LACAN, 2008, p.68).

Lacan segue a linha de raciocínio que uma lógica precisa funcionar como um mecanismo, ela tem que ter funcionalidade. Demonstra-se assim que Freud

introduz o campo do inconsciente como um campo delimitado pelo funcionamento de uma lógica diferenciada- a lógica do inconsciente- porque Freud precisa de uma lógica que funcione dentro da clínica. Uma lógica que terapeuticamente trabalhe as psicopatologias

Pois o próprio de uma lógica formal, é que ela opera, e o que nós temos de resgatar esses anos são novos operadores cuja sombra, de alguma forma, já está perfilada naquilo que, à medida das orelhas a quem eu me endereçava, eu já tentei articular de uma maneira manejável quanto ao que havia a manejar, que não era outra na ocasião senão a práxis analítica. (LACAN, 2008, p.68).

A linha condutora do pensamento de Lacan vai na direção de que um conhecimento universal pode indicar que também existe a questão da universalidade do discurso. A filosofia busca apurar um conceito dentro desta universalidade do conhecimento. A linguagem só pode existir se for definido certas normas e regras. As regras gramaticais, de linguística, de semiótica, etc. Estas regras permitem ao campo da linguagem poder estabelecer um sentido ao que um discurso está produzindo. Fica então a questão, a busca da compreensão no discurso tem a ver com um objeto indefinido que se está tentando objetivar, ou a compreensão apenas determina que, no final do movimento, as regras e leis tenham sido obedecidas?

Não é inútil indicar de passagem que- quaisquer que sejam os outros sentidos, é claro, muito mais históricos, que se possa dar a esse termo de Universidade- há aí alguma alusão ao que eu chamei o universo do discurso. Pelo menos não é em vão aproximar os dois termos.

Ora, é claro que nessa hesitação (lembrem-se da valsa) que o professor de filosofia- no ano em que vocês por ali passaram, quase tantos quantos são, eu penso- fazia em torno da lógica (a saber, de que se trata: das leis do pensamento ou de suas normas? Da maneira que isso funciona e que vamos extrair cientificamente, digamos, ou a maneira com a qual é preciso que seja conduzido?), admitam que para que ainda se esteja nisso de não ter resolvido o debate, no sentido em que eu articulava há pouco, é talvez precisamente a de afastar a decisão. (LACAN, 2008, p.70).

Lacan termina com sua hipótese de que a lógica pode suspender a questão se nós estamos delimitando um objeto incognoscível dentro do conceito

ou se estamos transformando esse objeto em algo que siga as regras e normas estabelecidas da lógica.

O método de Freud visa poder trazer à luz a lógica do inconsciente. A técnica da associação livre permitiu a Freud dar provas de que há uma lógica operando ali, mesmo à revelia da consciência do sujeito.

A associação livre põe a luz uma lógica que funciona como se fosse um mecanismo que ninguém controla. Pelo contrário, ela parece estar controlando o sujeito. Por isso o termo lacaniano sujeito, aquele que está sujeitado a algo. Este algo é uma lógica operando sem que ninguém a esteja sustentando. Ao contrário da lógica formal da razão, que necessita de um esforço de cada um de nós para que ela seja utilizada de forma eficaz.

Dito de outro modo, a lógica racional, estabelecida como a lógica válida para a produção do conhecimento humano, implica que um esforço seja realizado pelos seres humanos. Assim, ao somar $1+1=2$, um ser humano tem que se esforçar para realizar este trabalho. O trabalho significa que esta operação matemática seja realizada dentro de regras e normas da matemática, que estas leis sejam obedecidas. Por isso no parágrafo anterior Lacan se pergunta se a lógica não é, no fim das contas, o asseguramento das suas leis implícitas.

Quando Freud utiliza a metodologia da associação livre, isso significa que, se o sujeito não fizer o trabalho na operação matemática, podemos ter que $1+1=3$. Sem o trabalho, o esforço, as leis da lógica não são mantidas, são infringidas. Mas a associação livre demonstra que há uma lógica sendo obedecida, embora esteja desconhecida pelo sujeito, aquele que está assujeitado a ela. Lacan nos revela que a psicanálise está esboçando uma compreensão dessa lógica que está ligando, calculando os elementos dentro de uma rede de uma forma desconhecida para nós. Não controlamos a rede, estamos enredados nela

A questão da maneira que se presume o campo da interpretação, o modo sob o qual a técnica de Freud lhe oferece a oportunidade, dito de outro modo a associação livre, nos traz ao coração dessa organização formal de onde se esboçam os primeiros passos de uma lógica matemática que, entretanto, tem um nome cuja impressão agradável não é possível que não tenha vindo a todos, às vossas orelhas, que se chama de rede. (LACAN, 2008, p.71).

Utilizando uma metáfora, se acaso eu passo com meu carro no sinal vermelho, por um lado, na consciência, eu estou tendo o gozo da satisfação de que estou conseguindo infringir uma lei que todos os meus semelhantes estão submetidos. Eu infrinjo, eu vou para um campo proibido que a maioria dos meus semelhantes não vai. Estou em um campo desconhecido, para além da lei.

Se eu sou pego por um guarda e recebo uma multa pelo meu ato, eu não posso fingir surpresa. Pois se a lei está sendo mantida, alguém tem que realizar o trabalho de manutenção desta lei. Ou seja, deve haver um guarda que assegura a manutenção da lei. Meu ato criminoso pode colocar em questão se o guarda está atento ou não. Posso enganar o guarda. Mas quando sou multado, eu e ele temos um acordo tácito de que a lei, faça sentido ou não, precisa ser mantida.

Este segundo momento, onde eu sou multado pelo meu ato, representa que a lei ali está vigorando. Pode-se fazer uma inversão e dizer que eu passei no sinal vermelho para ser multado, para assegurar que existe ali um guarda, e que ele está multando. Isto estaria no campo da interpretação, ferramenta de trabalho do psicanalista. Se não há lei que me proíba de passar o sinal vermelho, significa que não terei a satisfação de enganar o guarda. E que passar o sinal vermelho já não significa nada. Podemos ver também que a lógica que rege a lei é insustentável. Porque não posso passar no sinal vermelho? Porque o proibido não pode ser um sinal azul, por exemplo? Porque não há um sistema de 30 cores diferentes em um semáforo?

A lógica que rege a lei é a de que uma lei é estabelecida para o bem de todos e deve ser seguida por todos. Supõe-se que uma lei é o melhor caminho possível. Por isso, dizer que algo segue a lógica racional, significa que, depois de muito ponderar, estabelecemos uma lei que beneficia as pessoas da melhor maneira que pudemos encontrar. Esse é o caminho ético e uma lei sempre pode ser mudada contanto que se mantenha esse preceito ético de ser o melhor benefício para todos os cidadãos, estes submetidos a ela.

Se assim fosse, a lei não teria de ser mantida e sustentada com tanto esforço. Ela exige um trabalho meu pessoal para manter-me dentro dos limites da lei. O que mostra que a lei não está em meu benefício, pelo contrário: eu estou a serviço dela, submetido a ela. Porque quando usamos o raciocínio lógico

para encontrar o melhor caminho, a melhor solução, o que encontramos pode ser uma reverência as normas e regras que ditam como devo buscar esse caminho. Em síntese, a lei se sustenta por si mesma, ela é tautológica. O raciocínio lógico formal pode servir mais para a manutenção da lei que é fundamento e causa de si mesma do que para encontrar o objeto incognoscível ao qual essa lógica é aplicada.

3.3 A interpretação na psicanálise e a vida onírica

Heidegger fará uma objeção acerca do funcionamento dessa associação livre, pois lhe parece que Freud está produzindo hipóteses que validam o fenômeno observado. Ou seja, a interpretação, por exemplo, é correta, porque sustenta os feitos de uma lógica que já operou. Dito em metáfora, eu concluo que o objetivo da viagem de um carro era ir do ponto A para o ponto B, depois de eu o observar terminar a viagem. A conclusão torna-se a causa do fenômeno, modificando os lugares do antes e do depois.

Lacan vai nos falar que essa pergunta/crítica de Heidegger já foi antecipada e analisada por Freud. Mesmo que Freud não fale tão explicitamente de linguagem quanto Lacan, ele está falando de um fenômeno aonde um significado surge como uma ponte que serve para ligar duas significações diferentes, fazendo com isso que nós possamos nos mover entre pontos distintos.

E quando a objeção lhe é feita, é um ponto preciso da *Traundeutung* (acontece que eu não trouxe hoje o exemplar onde eu tinha marcado para vocês a página) ele tem de responder à objeção: 'naturalmente com sua maneira de proceder, em toda encruzilhada, vocês terão exatamente a oportunidade de encontrar um significado que fará ponte entre duas significações e com essa maneira de organizar os pontos, vocês irão sempre de algum lugar a algum lugar'. (LACAN, 2008, p.71).

Em primeiro lugar, Freud está descrevendo um fenômeno clínico que vai lhe permitir trabalhar de forma mais eficaz as psicopatologias. Este é o objetivo final de Freud. Todo seu trabalho de aprimoramento e refinamento de sua metodologia visa a terapêutica destas psicopatologias. Essa direção ética é a razão de ser de seu trabalho. Se Freud realmente estivesse se apoiando em suposições, o objetivo de seu trabalho seria prejudicado. Uma interpretação não é a conclusão colocada como causa, ela tem de ser um aprimorado entendimento do fenômeno que aconteceu. Freud não está dizendo que tudo pode ser conectado e que tudo pode ser explicado em um entrelaçamento vasto. Ele está dizendo que o fenômeno do inconsciente se apresenta assim dentro do setting analítico.

Em segundo lugar, esse significado que faz ponte entre duas significações distintas é a própria definição das regras da linguagem agindo. A tônica que Lacan vai utilizar demonstrando a importância da linguagem dentro da prática psicanalítica não é uma predileção ou capricho de Lacan. Ele realiza antes uma constatação de que é assim que está funcionando o fenômeno.

A metodologia psicanalítica visa buscar a terapêutica das psicopatologias e a direção encontrada será o tratamento do fenômeno do inconsciente conforme ele é aprendido dentro do setting. É na natureza desse fenômeno se comportar com as características do funcionamento da linguagem- *o inconsciente é estruturado como uma linguagem*, famosa frase lacaniana. Portanto, se existe uma trama, uma rede que entrelaça tudo ao ponto que permitirá ao psicanalista ir sempre para algum lugar, sempre avançar, é porque essa natureza de ser *como uma linguagem* é, por definição, um dos aspectos principais do funcionamento do inconsciente. Freud não está ligando tudo, encontrando nexos causais por baixo de tudo. Isso quem faz é a lógica do fantasma.

É disso que se trata em Freud, e cada ponto de convergência dessa *rede* ou *lattis*, onde ele ensina a fundar a primeira interrogação, é de fato uma pequena ponte. É assim que isso funciona e o que se lhe objeta é que assim tudo explicará tudo. (LACAN, 2008, p.71).

Ao trabalhar a lógica do inconsciente, Laca está sublinhando que a explicação não é dada por conjecturas que Freud por ventura está fazendo. Trata-se de um funcionamento lógico que é realizado não pela mente consciente,

mas por uma outra parte da psique humana que é desconhecida do próprio ser humano. Apesar de ser uma lógica que opera à revelia da consciência, não significa que ela não tenha suas próprias regras e normas, assim como a lógica racional segue as regras da linguagem. Por isso a ênfase no inconsciente estruturado “como” uma linguagem. É uma espécie de dialeto próprio indo em direção a uma ausência de sentido, uma rarefação completa indo ao encontro de um buraco negro, uma falta dentro do próprio aparelho psíquico.

Lacan ressalta a importância dos sonhos na constituição do aparelho psíquico. Haverá uma instância -que seria o pré-consciente- que sabe que o sujeito dorme. Há uma instância que busca dormir e sonhar. Ela busca isso, porque é importante o tipo de realização de desejo que vai ocorrer dentro dos sonhos. Ou seja, não apenas necessitamos dos sonhos para nossa saúde psíquica, como eles representam uma forma de realização de desejo que é necessária e ambicionada. Com isso, Freud demonstra que os sonhos tem uma importância capital para nosso aparelho psíquico, muito além do que a ciência moderna retrata. Não são apenas imagens desconexas, não são apenas uma produção do ato de dormir que o cérebro necessita para funcionar bem. Os sonhos tem um significado e uma importância muito além disso

Mas não é mais notável ver Freud, ao fim de uma das sessões do seu IV capítulo, sobre o qual eu insisti na última vez, precisar que é de uma forma muito segura que o sonhador se arma e se defende disso: que o que ele sonha não é só um sonho? A propósito do que ele vai também longe para insistir sobre isso: que tem uma instância que sabe sempre (ele diz: “que sabe”) que o sujeito dorme, e que essa instância (mesmo que isso possa lhes surpreender) não é o inconsciente, que é precisamente o pré-consciente, que representa, nos diz ele na ocasião, o desejo de dormir. (LACAN, 2008, p.167-168).

Lacan deixa bem claro que o desejo de dormir é de suma importância para entendermos a mente humana. É o desejo de dormir, não o dormir porque se está cansado. E este desejo- como dito acima- não é inconsciente, ele pertence a essa instância pré-consciente. Assim, podemos afirmar que a consciência sabe que ela tem uma necessidade de sonhar. Na consciência, existe um desejo de sonhar. O pré-consciente é uma zona onde os elementos não estão focados como na consciência, mas não estão tão soterrados assim como no inconsciente. A título de exemplo, podemos usar o ato de passar as marchas no

automóvel. Não estamos plenamente conscientes de realizar o ato, mas esse ato é acessado sem dificuldade, não está totalmente reprimido como os elementos do inconsciente. Dizemos que é um ato automático, porque não pensamos neles com um foco total da consciência, mas executamos com maestria porque eles estão facilmente acessíveis. Assim, podemos dizer que o desejo de dormir está acessível a consciência. Buscamos dormir, porque no ato de dormir teremos sonhos e eles vão suprir uma grande necessidade, a realização de desejos.

Com isso em mente, Lacan estabelece que há uma “cumplicidade” entre a vida de vigília e a vida onírica. Ambos estados buscam a realização dos desejos

Isso nos leva a refletir o que se passa no despertar. Porque se o desejo de dormir se encontra, por intermédio do sonho, tão cúmplice com a função do desejo como tal- na medida em que ele se opõe a realidade- o que nos garante que, saindo do sono, o sujeito seja mais defendido contra o desejo, na medida em que ele enquadra o que ele chama “realidade”? O momento do despertar não pode ser jamais que um curto instante: aquele em que mudamos de cortina. (LACAN, 2008, p.70).

Citamos um exemplo deste funcionamento conforme o que observamos na clínica. Um paciente fazendo dieta, fica proibido de comer chocolate. Com essa proibição, ele na vida de vigília anseia por um chocolate, mas sabe que não deve comê-lo. Então ele dorme, e sonha que está comendo chocolates. Vemos aqui que o desejo proibido que ainda pulsa forte no paciente na vida de vigília vai transpor as barreiras dos estados e voltar, com força plena, dentro do sonho.

Lacan trabalha essa diferença entre os estados de vigília e onírico, através da fábula de Tchouang Tseu. Ele começa fazendo uma crítica ferina a forma como comumente é interpretada essa fábula. Em primeiro lugar, temos que assinalar algo que é óbvio- e talvez por isso passe despercebido-, de que essa forma de questionamento ontológico de Tseu é própria do homem. Uma borboleta não questiona quem ela é. Todo o questionamento de Tseu já determina que ele é um ser humano. Em segundo lugar, Lacan foge da habitual interpretação de que Tseu não saberia mais se está acordado ou sonhando

E para lhes fazer sentir como percebê-lo, me parece que não posso fazer melhor, senão seguir, graças ao caminho que me oferece uma fábula¹⁵, bem conhecida e tirada de um velho texto chinês, de um Tchouang Tseu¹⁶ (Deus sabe o que lhe fazemos dizer, o pobre!) e nomeadamente que a propósito desse sonho bem conhecido, do qual teria dito, a propósito de ter sonhado ser ele uma borboleta: ele teria interrogado seus discípulos sobre o fato de saber como distinguir Tchouang Tseu se sonhando borboleta, de uma borboleta que - por se crê bem acordada - não fará senão sonhar que é Tchouang Tseu. É inútil dizer que isso não tem o sentido que damos habitualmente ao texto de Tchouang Tseu, e as frases que se seguem mostram do que se trata e onde isso nos leva. (LACAN, 2008, p.70).

A interpretação de Lacan coloca a fábula na via de um questionamento ontológico sobre os seres. Mas o ponto crucial seria que de, ao acordar, ele menospreza seu sonho, ao dizer “é só um sonho”. Segundo Lacan, a filosofia de Tseu permite que concluamos que esta seria uma interpretação correta de seu pensamento

Não se trata senão da formação dos seres. A saber, de coisas e de vias que nos escapam desde muito tempo em grande medida, quem dizer, quanto a isso que foi exatamente pensado, por aqueles que nos deixaram os rastros escritos.

Mas esse sonho, permito-me supor que foi inexatamente relatado. Tchouang Tseu, quando se sonhou borboleta, se disse: ‘é só um sonho’ -o que lhes asseguro está totalmente de acordo com sua mentalidade. Ele não duvida um instante em transpor esse problema de sua identidade quanto a ser Tchouang Tseu. Ele se disse “é só um sonho” e é precisamente nisso que falta a realidade. (LACAN, 2008, p.168-169).

¹⁵ Sonhei que era uma borboleta e quando acordei vi que era um homem. Agora não sei se sou um homem que sonhou que era uma borboleta ou se sou uma borboleta que está sonhando que é um homem. Não sei se Chuang Tzu sonhou que era uma borboleta ou se a borboleta quem foi dormir e está sonhando que é Chuang Tzu. Ambas as coisas são possíveis. Se Chuang Tzu pode sonhar que é uma borboleta porque uma borboleta não pode sonhar que ela é Chuang Tzu?

¹⁶ Zhuāngzǐ (pinyin), Chuang Tzu (W-G), ou Chuang Tse (Chinês 莊子/莊子, literalmente "Mestre Zhuang") foi um famoso filósofo da China antiga, do Século IV a.C. Ele era da Cidade de Meng (蒙城 Méng Chéng) no Estado de Song (now Shāngqiū 商邱, Henan). Chuang Tzu (Wade-Giles) ou Zhuāngzǐ (pinyin) (chinês: 庄子 (caracteres simplificados), 莊子 (caracteres tradicionais). Ele foi um influente filósofo taoísta (daoísta) chinês durante o período dos Reinos Combatentes, um período correspondente ao cume da filosofia chinesa, o período das cem escolas de pensamento. A ele, é atribuída a escrita – parcial ou integral – de uma obra conhecida por seu nome, "Zhuangzi", que expressa uma filosofia de ceticismo. A sua filosofia foi muito influente no desenvolvimento do budismo zen, que evoluiu incorporando os seus ensinamentos. O seu nome Chuang Tzu aparece grafado também nas formas seguintes: Chuang Tsu, Chuang Tse, Zhuang Tzu, Zhuang Tze, Zhuang Tse, Zhuang Tsu, Chouang-Dsi, Chuang Chou, Tchuang-tsé, Tchuang-Tseu e Chuang-tzu.

Com isso Lacan vai demonstrar uma característica que demarca a consciência em estado de vigília: o desprezo pelo material onírico. O “só um sonho” determina que foi como uma ilusão, que desaparece ao despertar. Ele não duvidaria de que é um ser humano (como na interpretação habitual da fábula), porque ele tem os pés bem ancorados em algo chamado realidade, que o faz dizer que foi apenas um sonho, ou seja, que lá não tem esse substrato de realidade. Tseu sabe muito bem o que separa os dois estados mentais. O estado onírico é desprezado porque estamos ancorados em uma lógica racional da consciência que se fundamenta, bem concretamente, no substrato da realidade, embora não possamos definir com precisão o que é isso (Lacan vai chamar esse substrato de objeto a).

Em uma estrutura psicótica, este substrato estaria faltante. O psicótico não diz é apenas uma ilusão- pode dizer isso depois e passar seu estado de surto psicótico- mas durante o surto, a ilusão “é” real. Há uma falha que não lhe permite diferir entre o que é ilusão e o que é realidade. Quando ouvimos um paciente paranoico relatar que ouviu uma voz, esta é real para ele, como se alguém estivesse realmente falando. Esta fixação que todo o aparelho psíquico de Tseu tem e que lhe permite discernir entre algo ilusório e algo real e de onde ele estrutura todo seu mundo, ela está faltante na psicose.

Lacan demonstra com essa fábula que o campo da lógica do inconsciente, assim como o estado onírico, foge da razão lógica da consciência, sendo ambos, portanto, desprezados pela mesma. A razão lógica assume um lugar de supremacia que desqualifica tudo que não atenda a seus pressupostos que fixam os princípios da certeza racional. Heidegger tem as mesmas reservas contra essa supremacia da razão

Isto jamais poderá ser decidido a partir do tribunal da *ratio*. Ela não é absolutamente um juiz justo. Sem vacilar ela rejeita tudo o que não se lhe adapta e o empurra para o presumido pântano do irracional, delimitado, de resto, pela própria razão.

A razão e a sua representação constituem apenas *uma* maneira de pensar e de nenhum modo são determinadas por si mesmas, mas por aquilo que ordenou ao pensamento pensar à maneira da *ratio*. (HEIDEGGER, 1969, p.16-17).

Na sua carta a Ernest Jünger, Heidegger fala que, para os gregos, o conceito de ideia buscava atingir algo imutável. No entanto os gregos sabem que na vida existem os elementos permanentemente mutáveis. A ideia, no sentido de alcançar um ideal, uma perfeição imutável, passa pelo caminho dos entes mutáveis, de tudo que é mutável na existência. Essa passagem é o que Heidegger está dizendo ser definia para os gregos como a transcendência, aquilo que é metafísico.

No que se refere a isto, a "ideia" é compreendida, modernamente, no sentido da *perceptio*, da representação pelo sujeito. De outro lado, a forma também permanece apenas acessível para o senhor em um ver. Trata-se daquele ver que entre os gregos se designa *idein*, - imutável, o ser, a *idea*. Também o senhor caracteriza a forma como "ser em repouso." A forma não é, sem dúvida, uma "ideia" no sentido moderno e por isso, também não é uma representação reguladora da razão no sentido kantiano. O ser em repouso permanece perfeitamente distinto para o pensamento grego em face do ente mutável. Esta diferença entre o ser e o ente se manifesta, quando vista desde o ente para o ser, como a transcendência, isto é, como o metafísico. (HEIDEGGER, 1969, p.25).

No campo da lógica racional vai existir este constante trabalho com as ideias. Mas os gregos já percebiam que algo escapa, que transformar alguma coisa em ideia, significa fixar em uma representação que é fixa, mas que, no entanto, remete a logo que sempre escapa, por estar em constante mutação. Essa estrutura que se movimenta entre o mutável e o imutável já nos faz vislumbrar que algo está constantemente escapando, fugindo da nossa compreensão. As correlações que Freud traçou entre a vida de vigília e a vida onírica busca uma compreensão daquilo que não foi totalmente elucidado quando falamos da mente humana.

Heidegger estabelece uma crítica a função de objetivação da compreensão, que na verdade agride a realidade ao invés de simplesmente descrevê-la, conforme acredita a ciência. Para Heidegger a realidade fica ao largo da compreensão, não encerrada dentro desta. Por isso, a ciência será pega de surpresa, digamos assim, quando um resto desconhecido e irracional retorna. A esperança de poder explicar tudo, de tudo racionalizar, parece ser infrutífera. Isso pode ser entendível no conceito de real heideggeriano que é agredido por assim dizer quando precisa representar-se como objeto

Conceitos existem, sem dúvida nenhuma, 'para serem compreendidos.' Mas a representação moderna do real, a objetivação, em que se movimenta previamente o com-preender, permanece, em toda parte, uma agressão ao real, na medida em que este é provocado a se mostrar no horizonte da (com-) preensão representativa. A provocação tem como consequência, no contexto da com-preensão moderna, o fato de a realidade com-preendida passar, inopinadamente e, contudo, somente depois de muito tempo, inadvertidamente, para o contra-ataque pelo qual a ciência moderna é surpreendida subitamente, apesar de Kant, precisando ela familiarizar-se com esta surpresa, mediante descobertas próprias, no seio do processo científico como um conhecimento seguro. (HEIDEGGER, 1969, p.34).

3.6- O sintoma na estrutura neurótica

Lacan situa que o laço social primordial que é formado pelo sintoma seria a ironia. A neurose se caracterizaria por uma falta dessa função irônica, que é necessário reconstruir.

Pois vocês estariam errados em acreditar que me preocupo com a metafísica a ponto de fazer uma viagem para encontrá-la.

Eu a tenho a domicílio, isto é, na clínica em que a entretenho em termos que me permitem responder-lhes lapidarmente sobre a função social da doença mental: sua função social, como bem disseram vocês, é a ironia. Quando tiverem prática com o esquizofrênico, vocês saberão da ironia que o arma, atingindo a raiz de toda relação social.

Quando essa doença é a neurose, contudo, a ironia falta com sua função, e a descoberta de Freud foi havê-la reconhecido nela apesar dos pesares, mediante o que a restaurou ali em seu pleno direito, o que equivale a cura da neurose. (LACAN, 2003b, p.216).

A psicanálise se alicerça, em sua prática, em desfazer o engano de confundir o lugar do sujeito com o lugar do eu. A fenomenologia do sujeito é um lugar diferenciado do lugar da consciência. Isso permite situar a psicanálise como em uma posição crítica ao conceito cartesiano que situaria o fenômeno da existência no mesmo lugar aonde se dá a consciência.

O objeto de trabalho do psicanalista é o inconsciente porque este tem uma primazia sobre a consciência. É a fenomenologia do sujeito que instaura o campo

do inconsciente. A partir dele, é que se poderá instaurar o que concebemos como uma consciência. O sujeito é produto deste fenômeno que se produz ontologicamente e de onde a consciência está alicerçada, não como uma entidade controladora poderosa, mas sim como estando a mercê dos efeitos do campo do inconsciente, como se vê nas formações inconscientes. Freud mostra que essas formações fogem de todo controle possível da consciência, inclusive por vezes subjugando-a

Escrevi que "o 'eu penso' a que se pretende reduzir a presença [segundo o que vem antes: a do sujeito fenomenológico] não para de implicar ... todos os poderes de reflexão pelos quais se confundem sujeito e consciência". Isso não quer dizer que não haja aí nada de confusional. Num ponto eminente da ascese cartesiana, precisamente o que invoco aqui, consciência e sujeito coincidem. É tomar esse momento privilegiado como algo exaustivo quanto ao sujeito que é enganador - é por fazer dele a categoria pura que a presença do olhar como opacidade no visível viria a transformar a visão em substância (contexto de minha frase). (LACAN, 2003b, p.216).

Lacan vai operar uma separação na frase cartesiana do “eu penso, logo existo”. O eu penso, traz uma carga de sentido, ou seja, aquilo que eu penso que sou, o sentido que eu dou para minha existência é um produto do campo simbólico. Ele está barrado, segundo Lacan, por este “logo”. O “eu existo” marca um lugar fenomenológico onde o sujeito está situado, mas que não pode ser reduzido ao lugar do sentido que o sujeito constrói racionalmente para si

Ao contrário, é a partir desse próprio momento de coincidência, na medida em que ele é captado pela reflexão, que pretendo marcar o lugar pelo qual a experiência psicanalítica faz sua entrada. Simplesmente por ser tomado n'O tempo, esse sujeito do "eu penso" revela o que é: o ser de uma queda. Sou aquilo que pensa "logo existo"; já comentei isso em outro lugar, assinalando que o "logo", traço da causa, separa originalmente o "eu sou" da existência do "eu sou" do sentido. (LACAN, 2003b, p.210-211).

Assim o homem parece estar alienado do lugar que ocupa como sujeito, ao passo que está cristalizado em um lugar de sentido produzido pelo raciocínio. O “eu penso” é uma tentativa de transformar a existência de si mesmo como um lugar de absoluta certeza teórica, portanto objetificando-o. No entanto, pela suposição de Lacan o fenômeno do sujeito, marca da existência humana, não pode ser um objeto a não ser como falta. Ele escaparia de todas as tentativas

de objetificá-lo, sendo portanto definido como aquilo que não pode se tornar objeto, a não ser como um objeto ausente.

Assim a psicanálise não faria uma antropologia. Porque, por mais exaustiva que fosse a descrição que porventura se fizesse do homem, o objeto primordial de estudo da psicanálise estaria ausente, isto é, o inconsciente. Ao trabalhar o homem do ponto de vista do sujeito do inconsciente, Freud irá descobrir na fala de seus pacientes que o sujeito do inconsciente está ali na borda da fala, sendo evocado por vezes naquilo que é dito, mas nunca comparecendo totalmente. Ele nunca é objeto totalmente compreendido pela razão. Ele é objeto ausente e a compreensão apenas tece bordas aonde se apresenta o furo deste objeto incompreensível. O objeto por excelência da psicanálise será não aquilo que não se consegue falar, mas aquilo que não se pode falar.

A melhor das antropologias não pode ir além de fazer do homem o ser falante. Eu, por mim, falo de uma ciência definida por seu objeto. Ora, o sujeito do inconsciente é um ser *falado*, e é o ser do homem; se a psicanálise tem que ser uma ciência, esse não é um objeto apresentável.

De fato, a psicanálise refuta qualquer ideia até hoje apresentada do homem. Convém dizer que todas, por mais numerosas que fossem, já não se sustentavam em nada desde antes da psicanálise.

O objeto da psicanálise não é o homem; é aquilo que lhe falta - não uma falta absoluta, mas a falta de um objeto. Também é preciso nos entendermos quanto à falta de que se trata - é aquela que põe fora de questão que se mencione o objeto. (LACAN, 2003b, p.218).

O ato de falar figura como a parte principal e de mais alta suma importância na técnica psicanalítica. Falar implicaria tecer toda uma narrativa em torno de um objeto metafísico que é a fenomenologia do surgimento do sujeito, mas que em última instância a fala apenas a circula, pois essa fenomenologia não é apreendida pelo discurso a não ser como faltando a este. A fala comprovaria que o homem está alienado de sua posição de sujeito pois o fenômeno não pode ser convertido em um objeto compreendido

Partir da ação da fala por ela ser aquilo que funda o homem em sua autenticidade, ou apreendê-la na posição original absoluta do "No começo era o Verbo", do quarto Evangelho - o qual o "No começo

era a ação", de Fausto, não consegue contradizer, uma vez que essa ação do Verbo *lhe* é coextensiva e renova dia a dia sua criação -, significa, por um caminho e pelo outro, ir diretamente, para além da fenomenologia do *alter ego* na alienação imaginária, ao problema da mediação de um Outro que não é segundo enquanto o Um ainda não está. (LACAN, 2003a, p.141).

Para Lacan, a psicanálise contesta a teoria de que a fala representaria apenas o exercício de transmitir os pensamentos que possuímos. No cotidiano, a experiência demonstraria que a fala vai além dessa transmissão, causando efeitos muitos mais vastos

Ao se tomar a linguagem como apenas um meio na ação da fala, o barulho ensurdecido que mais comumente a caracteriza servirá para recusá-la diante da instância de verdade que a fala pressupõe. Mas só se invoca essa instância para mantê-la distante e para pagar na mesma moeda no que concerne aos dados flagrantes do problema - ou seja, que o papel constitutivo do que é material na linguagem impede que a reduzamos a uma secreção do pensamento, e que a experimentação maciça das toneladas e quilômetros pelos quais se medem os alicerces de sua transmissão, antigos e modernos, basta para que nos interroguemos sobre a ordem dos interstícios que ela constitui no real. (LACAN, 2003a, p.141).

A técnica da interpretação, como concebida por Freud, permite ao analista demonstrar ao paciente que está equidistante o sentido que seu discurso produz com sua fala, daqui que se supõe ser o real

O maravilhoso que se liga à função da interpretação, e que conduz o analista a mantê-la na sombra, embora a ênfase devesse ser depositada com vigor na distância que ela supõe entre o real e o sentido que *lhe* é dado - e, propriamente, na reverência de princípio e na reprovação de consciência que envolvem sua prática-, obstrui a reflexão sobre a relação intersubjetiva fundamental que *lhe* é subjacente. (LACAN, 2003a, p.142).

Aqui Lacan se opõe a crítica de Heidegger de que a interpretação psicanalítica de Freud se baseia em conjecturas, que Freud sempre suporia serem verdadeiras. A interpretação deve nascer do discurso do paciente, que retorna a ele como o sentido que está sendo evocado em sua fala, mas que, no entanto, parece *lhe* escapar da consciência. A interpretação visa assim desvelar o sentido produzido pela fala e desfazer o equívoco do paciente de tomar este sentido como um objeto do campo do real. A interpretação não é uma conjectura

de Freud. Para ela funcionar, o sujeito já deve estar esperando ouvi-la, ou seja, ela foi enunciada nas entrelinhas de sua fala. Pelo fato desta fala ser direcionada ao analista, a mensagem velada- o sentido produzido por esta fala- já é pressuposta pelo paciente que retorne a ele pela boca de seu analista. Isso demonstra o fechamento de um circuito aonde uma fala foi produzida e atingiu uma escuta determinada

Entretanto, nada evidencia melhor essa relação do que as condições de eficácia que essa prática revela. Pois essa revelação do sentido exige que o sujeito já esteja pronto para ouvi-la, isto é, ele não esperaria se já não tivesse encontrado. Mas, se sua compreensão exige o eco da fala de vocês, não será porque é numa fala que, já por se dirigir a vocês, era a de vocês, que se constituiu a mensagem que ele deve receber dela? Assim, o ato de fala aparece menos como comunicação do que como fundamento dos sujeitos numa anunciação essencial. (LACAN, 2003a, p.142).

A interpretação é uma conjectura, mas não uma qualquer. Existe a possibilidade de se realizar várias interpretações, mas sua eficácia é pautada por sua função. Ela deve abrir uma nova via discursiva e deve modificar aquilo que estava cristalizado como verdade absoluta. Aquilo que para o paciente seria uma verdade surge agora como um sentido cristalizado pelo discurso e que funcionava como verdade, como um objeto no real

É que não existe, certamente, uma interpretação que seja a única correta, mas é do fato de ela ser dada que depende o advento no ser do novo que não existia, e que se torna real naquilo que chamamos verdade. (LACAN, 2003a, p.142).

A psicanálise se caracteriza por dar liberdade ao homem de se utilizar plenamente a ação da fala. Ao exercer o ato da fala, o analista vai notar se o falante está mais ou menos consciente do seu lugar de sujeito ou se está alienado deste. A fala deixa transparecer uma alienação de que o paciente não sabe ao certo quem ele é, pois o lugar onde ele é (seu ser), seu lugar de sujeito, está barrado da consciência. Como diz Lacan, no momento da fala plena o paciente será tanto aquele que fala quanto aquele que escuta. O lugar de sujeito implica que uma parte da fala vem de um lugar desconhecido pelo paciente, pois vem do inconsciente. Assim, quando o paciente fala em uma associação livre

por exemplo, virá uma fala que ele não reconhece como sua, apesar de ser ele o enunciante. Ele não se reconhece como produtor desta fala, apesar de escutar de sua própria boca. Esse desconhecimento sugere que o homem não está consciente de um saber que é produzido ali aonde se presentifica o fenômeno do ser. O “eu penso” está alienado do lugar fenomenológico onde o ser se presentifica na existência humana

Ora, o real com que se defronta a análise é um homem a quem é preciso deixar falar. É na medida do sentido que o sujeito traz, efetivamente, ao pronunciar o “eu” [*je*¹⁷], que se decide se ele é ou não aquele que fala; mas a fatalidade da fala, ou seja, a condição de sua plenitude, pretende que o sujeito, por cuja decisão se mede propriamente, a cada instante, o ser em questão, em sua humanidade, seja tanto aquele que fala quanto aquele que escuta. Porque, no momento da fala plena, ambos participam dela igualmente. (LACAN, 2003a, p.143).

O mais interessante é que a psicanálise vai abrir todo um outro campo de possibilidade de compreensão que permite ao sujeito sair um pouco de sua alienação fundamental. Porque a fenomenologia do sujeito está apreendida também, em certa medida, por elementos do social. As leis de parentesco, as leis da linguagem, as tradições culturais, etc. Todo o campo da cultura permeia a posição de sujeito que o homem ocupa.

Tanto isso é verdade, que o corpo do homem surge no seu nascimento, é produzido na gestação, mas o sujeito nasce bem antes disso. Toda a bagagem que vem dos nossos ancestrais já dão forma ao corpo simbólico do sujeito. Assim, se no momento presente temos um interesse particular por ler Aristóteles, isso não ocorre por acaso. Isso foi determinado pelo papel que este filósofo desempenha na cultura que eu habito. Certamente que, se eu tivesse nascido em uma aldeia de um povo autóctone africano, Aristóteles não teria a mesma importância, se é que teria alguma. Assim meu lugar de sujeito desejante que se interessa por beber da sabedoria de Aristóteles foi determinado mundo antes de eu habitar este mundo

¹⁷ O desdobramento do termo “eu” em francês, entre *je* e *moi* é relativamente pouco explorado neste volume. Portanto, a solução mais simples, a transcrição do original entre colchetes, nos pareceu a solução ideal por não comprometer a leitura. (N.E., 2003, p.143).

Pois onde situar, por gentileza, as determinações do inconsciente senão nos quadros nominais em que se baseiam desde sempre, no ser falante que somos, a aliança e o parentesco, nas leis da fala em que as linhagens fundamentam seu direito, no universo de discurso em que elas misturam suas tradições? E como apreender os conflitos analíticos e seu protótipo edipiano fora dos compromissos que fixaram, muito antes de o sujeito vir ao mundo, não apenas seu destino, mas sua própria identidade? (LACAN, 2003a, p.143-144).

O sujeito é então um lugar ocupado pelo homem, lugar este que é transpassado pela cultura, como se denota pelos vários elementos culturais como os laços de parentesco, a tradição de sua ancestralidade, os mitos fundadores, etc. Além de estarmos alienados de todo essa bagagem cultural que recebemos, o homem também se acha alienado de sua própria história.

O retorno do recaiado irá trazer à tona o quando o homem é um ser historicizado. Por exemplo, ao sofrermos algum acidente, virá a mente toda uma série de acidentes que vivemos em nossas vidas. Essa cadeia significativa, introduz o trauma de um acidente atual eu uma linhagem de outros traumas que aconteceram pela vida, criando assim uma narrativa que produz um sentido para aquilo que está acontecendo. É por isso que as cargas afetivas se ligam a eventos remotos do passado, pois o conjunto deles produz o drama da narrativa que produz um sentido que visa compreender todo o sentido do ser do homem. Parece que a consciência humana não consegue discernir com clareza se ela está interpretando corretamente os eventos que estão acontecendo agora, no momento presente, ou se a interpretação que faço do mundo está contaminada por eventos do passado que teimam em voltar. A produção de sentido tem que se dar dentro de uma narrativa e, portanto, precisa estar inserida em uma temporalidade. Por isso os eventos do passado estão constantemente sendo evocados e agindo sobre os eventos do presente. Alienar-se de sua história não determina que teremos uma liberdade de ação maior no presente. Ao contrário, o ideal é estar precavido, por assim dizer, pelos momentos onde essa história vai se repetir como uma reedição atual de eventos do passado. Ela se repete como nova, porque esquecemos que ela é a nossa história, faz parte de nós. Os eventos do passado não estão se repetindo no presente. Mas ao estarmos alienados de nossa história, nós a reeditamos sem perceber, de forma

inconsciente. A famosa frase de Freud “o neurótico não se lembra, ele repete”, tem aqui todo seu alcance

Observem o que chamamos, bizarramente, de material analítico, mesmo que não discutamos nisso o termo material, se quisermos, mas material ele linguagem que, para constituir o recalado, como nos assegura Freud ao defini-lo, tem que ter sido assumido pelo sujeito como fala. Não é com impropriedade que se diz que a amnésia primária atinge, no sujeito, sua história. Trata-se, com efeito, daquilo que ele viveu como historicizado. A impressão só tem valor como significante no drama. Aliás, como conceber que uma "carga afetiva" permaneça ligada a um passado esquecido, se o inconsciente não fosse, justamente, sujeito em pleno exercício, e se o deus dos bastidores afetivos não saísse, justamente, da *machina* integral de uma dialética sem corte? (LACAN, 2003a, p.144).

Lacan situa muito bem essa estrutura de temporalidade presente na fala, que produz os sintomas da neurose. Na dinâmica da transferência com o analista o paciente traz este seu movimento aonde o futuro aparece como incerto e indeterminado. O presente, onde se dá suas ações atuais, sempre é julgado com base no que foi estabelecido como a verdade de sua história. O *acting out* que o paciente produz na situação transferencial é uma reencenação do seu passado, que parece figurar a verdade de que “eu sou assim”. Ou seja, é um sentido do ser cristalizado, tornado objeto definido pelo sentido da narrativa histórica

Quanto ao fenômeno da transferência, ele sempre participa da elaboração própria da história como tal, isto é, do movimento retroativo pelo qual o sujeito, assumindo uma conjuntura em sua relação com o futuro, reavalia a verdade de seu passado com base em sua nova ação. (LACAN, 2003a, p.144-145).

Para Lacan o inovador em Freud, que iria além das considerações teóricas de Hegel, é que existiria um certo determinismo dialético aonde, de um lado, se instaura toda uma ordem excêntrica a consciência de si mesmo. Assim se o homem, enquanto sujeito, é determinado por toda uma bagagem cultura e de sua própria história, do outro lado, de forma dialética, a consciência de si mesmo está alienada de toda essa ordem que o constituiu e o determinou de tal modo de ser

A descoberta de Freud foi que o movimento dessa dialética não determina somente o sujeito, à sua revelia e até pelas vias de seu

desconhecimento - o que Hegel já havia formulado no artifício da razão colocado no princípio da fenomenologia do espírito -, mas o constitui numa ordem que só pode ser excêntrica em relação a qualquer realização da consciência de si; mediante o que, era sempre transposto para mais longe o limite da ordem assim constituída, sempre mais soberano seu domínio, na realidade do ser humano, do que a princípio se pudera imaginar. (LACAN, 2003a, p.145).

O ponto central da psicanálise é que a consciência humana e o lugar onde nos constituímos em uma determinada ordem social não constituem o lugar exato onde o homem se situa. Na verdade, este lugar parece servir mais como um local de passagem para o material que advém do sujeito do inconsciente

Os conceitos da psicanálise são captados num campo de linguagem e seu domínio se estende tanto quanto é possível que uma função de aparelho, uma miragem da consciência, um segmento do corpo ou de sua imagem, um fenômeno social ou uma metamorfose dos próprios símbolos sirvam de material significante para aquilo que o sujeito inconsciente tem a expressar. Essa é a ordem essencial em que se situa a psicanálise, e que daqui para frente chamaremos de ordem simbólica. (LACAN, 2003a, p.145).

O método psicanalítico não visa dominar os sintomas através de seu controle ou que o paciente consiga achar uma forma de manejá-lo confortavelmente. Os sintomas devem ser inseridos dentro da cadeia histórica da vida do paciente. Além disso, eles devem ser entendidos dentro do discurso do paciente. Isso significa que o sintoma é um dialeto, cujo sentido e importância só pode ser determinado quando ele é traduzido conforme o dialeto especial que cada paciente traz em seu discurso

Considerem como objeto um fenômeno qualquer do campo psicanalítico e, num instante, esse campo se dissipa junto com a situação que o funda, da qual vocês só podem esperar assenhorear-se se renunciarem a qualquer dominação daquilo que pode ser apreendido como objeto. Os sintomas de conversão, inibição e angústia não estão ali para dar a vocês o ensejo de lhes ratificar os nós, por mais sedutora que possa ser sua topologia; é de desatá-los que se trata, e isso quer dizer devolvê-los à função de fala que eles têm, num discurso cuja significação determina seu emprego e seu sentido. (LACAN, 2003a, p.145-146).

3.5 Linguagem e direção de tratamento

O discurso proferido pelo paciente não será usado pelo analista para simplesmente atingir a consciência deste paciente. Não se trata de uma mera passagem de conteúdos inconscientes para a clareza da consciência. A chave para o entendimento do método psicanalítico é a fala. Lacan expressa categoricamente que a psicanálise é fundamentada na importância capital da fala, isso desde os primórdios da técnica.

Escutar a fala implica que os pressupostos que estabeleceram a estrutura de um determinado discurso perderam-se no tempo. Uma fala caracteriza-se por se dirigir também a um outro, um semelhante. Todo fala pressupõe ser criada para alguém que vai escutá-la. No entanto, aquele a quem se destina este discurso do paciente já desapareceu no passado.

Vemos aqui que Lacan critica a simples noção de tornar consciente um conteúdo inconsciente da mente humana. Por uma passagem pela fala, Lacan determina que o discurso estará alienado dos pressupostos que o fundamentam e também alienado para quem ele se destina. Pois tudo isso foi determinado em uma época passada que já não existe mais no presente. O sujeito está alienado do que estruturou seu discurso, mas ainda o sustenta. Desconhecer os fundamentos de um discurso não impede de forma alguma que ele seja exercitado

Trata-se, com efeito, não de passagem para a consciência, mas de passagem para a fala, a despeito daqueles que se obstinam em permanecer fechados a ela, e é preciso que a fala seja ouvida por alguém ali onde não podia nem sequer ser lida por ninguém - uma mensagem cujo código perdeu-se ou cujo destinatário morreu. (LACAN, 2003a, p.146).

A direção de pensamento de Lacan é resgatar o entendimento da psicanálise longe de um reducionismo psicofisiológico. Embora Freud venha da área médica e tenha uma certa ambição de realizar uma explicação psicofisiológica dos fenômenos clínicos, isso é abandonado com a evolução de sua teoria. A direção será para o campo do simbólico. Com isto, Lacan quer dizer que a estrutura de significado e significante contidos na fala humana é que irão sobredeterminar e reger o que chamamos de nosso mundo

Mas a sobredeterminação de que fala Freud não visa, em absoluto, restaurá-las na legitimidade científica. Ela não afoga o peixe do causalismo na fluidez de um paralelismo psicofisiológico que um certo número de cabeças-moles julga poder reforçar com a lição freudiana. Ela apenas separa, do texto sem fissura da causalidade no real, a ordem instituída pelo uso significante de um certo número de seus elementos, na medida em que ele atesta a penetração do real pelo simbólico - sem que a exigência causalista perca seus direitos de reger o real por parecer representar apenas uma tomada especial dessa ação simbolizadora.

Que esta observação testemunhe, de passagem, os limites irredutíveis que o pensamento de Freud opõe a qualquer intromissão de um idealismo "barato", à moda de Jaspers. (LACAN, 2003a, p.147).

A crítica recorrente de que Freud acreditaria em uma explicação psicofísica última que determina e causa o sintoma é descartada por Lacan. Freud nunca teria levado esse argumento tão à sério. A base orgânica dos sintomas está presente Apenas porque ela se situa dentro da estrutura de linguagem. Aquilo que fixa o sintoma e o organiza da forma de ser, ao mesmo tempo, um conflito presente na vida atual, conjuntamente com um antigo conflito de natureza sexual advindo do passado, é a estrutura de linguagem. Por isso que não podemos reduzir o paciente a seu viés psicofisiológico. Temos que considerar seu lugar dentro de uma estruturação simbólica que determina quem ele é.

Como foi dito na citação acima, o lugar de fala vai constituir que o sujeito habite um discurso que lhe é determinante, ao passo que ele desconhecerá os fundamentos que sustentam este discurso. Quanto aquilo que determinou o discursos que ele habita, ele nada saberá sobre isso

Freud, na verdade, é por demais coerente em seu pensamento para que a sobredeterminação com que relaciona a produção do sintoma, entre um conflito atual, no que este reproduz um antigo conflito de natureza sexual, e o respaldo não acidental de uma hiância orgânica (espinha lesionada ou complacência do corpo) ou imaginária (fixação), tenha-lhe parecido outra coisa senão uma escapatória verbal a ser desdenhada, se não se tratasse, no caso, da estrutura que une o significante ao significado na linguagem. (LACAN, 2003a, p.147).

Deixa-se de lado a visão de que uma análise visa extinguir fantasias muitas vezes impossíveis de serem concretizadas na realidade, pois são fantasias infantis ligadas a elementos regressivos do ego. A resolução de

tratamento vai de encontro a um campo simbólico que está enraizado no inconsciente

Pois estamos prontos para nos interrogar se a análise é o engodo pelo qual se extinguem no sujeito necessidades pretensamente regressivas, permitindo que elas se esgotem pelas vias imaginárias que lhes são próprias, sem que a escassa realidade que as sustenta possa jamais satisfazê-las, ou se ela é a resolução das exigências simbólicas que Freud revelou no inconsciente e que sua última tópica ligou brilhantemente ao instinto de morte. Se essa segunda concepção é a verdadeira, o erro representado pela primeira torna-se evidente, com a aberração com que toda a prática analítica acha-se atualmente comprometida. (LACAN, 2003a, p.147).

No campo da psicologia existe o conceito do terapeuta se aliar a parte sadia do ego do paciente e, trabalhando conjuntamente, buscar constituir um ego mais bem estruturado e funcional socialmente. Freud se contrapõe a isso. Ele não reforça o ego e nem mesmo auxilia em um suporte as frustrações cotidianas. O caminho inverso, será- como no exemplo do caso Dora- que ela perceba os movimentos inconscientes que ela realiza para que uma determinada situação de sofrimento psíquico possa continuar existindo. Em outras palavras, o papel que ela exerce, ativamente, em uma situação aonde ela se considera vítima e acredita não ter poder nenhum de modificá-la

De fato, não é com a psicologia que Freud se preocupa, nem em reforçar o eu de sua paciente, nem em lhe ensinar a suportar a frustração ao ser cobrado por Dora a propósito da situação escandalosa em que a má conduta do pai dela a prostitui. Muito pelo contrário, é a essa mesma situação que Freud a remete para obter dela a confissão do apoio ativo e constante que ela lhe dá, sem o qual essa situação não poderia ter se perpetuado nem por um instante. (LACAN, 2003a, p.150).

A psicanálise critica a fenomenologia do setting clínico, aonde se pressupõe uma relação a dois. Por supor ser uma relação dual, cria-se este conceito do terapeuta se aliar a parte boa do ego do paciente. Aqui a crítica lacaniana ferina de querer moldar o paciente a imagem do analista, tornando-o seu duplo.

Aliás, só o exercício dessa dialética permite não confundir a experiência analítica com uma situação a dois que, sendo abordada como tal, só pode gerar no paciente um acréscimo de resistências, as

quais o analista, por sua vez, não acredita poder remediar senão se entregando às suas, o que leva, no final das contas, ao método que os melhores admitem, sem nem mais sentirem a advertência de um incômodo: buscar um aliado, dizem eles, na "parte sadia" do *eu* do paciente, para reformular a outra parte à medida da realidade. E o que é isso senão refazer o *eu* do paciente à imagem do *eu* do analista? (LACAN, 2003a, p.150).

Divergindo da psicologia, o eu terá outro entendimento. Ele é, como na psicologia, uma parte, mas nunca passará disto. E ele é uma parte que nem mesmo é a determinante das condutas humanas. O ego em si é, em seu âmago, pré-genital. As manipulações racionais e lógicas do ego tem como fundo, em última análise, satisfazer seus interesses escusos. O exemplo clássico são as queixas dos pacientes da análise não avançar, ser muito cara, demandar muito tempo, etc. Todas essas queixas servem ao mesmo propósito, inviabilizar a análise. Percebemos a injustiça quando constatamos que o paciente se queixa da demora na resolução de determinados sintomas, embora estes sintomas às vezes tenham mais de vinte anos na vida do paciente. Ou do valor elevado de seu tratamento, enquanto ele mesmo não percebe o quanto dispende altas somas com seu sintoma. Isso tudo sem levar em conta que é o paciente que procurou o tratamento e, via de regra, só continua o mesmo por seu próprio desejo. Ele busca tratamento porque seu sintoma não lhe permite avançar na vida e lhe traz grande sofrimento. As queixas oriundas da resistência do ego não levam em conta que ele está à mercê dos sintomas, que se instauraram em uma época passada e teimam em permanecer. Esta pretensa parte "sadia" do ego, não pode fazer muito mais do que se resignar aos sintomas com os quais ela é obrigada a conviver.

O *eu*, no entanto, verdade primeira da psicanálise nunca é senão metade do sujeito; e essa metade, ainda por cima, não é a boa nem a que detém o fio de sua conduta, de modo que o referido fio deve ser torcido, e não apenas um pouco. Mas, que importância tem isso? Todo mundo não sabe há algum tempo que o sujeito, em sua resistência, usa de tamanho artifício que chega até a se refugiar na moita [*maquis*] da perversão declarada, na *strada* da incontinência passional, para não se entregar à evidência – ou seja, a de que, em última análise, ele é pré-genital, isto é, interesseiro? (LACAN, 2003a, p.151).

Distanciando-se de uma visão dualista do setting analítico, temos uma visão de quatro elementos: primeiro, o paciente por excelência, aquele que está deitado no divã. Segundo, aquele que fala, o sujeito da fala, quem sustenta o discurso, que, na psicanálise, não pode ser confundido com o primeiro. Terceiro ponto, aquele que escuta, que vai receber o discurso. E por último, o papel do morto, aquele para quem o discurso foi endereçado a muito tempo, que se confunde com a figura atual do analista mas que só se mantém porque o analista faz o papel de morto, ou seja, se ausenta para deixar transparecer a pessoa para quem o discurso foi originalmente endereçado

Voltando, de nossa parte, a uma visão mais dialética da experiência, diremos que a análise consiste precisamente em distinguir a pessoa deitada no divã analítico daquela que fala. O que, somado à que escuta, já dá três pessoas presentes na situação analítica, entre as quais é costume formular a pergunta que é básica em qualquer matéria de histeria: onde está o *eu* do sujeito? Admitido isso, convém dizer que a situação não é a três, mas a quatro, com o papel do morto, como no bridge, sempre fazendo parte da partida, e tanto que, não se o levando em conta, é impossível articular seja lá o que for que tenha sentido a propósito de uma neurose obsessiva. (LACAN, 2003a, p.151).

3.8 Linguagem e o campo simbólico

Lacan vai ressaltar um dos pontos cruciais da psicanálise, a supervisão. Em um conceito reduzido, a supervisão objetiva perceber como está o refinamento da escuta do analista. Se ele consegue perceber o que está subentendido no discurso que o paciente traz e o lugar transferencial que ele está sendo colocado pelo mesmo. Percebe-se também as resistências do analista na maneira como ele irá tratar deste lugar onde ele foi situado. Enfim, o supervisor não está no *setting* analítico junto com o paciente e o analista. Mas no relatório feito do processo de análise, a escuta do analista é o ponto chave trabalhado na supervisão. O refinamento de sua escuta é o que caracteriza a formação de um analista

Do mesmo modo, se a intermediação da fala não fosse essencial à estrutura analítica, a supervisão de uma análise por um analista que só tem dela o relato verbal seria estritamente impensável, ao passo que é uma das formas mais claras e mais fecundas da relação analítica (cf. o relatório). (LACAN, 2003a, p.151).

A concepção de Lacan da linguagem está na base do conceito de que o saber, em uma análise, está do lado do paciente ou deste que fala- o sujeito do inconsciente- que não é exatamente o mesmo lugar do paciente. O paciente sabe mais do que pensa saber e o que ele diz vai além do que o que ele pensa dizer. Este resgate de um saber inconsciente é um fenômeno que demonstra o lugar do homem no mundo. Este saber inconsciente é produzido do lugar que o homem habita no mundo, que não pode ser confundido com o lugar do seu eu racional e lógico. Efeito da linguagem no mundo, este saber demonstra o conceito lacaniano que o homem está à mercê não de casualidades psicofisiológicas, mas de um universo simbólico- isso são os efeitos de existir a linguagem no mundo humano

A psicanálise é fonte de verdade, mas também de sabedoria. E essa sabedoria tem um aspecto que nunca engana, desde que o homem começou a enfrentar seu destino. Toda sabedoria é um gaio saber. Ela se abre, subverte, canta, instrui e ri. Ela é toda linguagem. Alimentem-se de sua tradição, desde Rabelais até Hegel. Abram também os ouvidos para as canções populares, para os maravilhosos diálogos de rua...

Neles vocês recolherão o estilo através do qual o humano se revela no homem, e o sentido da linguagem sem o qual vocês nunca libertarão a fala. (LACAN, 2003a, p.152).

Lacan vai conceituar a linguagem como a estrutura que define os lugares e relações entre o significado e o significante. Ela não é, propriamente, aquilo que organiza o Real, mas é antes estrutura abstrata em si mesma. O Real somente parece se organizar por ela porque ele aparece como falta, como ausente, elemento indeterminado. A ordenação do mundo parece se dar então porque a ordem simbólica tem sua primazia sobre tudo

Esclareçamos, portanto, o que a linguagem significa no que ela comunica: ela não é nem sinal, nem signo, nem tampouco signo da coisa como realidade externa. A relação entre significante e significado está inteiramente incluída na própria ordem da linguagem, que condiciona integralmente seus dois termos. (LACAN, 2003a, p.154).

Elemento primordial da linguagem, o significante será a palavra, que determina e representa a coisa, este elemento do Real. Mas sem querermos esgotar o conceito de significante, o aspecto que Lacan aqui dá maior relevo é o fato de que ele não está no cérebro, na mente, mas ele está no mundo. Ou seja, é de fora que vêm essas palavras, o que demonstra ser um equívoco considerar a linguagem e o pensamento humano como propriedades daquele que pensa. Estes elementos já estão determinados de fora, pelas palavras que recebemos a nossa cultura

Examinemos, primeiro, o termo significante. Ele é constituído de um conjunto de elementos materiais, ligados por uma estrutura sobre a qual indicaremos, daqui a pouco, a que ponto ela é simples em seus elementos, e até mesmo onde podemos situar seu ponto de origem. Mas, correndo o risco de passar por materialista, é no fato de se tratar de um material que insistirei primeiro para apontar, nessa questão de lugar que produz nosso discurso, o lugar ocupado por esse material - com a única finalidade de destruir a miragem que aparentemente impõe o cérebro humano, por eliminação, como lugar do fenômeno da linguagem. Onde poderia ele estar, de fato? A resposta é, para o significante: por toda parte. (LACAN, 2003a, p.154).

O outro ponto da estrutura da linguagem é o significado. Ele é o sentido, um compartilhamento de uma experiência, mas como diz Lacan, comunica não a experiência em si, mas o sentido desta. Não seria propriamente uma descrição de um fenômeno, mas sim o que este fenômeno significa, o que este fenômeno representa para alguém. Por exemplo, não é constatar o fenômeno em si da raiva ao observar uma pessoa gritando raivosa. É antes que, se uma pessoa grita raivosamente, significa provavelmente que ela está com raiva de algo ou alguém.

Passemos ao significado. Ele não é a coisa, lhes disse; então, o que é? Precisamente, o sentido. O discurso que lhes faço aqui, para não buscar mais longe o nosso exemplo, certamente visa a uma experiência que nos é comum, mas vocês estimarão seu valor por ele lhes comunicar o sentido dessa experiência, e não essa experiência em si. (LACAN, 2003a, p.155).

Mostra-se assim o caráter abstrato do campo do simbólico e a impossibilidade do Real se efetivar a não ser como falta. Isto é, dentro de toda

essa amarração estrutural da linguagem, o Real, a coisa, fica cada vez mais distante e opaca, ao ponto de nunca ser encontrada. Por isso que a realidade humana destaca essa verdade de que os objetos ditos reais nada mais são do que intrincadas elaborações linguísticas onde a coisa em si permanece indeterminada. A estrutura simbólica do mundo funciona à todo vapor independente do homem, que sói conhecerá seus efeitos. Isto seria o campo do inconsciente, que aparece mais claramente nos sonhos, o simbólico produzindo a si mesmo.

Assim é que a comunicação inter-humana é sempre informação sobre informação, testagem de uma comunidade de linguagem, numeração e regulação daqueles compartimentos do alvo que delimitarão os objetos, eles próprios nascidos da concorrência de uma rivalidade primordial. (LACAN, 2003a, p.156).

Esse fenômeno da coisa como ausente e de que, ao nos aprofundarmos nela, encontramos apenas elucubrações do simbólico, é enunciado por Lacan ao dizer que a palavra chega mesmo a ser a própria coisa:

Tanto é verdade que a palavra não é o signo da coisa que ela chega a ser a própria coisa. Mas é apenas na medida em que ela abandona o sentido - se excluirmos o do chamamento, aliás bastante inoperante nesse caso, como se percebe pelas probabilidades mínimas, no conjunto, de que, ao enunciar-se a palavra "mulher", apareça uma forma humana, mas pela grande probabilidade, ao contrário, de que, ao gritarmos ante o aparecimento de uma tal forma, nós a façamos fugir. (LACAN, 2003a, p.156).

Acima, Laca usa uma interessante metáfora para destacar seu ponto de vista da linguagem. Ao falar a palavra mulher, as chances de que uma mulher surja são mínimas. Ou seja, não existe a probabilidade da palavra se tornar um objeto no Real. Ao contrário, de forma irônica, Lacan diz que se gritarmos mulher, provavelmente assustaremos e afugentaremos uma mulher que surja. Ou seja, a metáfora quer dizer que a palavra, em todo seu poder significante, acaba sendo tomada como Real em si, fazendo qualquer probabilidade da coisa surgir. Ante o Real como falta, a palavra vai fazer às vezes de coisa. Como foi salientado acima em relação aos sonhos. Não se encontra a coisa em si, mas as

elucubrações do simbólico. Por isso Freud já era muito cético sobre encontrar uma fundamentação última em um causalismo psicofisiológico.

Neste ponto Lacan ressalta o caráter da ciência de instrumentalizar o Real, tomando-o de um ponto de vista utilitarista dentro de uma metodologia científica. Assim, toda sua dimensão que toca o ser e mesmo o ente é deixada de lado por um utilitarismo de como melhor podemos manipular e controlar este Real apreendido como objeto dentro de um método científico

As chamadas ciências físicas evitaram isso de maneira radical, reduzindo o simbólico à função de ferramenta para dissociar o real - sem dúvida com um sucesso que a cada dia torna mais clara, com esse princípio, a renúncia que ele comporta a qualquer conhecimento do ser, e até mesmo do ente, na medida em que este corresponderia à etimologia, de resto inteiramente esquecida, do termo *física*. (LACAN, 2003a, p.156-157).

A cientifização das ciências humanas seria ainda mais problemáticas, na medida em que o homem aparecerá como objeto manipulável por uma metodologia. Cabe salientar que na psicanálise o homem é objeto, mas do campo do simbólico, é sujeito aos efeitos da linguagem. A metodologia psicanalítica não visaria objetivá-lo, mas descortinar sua sujeição a essas regras de linguagem que todos padecemos:

Daqui a pouco, porém, o homem não mais aparecerá seriamente senão nas técnicas em que é "levado em conta", como cabeças de gado; em outras palavras, logo estará mais apagado nelas do que está a natureza nas ciências físicas, se nós, psicanalistas, não soubermos fazer valer aquilo que, em seu ser, decorre apenas do simbólico. (LACAN, 2003a, p.157).

3.9 Função e conceito da fala na psicanálise

O conceito de linguagem na psicanálise não pode ser confundido com um conceito leigo desta. O desconhecimento de si mesmo, leva o homem a considerar a linguagem como mero instrumento utilitarista. Uma linguagem cotidiana, que move a nós e nossos semelhantes, além e mover as coisas no Real. Este conceito somente se sustenta por uma rejeição cega daquilo que a linguagem pode produzir de conhecimento do ser

Mas é nesse viés que cai meu aluno Anzieu, ao me imputar uma concepção mágica da linguagem que é muito incômoda, de fato, para todos aqueles que não podem fazer mais do que inserir o simbólico como um meio na cadeia das causas, na impossibilidade de distingui-lo corretamente do real. É que essa concepção se impõe, na falta da boa: "Digo a meu servo: 'Vá!', e ele vai", como se expressa o Evangelho, "'Vem!', e ele vem". Magia incontestável, tudo isso, por mais cotidiana que seja. E é justamente pelo fato de todo desconhecimento de si exprimir-se como projeção, meu amigo Anzieu, que eu lhe pareço vítima dessa ilusão. (LACAN, 2003a, p.157).

Lacan usa uma metáfora para transmitir sua conceitualização de fala. Em períodos de guerra, costuma-se utilizar uma senha, para assim poder identificar se a pessoa é um aliado ou um inimigo. A senha, por si só, não significa nada, é uma palavra qualquer, sem relação direta algum objeto da realidade ou da natureza. A palavra em si não significa nada. Mas sua importância está no fato de pertencer a uma estrutura aonde quem souber a senha consegue evitar sua morte. Veja que, mesmo sendo uma palavra sem importância, pelo fato dela estar inserida em uma estrutura crucial, ela representa no entanto algo de suma importância, pois é a diferença entre a vida e a morte. Essa metáfora lacaniana demonstra que o significante pouco ou nada tem a ver com a coisa que ele representa ou substitui. Buscar encontrar, no fundo da linguagem, algo da natureza ou o próprio Real em seu estado bruto de coisa, é infrutífero. O significante só demonstra todo seu peso pelo lugar que ele ocupa dentro da estrutura simbólica da linguagem, como a senha na metáfora de Lacan:

E, para nos encaminhar do polo da *palavra* para o da *fala*, definirei o primeiro como a confluência do material mais vazio de sentido no significante com o efeito mais real do simbólico, lugar ocupado pela senha, sob a dupla face do não-sentido [*non-sens*] a que o costume a reduz e da trégua que ela traz à inimizade radical do

homem por seu semelhante. Ponto zero, sem dúvida, da ordem das coisas, já que nele ainda não aparece coisa alguma, mas o qual já contém tudo o que o homem pode esperar de sua virtude, pois aquele que detém a senha evita a morte. (LACAN, 2003a, p.158).

A própria estrutura das relações de parentesco não pode ser considerada derivada da natureza. Ela é a forma mais cabal de exemplo de como a estrutura se impõe por si só uma vez que é posta em funcionamento. As relações de parentesco implicam uma estruturação que funciona de forma efetiva sem que nenhum substrato da natureza- do Real- possa explicar o motivo de sua existência

Mas como não dizer, mais uma vez, que o fruto de toda essa ciência já nos fora oferecido num gaio saber, quando Rabelais imaginou o mito de um povo em que os laços de parentesco se ordenariam em denominações estritamente contrárias àquelas que só ilusoriamente nos parecem conformes à natureza? Com isso já nos foi proposta a distinção entre a cadeia de parentes e a trama real das gerações cujo trançado é profuso em repetições de motivos que, justamente, substituem o anonimato individual pela identidade simbólica. Essa identidade, de fato, vem na vertente contrária à realidade, visto que as proibições se opõem às necessidades sem uma necessidade natural. (LACAN, 2003a, p.158-159).

Para Lacan esses elementos que caracterizam a estrutura da linguagem colocam o homem já dentro de uma estrutura que é anterior a sua vinda ao mundo. Por isso, seu lugar no mundo já é determinado a partir de um ponto extrínseco

Eis o homem, portanto, incluído no discurso que desde antes de sua vinda ao mundo determina seu papel no drama que dará sentido à sua fala. A mais curta linha, se é verdade que na dialética a reta também o é, para traçar o caminho que deverá levar-nos da função da palavra na linguagem para o alcance, no sujeito, da fala. (LACAN, 2003a, p.159).

Lacan usa um exemplo metafórico para exemplificar as relações da linguagem. Na frase, “és minha mulher”, eu não preciso dizer que sou seu marido, pois isso está subentendido na frase, ou seja, eu digo, mas de forma invertida ao pronunciar a primeira frase. A fala está nessa estrutura que funda essas relações, a de marido e mulher. Ao chamar a outra pessoa de “minha mulher”, eu afirmo ser o marido, sem que eu precise dizê-lo

No primeiro, ela aparece vivamente no "és minha mulher" ou no "és meu senhor" com que o sujeito dá mostras de não poder empenhar na primeira pessoa seu preito de fidelidade e servidão no casamento ou na disciplina, sem investir o outro como tal da fala em que ele se funda, pelo menos durante o tempo necessário a este para repudiar sua promessa. No que se vê, de maneira exemplar, que a fala não está em nenhum dos sujeitos, mas no juramento que os funda, por mais levianamente que cada um venha nele a jurar sua fidelidade. (LACAN, 2003a, p.162).

O outro exemplo clássico que Lacan utiliza para demonstrar como ele acredita estar relacionado o inconsciente e a estrutura da linguagem, será a estrutura da paranoia como apresentada por Freud. Nessa estrutura, Freud vai demonstrar como os mecanismos de defesa modificam os produtos do inconsciente. A expressão inconsciente que funda o sintoma será o "eu o amo". Vejamos que ela já parte de uma interpretação, uma constatação de um fato, ou seja, de que eu estou apaixonado por ele. Mas esse conteúdo será modificado, como Freud observou, primeiro para o "não é eu que o amo, é ele que me ama", depois para o "ele me odeia". Lacan se apropria deste exemplo para mostrar que a frase original fica oculta do sujeito. O sintoma da paranoia é um enigma, aonde o fato do "eu o amo" não pode ser compreendido pelo sujeito. Ao contrário, o que ele vai ver é as articulações da estrutura da linguagem que essa frase sofreu

O segundo caso é o da recusa da fala, que, embora defina as principais formas da paranoia, nem por isso deixa de apresentar uma estrutura dialética da qual a clínica clássica, pela escolha do termo interpretação para designar seu fenômeno elementar, já mostrava o pressentimento. É da mensagem não formulada que constitui o inconsciente do sujeito, isto é, do "eu o amo" que Freud genialmente decifrou nela, que é preciso partir, para obter com ele, em sua ordem, as formas de delírio em que essa mensagem se refrata em cada caso. (LACAN, 2003a, p.162).

Um ponto interessante ressaltado por Lacan é o que ele chama do vazio da fala. Assim, pode-se naturalmente falar como um falastrão, falando tudo que vem à cabeça, ou seja, sem pensar. Isso demonstra que o pensamento em si, como um conceito bem articulado, não precisa necessariamente aparecer para falarmos. Inclusive, a fala pode servir para contrariarmos algo que pensamos ou desdizer aquilo que pensamos. A fala é essa espécie de movimento mecânico aonde transformamos palavras em ondas sonoras, o que não implica haver um

pensamento bem articulado ou mesmo um pensamento legítimo para ser transmitido. A associação livre, método preconizado por Freud, demonstra como a fala nada mais é que uma torrente que pode ser inclusive desconhecida do falante, por isso Freud vai dizer que o sujeito fala mais do que sabe ou do que quer dizer:

Além de a fala estar muito habituada ao vazio do pensamento, a opinião que recebemos dos pensadores é justamente que, pelo uso que o homem costuma fazer dela, a fala - se é que existe alguma coisa a pensar a seu respeito - lhe foi mesmo dada para esconder seu pensamento. (LACAN, 2003a, p.164).

Uma máquina pode operar, em termos de linguagem, em uma relação de estímulo-resposta, como já foi teoricamente idealizada. Mas não poderia operar certos elementos da linguagem que caracterizam este lugar muito próprio do homem. Porque o homem realiza certas operações muito próprias com sua linguagem que não podem ser reproduzidas devidamente

Assim como ele mostra ao refutar de antemão a escamoteação que os modernos fazem disso no chamado circuito estímulo-resposta: "Pois é bem possível", diz ele, com efeito, "conceber que uma máquina seja feita de tal modo que profira palavras ... a propósito de ações corporais que causem certas mudanças em seus órgãos, como se, sendo tocada num certo ponto, ela perguntasse o que lhe queremos dizer, e, se tocada em outro, gritasse que a estamos machucando" – para confiar no duplo critério pelo qual, segundo Descartes, a máquina seria falha, a saber, não será possível que "ela disponha de maneiras diversificadas" essas palavras "para responder ao sentido de tudo o que se disser em sua presença": ou seja, os dois termos, substituição combinatória do significante e transsubjetividade fundamental do significado, com que caracterizamos a palavra e a fala na linguagem. (LACAN, 2003a, p.165).

Lacan explicita um dos elementos da fala presente na condição humana que é impossível de reproduzir nas máquinas: o muro da linguagem. Tomando de empréstimo a patologia da paranoia, o muro da linguagem se caracteriza por essa condição humana onde estamos separados do mundo- aquilo que Freud está chamando de princípio da realidade- de uma maneira bem semelhante a do paranoico. Isto é, o mundo de uma certa forma vai no sentido oposto de nosso desejo. A realidade se caracteriza por ser tudo aquilo que se opõe ao que buscamos, tudo aquilo que é contrário ao que buscamos para garantir nossa

sobrevivência. Isso é um aspecto psicológico bem característico, o que chamamos mundo externo parece ser sempre aquilo que é danoso contra nós em algum grau. É exatamente o oposto do mundo onírico, onde mesmo os pesadelos parecem servir em algum grau para trabalhar conteúdos angustiantes ou para nos preparar ante a vida de um perigo futuro. Os pesadelos funcionam como a estrutura masoquista, que visa melhor preparar o sujeito para uma situação traumática que ele foi incapaz de lidar. Mas o mundo externo tem semelhança com a estrutura paranoica de um perigo ameaçador sempre presente não identificado. Sempre estamos alerta, meio de sobreaviso para prevenir algo que nos possa machucar.

Vocês podem servir-se do próprio muro da linguagem, o qual, por sua vez, não tomo por uma metáfora, já que um corolário de minha colocação é que ele ocupa seu lugar no real. Vocês podem servir-se dele para atingir seu interlocutor, mas sob a condição de saberem que, quando se trata de utilizar esse muro, vocês estão ambos do lado de cá, sendo portanto preciso atingi-lo de banda, e não objetivá-lo do lado de lá. Foi isso que eu quis apontar ao dizer que o sujeito normal partilha esse lugar com todos os paranoicos que correm pelo mundo, na medida em que as crenças psicológicas a que esse sujeito se apegar, na civilização, constituem uma variedade de delírio que não se deve considerar mais benigna por ser quase geral. Seguramente, nada autoriza vocês a participarem dela, a não ser, justamente, na medida enunciada por Pascal, segundo a qual equivaleria a ser louco de uma outra forma de loucura não ser louco de uma loucura que parece tão necessária. (LACAN, 2003a, p.168).

Este é o muro da linguagem, algo que separa aquilo que chamamos de “eu” do mundo externo. Não é como na vida onírica onde vai haver uma extensão daquela realidade que se vê como “externa”. No sonho, como bem sabemos ao acordar, tudo aquilo que foi visto como externo na verdade é meu mesmo, tudo me pertence. Na vida de vigília haverá este muro, intransponível para todos os seres humanos. Como Lacan explicou nas citações anteriores, não estamos somente no mundo, igual aos animais. Estamos dentro de uma estrutura que já nada tem a ver com a natureza propriamente dita. Como os laços de parentescos que estamos presos: eles não são a natureza e, ao mesmo tempo, tem de ser obedecidos desde que viemos ao mundo. São uma estrutura de linguagem a qual estamos submetidos. Essa alienação do muro da linguagem é um efeito reconhecido na análise, principalmente quando o paciente diz “eu penso que você (o analista) deve estar pensando isso ou aquilo”. Pressupor a subjetividade

do analista faz sobressair o fantasma, isto é, aquela subjetividade do próprio paciente que ele não reconhece como sua, mas acredita que ela está lá, do outro lado de quem escuta. Tudo isso evidência os efeitos alienantes da presença do muro

Mas isso pressupõe que, por pouco que seja, sua análise pessoal os tenha feito perceber essa alienação em relação a vocês mesmos, que é a grande resistência com que terão de lidar em suas análises. Assim vocês se farão ouvir do único lugar que está ou deveria estar ocupado para além do muro da linguagem, o de vocês. (LACAN, 2003a, p.168).

Com a questão do muro da linguagem entramos em um ponto peculiar da discussão existencial do homem. A velha interrogação de “quem sou eu?”, que passa pelos elementos do ser interrogados a partir do lugar de ente do homem. Se o homem é, como caracteriza Heidegger, o único ente que se interroga pelo sentido do ser, na psicanálise isso terá toda um desdobramento original. Pois se este que é, fala do outro lado do muro, aquilo que ele é não pode ser determinado por ele mesmo, visto que ele está alienado de si mesmo.

3.8 O campo simbólico e a estrutura do jogo do *Fort-Da*

A alienação fundamental de si mesmo é reconhecida pela psicanálise na teorização do inconsciente. Como foi citado acima, nos desdobramentos da estrutura paranoica, a frase que a funda é desconhecida pelo sujeito. Ou seja, o homem é um ser que fala, mas o ser que fala no homem não é exatamente quem ele reconhece como ele mesmo. Isso seria, grosso modo, o que Freud chamou o inconsciente. A fala transpassa o homem, mas sua origem lhe é desconhecida. Portanto é um desconhecido que fala nele e através dele em um dialeto estranho: “Com efeito, não sabendo estritamente quem fala em vocês, como lhes seria possível responder àquele que lhes pergunta quem ele é? Porque é essa a pergunta que seu paciente lhes formula (...).” (LACAN, 2003a, p.168).

Para a psicanálise a fala nada mais é do que uma porta entreaberta onde, por instantes, podemos supor saber quem é o ser que fala, que vai tornar a sumir

quando finalizar o discurso do paciente. Como no jogo do *Fort-Da* de Freud, o sujeito do inconsciente surge e desaparece, nesse descortinar da fala

Ele surpreendeu o filho do homem no momento de sua captação pela linguagem e pela fala. Ei-lo ali, ele e seu desejo. A bola presa por um fio, ele a puxa para si, depois a atira longe, toma a puxá-la e a relança. Mas escande sua puxada, sua rejeição e sua retomada com um oo. aa, oo, no que o terceiro sem o qual não existe fala não se deixa enganar, afirmando a Freud, que o escuta, que isso quer dizer: *Fort! Da! Sumiu! Taí! Tomou a sumir...* ou melhor, segundo o vocábulo de que um autor esquecido fizera uso: *Napus!* (LACAN, 2003a, p.169-170).

Lacan retoma aqui seu ponto de vista de que, o efeito principal da linguagem será produzir um escamoteamento tal que o Real jamais possa ser encontrado- doravante reconhecido como objeto faltante que jamais comparecerá. Nesta metáfora do *Fort-Da* de Freud reconhecemos os jogos da linguagem aonde os objetos são jogados de um lado ao outro, aparecendo e desaparecendo, tornando-se, no dizer de Lacan, desejo de desejo:

Pois o que faz ela, essa criança, com esse objeto, senão aboli-lo cem vezes, senão fazer dessa abolição seu objeto? Decerto é para que cem vezes renasça seu desejo, mas, será que ele já não renasce desejo desse desejo? Não há, portanto, nenhuma necessidade de reconhecer pelo contexto e pela testemunha que a dificuldade de esperar a mãe encontrou aí sua transferência simbólica. O assassinato da coisa, termo que Juliette Boutonier destacou em meu discurso, já está aí. (LACAN, 2003a, p.170).

Lacan descortina, na elaboração apurada de Freud do jogo do *Fort-Da*, aquilo que está em causa no cerne do tratamento psicanalítico. A partir do momento em que a criança joga com a mãe, esta mãe está agora posta em um lugar simbólico desse carretel que aparece-desaparece. Isso significa, na interpretação de Lacan, que a mãe Real é substituída por uma mãe simbólica. Ou seja, a criança não tem como controlar esta mãe, mas tem como controlar esse representante da mãe. O jogo da linguagem certamente não permite um controle absoluto desse campo do Real, mas objetos do Real irão se mover nesse enodamento dos três registros: Real, Simbólico e Imaginário. A morte da coisa, como citado acima, significa que, neste campo que se abre da linguagem, a coisa em si já não figura mais, senão como espectro de algo que falta em seu

lugar. Como foi demonstrado na citação acerca dos laços de parentesco, o que vigora agora e faz mover as coisas no Real não é mais uma pura abstração oriunda de uma possível natureza originária. A lei do incesto não pode ser demonstrada por um apelo a natureza. Sua sustentação está presa a noções culturais, demonstrando que a linguagem vem a ocupar um lugar de primazia no ser humano, criando um mundo eminentemente humano que não permite mais ao homem jamais resgatar sua natureza original de animalidade.

A linguagem produz “furo” no Real. Ou seja, no Real, este campo eminentemente da coisa por si mesma, tudo está no seu lugar, partindo do princípio que as coisas sempre estão onde deviam estar. A coisa em si ocupa um lugar no espaço, como uma pedra, um animal, o ar. Por mais que tudo se mova, sempre está no lugar que devem ocupar no espaço. Movem-se de um lugar a outro, mas sempre estão em algum lugar, seu lugar dentro do Real. A linguagem permitiu produzir este furo onde acreditamos que algo do Real que deveria estar aí não está. É uma impossibilidade que uma coisa que deveria existir não exista, a não ser como uma miragem de falta- ou seja, ela parecia que estava ali, mas desapareceu. Como se ela estivesse estado ali antes de sumir. Como no jogo do *Fort-Da*, os movimentos do carretel no Real vão produzir este jogo infantil aonde seu aspecto simbólico significa que algo está aparecendo e desaparecendo. O caráter de algo sumir e aparecer só pode ser entendido de forma simbólica, isto é, como efeito da linguagem, uma linguagem que contém regras e leis que não existiam antes do homem a colocar aqui no mundo. Neste jogo do simbólico o próprio homem está contido, sendo jogado de um lado para o outro, lidando com sua irredutível condição de ser-para-a-morte

É que o outro e o desejo já estão presentes nos fantasmas incluídos nesse objeto simbolizador, juntamente com a morte, que, por ter sido a primeira a se apoderar dele, dentro em pouco será a última a sair, para ser, muda, a quarta no jogo. O jogo é o sujeito. Mas isso não impede que o baralhamento das cartas o preceda, que as regras tenham sido elaboradas sem ele, que outros tenham marcado as cartas, que ele possa estar fora do baralho, que os próprios vivos que estiverem jogando sob o domínio dos fantasmas só o anunciem por seu naipe, e que, seja qual for o jogo que se jogue, sabe-se que nunca se jogará senão no jogo. (LACAN, 2003a, p.169-171).

Finalizando, Lacan interpreta que a jornada freudiana para desvendar os problemas psicopatológicos que afligem os pacientes acaba por levar ao

questionamento “o que é o homem?”. Essa interrogação ontológica tem uma resposta diferenciada dentro da psicanálise, haja visto que seu objetivo não é tecer uma teorização filosófica, mas sim servir como um tratamento efetivo para minimizar o sofrimento das psicopatologias.

A neurose, condição patológica onde a grande maioria dos seres humanos se encontra, é também um questionamento por sua própria condição existencial dentro do mundo.

Para poder produzir seu método de forma eficaz, Freud necessitou produzir um entendimento dessa condição existencial de uma forma própria da psicanálise. A interpretação feita por Lacan busca uma retomada deste cerne onde Freud se alicerça, sem o qual perdemos de vista os fundamentos principais e primordiais da psicanálise.

O homem não se encontra jogado na natureza. Por habitar a linguagem, ele encontra-se jogado dentro de uma estrutura que constitui o campo do simbólico. Como Lacan cita acima, nossas relações com nosso semelhante, com o desejo, conosco mesmo, com a morte, tudo isso está englobado dentro de uma estrutura que não foi construída por nós e que não controlamos. Estamos no jogo e não saímos dele a não ser no nosso desaparecimento quando morremos. E o jogo nos controla, por assim dizer. Somos jogados dentro dele. Os elementos do jogo são espectros que lembram o Real fugidio, que nunca comparece, a não ser como miragem do que esteve ali. O que não impede de toda a estrutura do jogo ser quem movimenta o próprio Real embora aqui ele já é outra coisa. A mãe real do jogo do *Fort-Da*, já nada sabemos dela. Ela aparece e desaparece de forma aleatória, portanto não tendo mais uma grande serventia eficaz na estrutura eficaz do que chamamos a civilização humana. Por certo o garoto, inventor do jogo, pode chamar a mãe pelo nome e esperar que ela apareça, mas isso já é o efeito do simbólico movendo as coisas do Real por ter sua primazia sobre este. A mãe um dia desaparecerá, para nunca mais aparecer, como convém a todo ser-para-a-morte. Mas na medida em que ela agora já é objeto do simbólico, sempre estará sendo jogada dentro do *Fort-Da* agora como símbolo do que quer que tenha sido a mãe Real. As memórias de quem foi a mãe recordam uma mãe simbólica construída, cuja lembrança pode evocar tristeza ou alegria, conforme o que se lembra, o que se evoca. Joga-se o jogo, manipula-se a mãe como símbolo. A mãe Real já está morta muito antes de

desaparecer da Terra, pois como substrato para a construção dessa mãe do jogo simbólico ela já não tem necessidade, a não ser como a coisa da qual produziu-se uma representação ao ponto da coisa poder ser deixada de lado e, inclusive, deva ausentar-se. Em outras palavras, Freud não encontra uma base orgânica nas neuroses. Não faz o homem retomar seu caminho para a natureza. Encontra na verdade um mundo do homem, um mundo visto pelos olhos do homem e do qual nenhuma outra espécie animal consegue participar e do qual nenhum homem pode escapar. A ciência não pode pôr ou tirar algo do Real. Não podemos criar um novo elemento que não venha dos elementos disponíveis que o universo nos dá. Não podemos simplesmente fazer algo desaparecer do universo como se nunca estivesse estado lá. Não se altera a constância das matérias, essa lei da física é inquebrável, sabemos sobre isso desde a Lei de Lavoisier, postulada em 1785: “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Utilizamos habilmente nossa metodologia da ciência moderna para transformar, manipular tudo e este é o grande segredo da existência humana, o grande princípio do *Fort-Da*. Uma vez que o Real pode ser transformado em símbolo manipulável dentro do grande jogo, podemos movê-lo a nosso bel prazer da forma como melhor nos convier dentro da estrutura das regras que ditam o jogo. Por isso a civilização humana não tem precedentes entre os outros animais. Eles não conseguiram transformar o Real em uma representação que pouco ou nada tem a ver com a coisa no Real em si, a não ser como espectro ou lembrança do que um dia pode ter sido. E o jogo do simbólico implica que há uma falta, algo fora de lugar, o que faz com que, incessantemente, o jogo seja jogado, as coisas se movam e se transformem no Real sendo nós mesmos mais jogados dentro dele, sendo mais peças do jogo do que aquele que detém algum controle do jogo. As cartas foram marcadas, as regras foram estabelecidas antes de nós, como diz Lacan. A estrutura do campo simbólico da linguagem funciona à revelia do controle do homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando Freud inicia sua jornada na construção da psicanálise, seu objetivo era poder realizar uma clínica eficiente para atender as patologias que assolavam sua época. Focando na psicopatologia da neurose, podemos considerar que as pesquisas freudianas trouxeram todo um novo campo de questionamentos sobre o conhecimento humano. As considerações e crítica de Heidegger acerca da psicanálise podem demonstrar que seu alcance ultrapassou, em muito, qualquer objetivos modestos que Freud teria. Em especial na patologia da neurose, que não só é uma doença que os seres humanos padecem, mas que também é a estrutura que atinge a maioria dos seres humanos. E o ponto capital é que Freud não teoriza uma estrutura dita propriamente de “normal”, sendo que o normal é uma boa resolução da neurose dentro de seus termos. As outras estruturas, psicose e perversão, não foram trabalhadas para não se fugir do escopo dessa dissertação.

A neurose é a causa de sofrimento, mas é a estrutura onde a maioria dos seres humanos se encontra, o que leva a busca do entendimento do funcionamento neurótico como um questionamento de questões existenciais que intrigam o homem desde os primórdios da busca de nosso conhecimento. A questão da compreensão da existência por si já aproxima os trabalhos heideggerianos dos psicanalíticos. No trabalho apresentado, foi buscado demonstrar que a clínica provisiona Freud de um empírico fenomenológico que não pode ser descartado de suas teorias. O trabalho psicanalítico visa diminuir o sofrimento psíquico pelo tratamento das psicopatologias.

No início do percurso, acompanhamos o nascimento da psicanálise quando ela ainda brotava do trabalho da hipnose. Nesta época as produções freudianas estão fortemente ligadas ao método da hipnose e a figura de Charcot, que guiará Freud neste campo. Neste início acompanhamos como o conceito de inconsciente já estava estruturado no método hipnótico. Ele será bastante reformulado é verdade, conforme Freud constrói sua técnica própria da psicanálise. Foi salientado no trabalho que o método hipnótico pressupõe um conceito de inconsciente que, de forma resumida, define que existem correntes de pensamento que estão fora da consciência do paciente, embora se reconheça

que elas estão lá, principalmente porque elas serão a causa das psicopatologias estudadas.

Aqui um adendo: não podemos dizer que o conceito de inconsciente tenha sido criado para justificar ou explicar de forma inteligível as causas das psicopatologias. Pelo que foi demonstrado nesse trabalho, Charcot reproduz os sintomas psicopatológicos através da sugestão, assim como também produz a cura dessas psicopatologias pelo mesmo método da sugestão. O alcance desta cura será limitado, ou não haveria a necessidade de Freud produzir um método mais refinado e bem diferenciado. O ponto mais importante que este trabalho visou ressaltar é de que Charcot e Freud descobrem um fenômeno, onde o método hipnótico demonstra como ele teria sido e continua sendo produzido. Ao reproduzir a mesma psicopatologia através da sugestão Charcot demonstra que esta é uma maneira bem eficaz de entender o fenômeno da neurose.

Esmiuçamos toda essa parte para demonstrar que a sugestão é uma ideia tomada pelo sujeito como absolutamente verdadeira e inquestionável, semelhante a uma legítima crença. A psicopatologia da neurose pressupõe que uma ideia que foi tomada assim desta forma causa um sintoma que afetará fisiologicamente o paciente. Assim, uma causa psíquica produz um fenômeno físico. O método de Charcot reproduz isso demonstrando que é totalmente plausível que foi assim que aconteceu essas psicopatologias, sobretudo a neurose de histeria, que era o foco principal de seus trabalhos conjuntamente com os de Freud.

Em uma outra etapa, a evolução das teorias psicanalíticas leva Freud a descobrir que os pacientes estão reproduzindo todo um comportamento de forma repetitiva. A neurose será catalogada de *Neurose de Transferência*. Os primórdios do postulado da transferência já podem ser reconhecidos pela necessidade, no método psicanalítico, do hipnotizador ser reconhecido como uma figura de autoridade. Sem uma certa autoridade, a fala do hipnotizador não atua como sugestão, não será tomada na dimensão de uma verdade.

A transferência é ponto pivô do método da psicanálise. Por meio dela, o analista será imbuído de certa autoridade que produz, entre outras coisas, um comportamento repetitivo por parte do paciente que ele não percebe que está fazendo. Foi trazido diversos exemplos disso neste trabalho, mas para lembrar situamos: uma desconfiança do analista de forma injustificada, um boicote ao

tratamento também sem justificativa, um amor ou devoção ao analista muito exacerbadas, uma esperança em uma cura psicanalítica extremamente irreal, entre outras coisas. Tudo isso são exemplos de um fenômeno da aparição de um comportamento que não tem justificativa lógica. É um comportamento que se repete, que aparece seguidamente nesse chamado laço transferencial.

O paciente não sabe porque age assim, sendo que geralmente nem mesmo percebe que está agindo desta forma. Ele não tem consciência de que está agindo assim- de onde provém o termo inconsciente, que designará toda essa estrutura psíquica que está no campo do inconsciente. Freud dar-se-á conta que esse comportamento é proveniente do passado e que se manteve, mesmo não sendo mais necessário no atual presente. Por estar alicerçado no passado ele provém dos primórdios aonde a constituição psíquica do homem se formou, isto é, da sua infância. Ele possui uma grande matiz sexual em seu bojo.

A importância da sexualidade já está presente desde os trabalhos de Charcot para o entendimento da etiologia da histeria. No seminário *A lógica do Fantasma*, de Lacan, ele argumenta que os bebês, quando nascem, já entram nessa categoria de ou serem meninos ou meninas, masculinos ou femininos. A categoria de diferenciação dos sexos está assim presente desde a descoberta do sexo do bebê. Esta lógica categorial não é muito discorrida dentro das categorias apresentadas por Aristóteles. Freud remonta a um ponto da obra *O Banquete*, de Platão. No discurso de Aristófanes, os homens divididos em machos e fêmeas tentam se unir. Assim Freud encontra um corolário da sua pulsão sexual, que faz com que um ser humano busque outro ser humano como seu objeto sexual. A força dessa atração é o condensador de uma pulsão sexual. Bem entendido, a força de atração entre os sexos condensa uma grande energia psíquica que corre nessa topologia estrutural produzida entre esses dois lugares, homem e mulher. Não é o caso de considerar se a atração é pelo mesmo sexo ou seu oposto, mas sim de que os lugares produzem uma estrutura por onde a pulsão vai perfazer seus movimentos.

O mito de Édipo reproduz que existe a busca de um objeto que produzirá satisfação mas que está interdito por uma lei, um tabu- o tabu do incesto. Assim tudo aquilo que é da ordem da satisfação imediata sexual da criança deve ser interdito pela lei e a energia da satisfação interdita deve ser manejada dentro dos meios possibilitados pela cultura. A mãe é o objeto de todas as

satisfações da criança (a função materna, aquela que funciona como satisfazendo as funções do bebê), mas algumas necessidades são interditadas pelo pai (a função paterna, aquele que representará a lei que proíbe certas satisfações). Conforme a criança cresce e desenvolve sua sexualidade, o campo daquilo que é interdito adquire sua matiz sexual. Como Lacan salienta, o sexual no ser humano só adquire tamanha importância porque seu alcance vai muito além da mera função reprodutora ou busca do prazer: ele produz toda uma lógica estrutural.

Esse trabalho visou explicitar certas aproximações da teoria heideggeriana com a psicanálise e vice-versa. Conforme foi citado, Stein considera que Freud trabalha na direção de uma mudança de paradigma que será estabelecido com mais propriedade nos trabalhos de Heidegger. O objeto de estudo de Freud será o paciente, o homem tomado dentro dos limites do setting analítico. Como observou Stein, a transferência analítica deve ser compreendida também dentro destes limites do consultório. Lacan define que o discurso do paciente funciona como um relato da observação de um fenômeno que ocorre, que representa o âmbito de sua existência.

Nesse trabalho foi pinçado um dos conceitos principais de Heidegger, o *Dasein*. Por meio deste, o filósofo que o fenômeno da existência não pode ser devidamente objetivado. O Ser-no-mundo do homem não pode ser compreendido em sua totalidade em um conceito limitador. A direção dos trabalhos de Freud se coaduna com os pressupostos do conceito do *Dasein*. Citando como exemplo disto, conforme foi salientado por Lacan, Freud não trabalha os sonhos, mas sim os relatos dos sonhos. A clínica psicanalítica por excelência está fundada na fala do paciente.

O Fenômeno dos sonhos no mundo onírico não importa a Freud. O relato do paciente é o que lhe interessa sobremaneira. Pouco importa se o relato é escasso, se o paciente se equivoca no que viu ou se transformou o conteúdo do sonho desde que acordou até a hora que relatou ao analista. O importante é que, ao relatar o sonho, o analista pode ver como a lógica do paciente estrutura e organiza este sonho, como ele se comporta em relação a ele e o que traz de novo acerca do sonho que teve. A vivência onírica do sonho permanece como fenômeno não objetificado. É uma forma própria de ser do *Dasein*. Mas todo o relato é uma tentativa de compreensão dentro de uma estrutura lógica, seja ela

consciente ou inconsciente e, portanto, ela pode ser objeto de análise. Inclusive caberá ao analista fazer o paciente perceber a equidistância que existe entre sua fala, que traz uma narrativa de sua existência, e o fenômeno existencial do *Dasein*, que é inapreensível por ser incompreensível.

No trabalho foi citado um trecho dos Seminários de Zollikon, onde podemos esmiuçar como Heidegger entende uma questão psicológica. Ele fala acerca de uma paciente de Boss, que procura desviar, de toda forma possível, a lembrança de uma situação desoladora. Heidegger considera que essa lembrança representa um de seus modos de ser e, ao se desviar dele, ela estaria indo por um caminho não autêntico, ou seja, tentando desviar de si mesma, fugindo de vivenciar uma situação que faz parte de seu *Dasein* no mundo. Uma correta interpretação Daseinanalítica a faria reconhecer e vivenciar esse aspecto de sua existência que é também seu próprio ser. Se a paciente tenta fugir desta lembrança, isso demonstra que a mesma ainda permanece viva e atuante no presente. Ela é do passado, mas seus efeitos estão se fazendo sentir no presente. A paciente tem que reconhecer que na presentificação do seu *Dasein* a lembrança não é passado, pois está se presentificando no momento agora.

Nota-se, nas entrelinhas do pensamento de Heidegger, que seu caminho é filosófico, pois busca uma compreensão da forma como um fenômeno está surgindo e procura desvelar a verdade na clareza de interpretar o mais corretamente o que é e como lidar com esse fenômeno. É uma busca compreensiva de toda a situação, embora o fenômeno em si não seja apreensível.

Ressaltamos esses aspectos da metodologia de Heidegger para diferenciar da maneira freudiana de proceder. Freud já parte de uma visão psicopatológica, isto é, algo que não está funcionando corretamente e que precisa ser conduzido a uma direção de cura, uma boa resolução. É um viés médico científico ainda enraizado. Assim o entendimento iria por uma via de que o comportamento da paciente de se afastar dessa lembrança desoladora seria uma repetição e a lembrança representa um momento em que o aparelho psíquico não conseguiu manejar a contento esta determinada situação desoladora. No entanto, para Freud, quando uma lembrança retorna o campo da consciência e pode ser vivida em sua plenitude, ela perde seu poder avassalador

ao ser reconhecida como um elemento do passado, que não pode mais atingir o paciente, pois refere-se a coisas que não existem mais.

Percebemos que é legítima a crítica heideggeriana de que a psicanálise objetifica em sua metodologia o fenômeno que analisa. Ainda persiste um caráter médico cientificista na abordagem do patológico, porém pesa o fato de que é o paciente quem aponta o patológico, aquilo que lhe traz sofrimento, não sendo isso objeto de definição do psicanalista. Mas toda a metodologia freudiana, assim como a psicanálise produzida *a posteriori*, conserva um entendimento físico científico do aparelho psíquico. Serão forças se contrapondo umas às outras, instâncias em conflito ou buscando um equilíbrio. A fala discursiva do paciente estará submetida as ferramentas de fala usadas pelo analista, como as interpretações, pontuações, etc. O jogo topológico de deslocamentos ocorrerá tanto no nível dos discursos entre paciente e analista quanto na topologia do próprio aparelho psíquico do paciente. O analista neste lugar de escuta é para quem a fala é direcionada- até mesmo os relatos dos sonhos e os comportamentos- e de quem se espera o contraponto na intervenção. São todos movimentos que demonstram que a psicanálise tem um enraizamento na mecânica da física científica, embora tenha se afastado do cientificismo puro. Mesmo o resgate da *Coisa Freudiana* por excelência, feito na interpretação de Lacan do pensamento de Freud, mantém ainda essas primazias mecânicas. Talvez não possa ser de outra maneira, visto que o objetivo do método é aliviar o sofrimento psíquico dos pacientes: a psicanálise é, para todos os fins, um método de tratamento de psicopatologias.

Por isso a diferenciação do caminho heideggeriano, que traz uma visão fenomenológica *daseinanalítica* de um modelo diferenciado, pautado na busca de uma compreensão filosófica. Segundo Stein, Heidegger busca uma superação da metafísica, o que implica, de forma resumida, dizer que o homem não pode apoiar-se na busca de um sentido para si em uma determinação da natureza ou em um apelo a uma entidade metafísica superior, como na teologia. Isso implica depender de si mesmo, sentir o peso da vastidão e estar sozinho no universo. O homem seria uma exceção no salto evolutivo das espécies e o sentido de sua existência só pode ser buscado e amparado em si mesmo, na própria história que ele deixa para trás. O homem é a presentificação do *Dasein*,

ao mesmo tempo em que não pode atingir a totalidade compreensiva da essência de si mesmo, que é precisamente este *Dasein*.

Lacan, ao resgatar a pureza da *Cosia Freudiana*, demonstra que a teoria psicanalítica não contradiz os argumentos de Heidegger, mas no entanto vai por uma via bem diferenciada. A ferida narcísica aberta por Freud é o conceito de que a consciência não é o centro da mente humana. A consciência, sede do raciocínio lógico, de onde o homem interpreta e compreende o mundo não é seu centro. A pergunta *Quem sou eu?* Feita nas entrelinhas do discurso do paciente só pode ser respondida pelo sujeito do inconsciente, verdadeiro ponto central da mente humana. Tanto que Freud vai ter de considerar que todas as instâncias e qualquer capacidade cognitiva humana deve retirar o grosso de sua força do inconsciente pois, metaforicamente falando, ele é uma fornalha de produção energética. Seria tentador relacionar o *Dasein* com o lugar do inconsciente. Isto não estaria tão errado assim, desde que se conserve o rigor de considerar que são duas teorias de dois campos distintos, o da filosofia e o da psicanálise. Mas o outro ponto interessante é de que a psicanálise produz um conhecimento muito próprio que não é do campo da consciência e, ao mesmo tempo, é algo que pode ser cognoscível. A lógica do inconsciente vai representar que fora das esferas da lógica formal existe a possibilidade de produzirmos conhecimento ao descortinar uma lógica mais rarefeita e menos rigidamente estruturada que a formal. Exemplificando, a descoberta freudiana de que no inconsciente duas afirmações contraditórias podem conviver pacificamente. E realmente, elas são uma representação da situação do homem como cindido em si mesmo, impossibilitado de realizar uma síntese de si. Por isso a questão existencial *Quem sou eu?* Só poderá ser respondida, do ponto de vista analítico, pelas poucas aberturas por onde escapa a voz deste sujeito do inconsciente. Do ponto da consciência aonde o homem se encontra, este sujeito é um alienígena, um total estranho que habita o homem dentro de si mesmo. A afirmação de Lacan de que *o Eu é um outro*, pode ser interpretada que este eu imaginário, onde está alicerçado o raciocínio lógico consciente, não é quem somos, mas um outro. Quem somos parece estar em um local oculto de nós mesmos com um discurso que nos assombra, pois não estamos acostumados a reconhecer-nos neste lugar obscuro do campo do inconsciente.

Pode-se encontrar muitos ganchos teóricos que demonstram a proximidade das descobertas heideggerianas e a psicanálise. Heidegger vai postular esta condição humana onde passamos, como diz Stein, da alienação para a verdade e nós não vivemos o tempo todo na verdade, isto seria impossível por este lugar ser extremamente angustiante, então caímos na alienação, naquilo que Stein está falando da alienação do momento presente, que nos dá uma certa euforia. É o lidar cotidiano com as coisas da vida, as tarefas do cotidiano, ir na padaria, dirigir o carro, lidar com os problemas do trabalho, conversar com os filhos, etc. As atividades rotineiras do cotidiano, as possibilidades de fazer as coisas, nos alienamos nesse momento presente aonde aparentemente podemos fazer tudo, há todas as possibilidades e esquecemos que estamos em uma linha temporal, que viemos de uma história passada e temos um limite de tempo no futuro. Não notamos a passagem deste lugar da alienação para o lugar da verdade, estamos sempre oscilando entre um e outro e não fazemos isso de vontade própria ou notamos quando mudamos de um estado para outro.

Isso permite fazer uma correlação com o conceito de inconsciente de Freud. Tendemos a considerar o inconsciente como um lugar obscuro da mente, onde coisas estão vindo, assim como o conteúdo dos sonhos, que são coisas obscuras que carecem de uma interpretação para poder acharmos que aquilo tem uma serventia ou um significado para além de meras bobagens que produzimos ao sonhar. Mas Lacan considera que o inconsciente é um efeito de linguagem. Não é correto falarmos de inconsciente coletivo, como dirá Jung, porque o inconsciente não é coletivo ou individual, ele perpassa a todos nós. Se ele é um efeito de linguagem, não me parece correto dizer que ele está dentro da mente humana. Ele se produz em todos que habitam a linguagem. Obviamente são os seres humanos, mas como Heidegger ponderou, nosso mundo é eminentemente humano. Vemos todo o mundo e o concebemos de acordo com o ponto de vista do ser humano. Portanto nosso conhecimento é ele todo humano, não podendo ser de outra forma. Assim, quando um cientista observa os limites do universo, quando o homem consegue conhecer um pouco mais da vastidão desconhecida do universo, Heidegger dirá que os limites desse conhecimento, não são os limites do que se pode saber, mas os limites do que o homem pode saber. Segundo Stein, Heidegger teoriza que, se o homem é um

ser finito e o conhecimento é um produto do homem, esse conhecimento também é finito. Ou seja, assim como nossa finitude significa que temos um limite temporal de vida, nosso conhecimento também tem um limite de tudo que podemos saber. Então não seria correto dizer que o conhecimento científico está estabelecendo novos conhecimentos, tendo como metáfora que, no futuro, chegaremos a um ponto onde conheceremos tudo que tivermos para conhecer, tudo que pudemos saber. O mais correto é que o conhecimento sempre tem seus limites, ou seja, que o homem sempre encontrará uma barreira entre o conhecido e o desconhecido, nunca chegando assim a verdade absoluta. A verdade absoluta, a compreensão total não podem ser atingidas pelo homem porque seu conhecimento sempre é humano e por isso limitado. Como exemplo, tudo que a biologia pode nos ensinar acerca das outras espécies animais é sempre um conhecimento que parte do olhar do ser humano sobre esses animais. Não podemos dizer, por exemplo, que sabemos como os gatos pensam. Podemos somente dizer que sabemos como os gatos pensam a partir do conhecimento que produzimos advindo do ponto de vista humano. Um verdadeiro conhecimento de como os gatos pensam só pode ser atingido se os gatos pudesse produzir, eles mesmos, o que eles consideram um pensar de gato. Isso corrobora a teoria de Heidegger que todo conhecimento que produzimos advém do ponto de vista humano, sendo, portanto, antropológico. O homem é o centro da filosofia, pois é dele que parte o saber construído. Heidegger faz uma cisão mais profunda entre teologia e filosofia. A verdade absoluta, a compreensão total, o conhecimento da eternidade, tudo isso não são atingíveis plenamente pela filosofia. Pois a verdade absoluta seria do campo das entidades eternas, não perecíveis, caindo na esfera teológica. O homem só pode conhecer dentro de sua finitude, de seu limite como ser finito, isto é, ele sempre terá limites. Isso significa que nossa verdade não é completa, sem falhas e absoluta. Sempre estamos nos encaminhando para desvendar cada vez mais nosso conhecimento sobre a verdade, mas não é correto considerar que, no horizonte do futuro, chegaremos a um ponto de atingir a verdade absoluta. É mais correto dizer que sempre teremos questões para serem trabalhadas no campo da verdade que nunca se esgotaram enquanto durar a jornada da humanidade aqui na terra.

Se o conhecimento é eminentemente humano, isso significa que ele é produzido por estes seres que habitam a linguagem e que, portanto, sofrem os

efeitos dela, ou seja, que o inconsciente está presente por todo o lado. A importância que Lacan dá a linguagem convém nos determos mais atentamente no que ele está querendo dizer.

Segundo Lacan, será no famoso sonho *Injeção de Irma* de Freud, que ele compreende melhor o que está em jogo no funcionamento psíquico da mente humana. Lacan analisa este sonho exaustivamente. Mas um ponto gostaria de ressaltar, é sua análise da boca de Irma. Lacan vai dizer que, quando Freud se debruça, no sonho, para olhar a boca escancarada de Irma, aquele vazio, aquela escuridão, ele tem a visão da fórmula do composto da injeção. A fórmula em si não é importante, o que se deve considerar é que Freud tem um excelente conhecimento de química. Isso significa que ele vê a fórmula de uma maneira estrutural, vendo as ligações entre os elementos químicos estruturalmente. Para Lacan, isso é uma confirmação de que a veia estruturalista que ele segue na psicanálise já teria sido encontrada e endossada por Freud.

Ao ver essa estrutura ali aonde existe este vazio, este desconhecido, Freud estaria encontrando as relações entre o campo do Real e do Simbólico. A questão última que intriga Freud em todos seus trabalhos e que sempre lhe angustiou. Porque quando ele postula o conceito de pulsão, aquilo que faz a ligação corpo e mente, ela não está bem definida, se é que um dia estará. Torna-se impossível precisar com exatidão quando acaba o orgânico e começa o psíquico e vice-versa. Pulsão é um termo nebuloso. Demonstra também a frustração de Freud de encontrar todo um embasamento puramente orgânico. Freud não leva suas teorias as últimas consequências, que seria um estudo detalhado das regiões do cérebro. Ele mesmo, um neurocientista com uma certa fama em sua época, considerado brilhante por seus pares, não consegue achar uma trilha que leve a psicanálise até o cérebro.

Neste sonho, onde aparece essa fórmula estrutural, vai indicar a Freud que sua jornada seguirá em outra direção. Não mais uma fundamentação orgânica, mas dessa estrutura, que será melhor explicitada por Lacan como o campo da linguagem.

Definimos um ponto aqui crucial para entendermos o cerne da psicanálise, o que ela é: essa linguagem foi posta no mundo, ela não estava lá. Isso é o ponto-chave que Lacan está nos trazendo para entendermos o homem. Ou seja, uma estrutura segue leis e normas, segue certas regras que foram postas lá para

dar o formato da estrutura e essas regras não são oriundas da natureza. Como foi demonstrado na segunda parte do trabalho, a lei é posta de forma artificial, não tendo ligação a algo da natureza do mundo.

Em Freud, será a importância do tabu do incesto. Essa lei não pode ser dita como sendo uma origem da natureza. Ela só pode ser entendida como uma lei que se ampara na cultura ou na civilização, como Freud irá dizer em seus trabalhos. Não vamos diferenciar cultura e civilização pois não está no escopo deste presente trabalho. Vamos seguir a via de Lacan quando ele fala do trabalho de Lévi-Strauss sobre as leis do parentesco. Estas leis definem as relações entre aqueles que são consanguíneos. Define os laços de primos, tios, irmãos, pai, mãe. Todos estes laços não podem ser apenas resumidos a um embasamento na natureza. Eles extrapolam e muito o que consideramos o natural do mundo. A questão levantada aqui por Lacan é a de que o mundo dito dos homens, nossa cultura, se baseia em regras e normas que não são naturais ou que não se explicam somente pela via de uma correspondência da natureza. Portanto, são regras que extrapolam o mundo natural. Lacan discorre sobre isso quando considera que os animais vivem em uma certa relação com seu meio ambiente, onde existem como se fosse certas linhas imaginárias que lhe permitem sobreviver neste meio. Ou seja, um lobo, quando está com fome, percorre como se fosse essas linhas para buscar em seu meio ambiente sua comida. Por este fato é que, ao destruir o meio ambiente, este lobo também corre o risco de ser extinto, pois ele está mais ou menos bem adaptado ao meio. Ao destruí-lo, é mais fácil o lobo perceber do que conseguir se adaptar corretamente a um novo meio muito distante do que ele conhece.

Lacan está trazendo esses questionamentos para demonstrar que o ser humano não se adapta simplesmente ao seu meio ambiente. Ele se adapta a este, mas também tem que se adaptar as regras e normas de sua cultura. Na obra de Freud, a lei do incesto é posta de uma forma artificial, não natural. Ela deve ser seguida pela criança por ser uma lei importante para que esta possa se inscrever na sua cultura. Freud fará mesmo um apanhado antropológico para demonstrar como a lei do incesto está presente em quase todas as culturas humanas. Isso importa para demonstrar que essa lei tem sua sustentação basicamente na cultura, não na natureza.

A importância da linguagem para Lacan e para toda a psicanálise aqui se justifica. Como a lei do incesto, as regras e normas que regem a linguagem humana não advém da natureza, mas são impostas em cima dela. Para eu poder me comunicar com outro ser humano, eu e ele devemos partilhar das mesmas regras gramaticais. Se eu encontro um estrangeiro que fala uma língua que eu desconheço, isso significa que eu não conheço as regras da gramática que ele está utilizando. Isso vai prejudicar e muito que nós possamos conviver conjuntamente. Quando os seres humanos formam uma tribo, para que ela possa estar estruturalmente organizada para melhor assegurar a sobrevivência do grupo, é importante haver comunicação entre os membros da tribo. Isso significa, todos partilharem as mesmas regras gramaticais para poderem comunicar alguma coisa à alguém. Isso significa que, na tribo, todos tem que estar respeitando essas regras gramaticais. Por exemplo, quando eu falo eu preciso usar corretamente os tempos verbais do passado, presente e futuro. Se eu não os uso de forma adequada, o que eu quero comunicar ao meu semelhante fica deveras prejudicado. Para ele poder me escutar, ele também deve saber essas regras, para poder, de forma adequada, decodificar a mensagem. Esse é o campo da linguística, que será muito trabalhado por Lacan.

Os alicerces das descobertas freudianas sobre o aparelho psíquico se baseiam nisso. Uma pulsão busca sua satisfação. Mas ela não pode ser satisfeita de uma forma natural. Essa pulsão terá que passar por um desvio, que será uma estrutura formada por regras que a definem, aonde essas regras virão da cultura na qual o sujeito pertence. Por exemplo, quando uma criança chora com fome, a mãe não lhe dá o leite imediatamente. A criança irá notar que há uma certa defasagem entre seu choro, sua fome e a satisfação. Essa defasagem, ela vai aprender, está determinada não apenas por este outro, sua mãe, que lhe permite acesso ao leite ou não. Mas a mãe também está, ela mesma determinada por regras culturais que definem como ela deve alimentar a criança. A pulsão da criança de satisfazer seu apetite tem que ser então protelada, pois logo esta criança vai aprender que ela está submetida a todo um conjunto de regras artificiais, não naturais. Ora, o homem é um animal como qualquer outro. No entanto, uma cria de um cachorro satisfaz seu apetite de leite de outra forma, submetida as regras mais em correlação ao seu meio ambiente, regras ditas naturais. A mãe do filhote não cuida dele porque quer ou gosta, mas

sim porque ela possui o que os cientistas chamam de instinto, seu instinto materno. Os animais, via de regra, tem muita dificuldade de irem contra seus instintos, pois estes instintos é que asseguram sua sobrevivência em seu meio e, devido ao fato de que estão mais ou menos bem adaptados ao seu meio, ir contra os instintos pode leva-los a morte.

Não é o caso no ser humano. Certamente os instintos estão ali, como todo animal. Mas para o homem, como Freud discorre amplamente em suas teorias, nós produzimos essa chamada civilização, que assegura nossa sobrevivência de forma muito mais eficaz do que a adaptação ao meio ambiente. Assim existe uma adaptação não ao meio, mas a regras e normas culturais.

É isso que o bebê vai descobrir. Que para saciar sua fome, ele não depende somente do seu meio ambiente, mas sim da civilização, da sua cultura na qual ele se encontra. As regras que permitem ele saciar sua pulsão de fome não são mais as do meio ambiente, embora ainda estejam lá, mas vai haver, cada vez mais, a necessidade dele internalizar as regras de sua cultura, pois serão elas, basicamente, que garantirão sua sobrevivência.

Tentei explicitar aqui o que seria os dois elos do nó borromeano, estrutura conceitual que será apresentada por Lacan. Tentei demonstrar os elos do Simbólico e do Real, mas falta o terceiro elo, o imaginário. Ele não é menos importante. Ele será descoberto por Freud a propósito do sonho de sua filha. Freud nota, um dia quando sua filha adormece com fome e antes de comer bolo, que ela sonha com vários bolos de todas as formas. Isso intriga Freud.

Porque o caminho natural da pulsão, de acordo com sua tópica do aparelho psíquico seria outro. Quando uma pessoa está dormindo e sente fome, o caminho natural seria ela acordar e buscar comida. Não é o que ocorre. A pulsão segue outra trilha. A pessoa sonha com o bolo desejado. Ou seja, ao invés de acordar e comer, ela vai imaginar vários objetos que saciariam sua pulsão por comida. Claro, em determinado ponto a fome irá aumentar e esta pessoa acorda para comer. Mas o intrigante é que o aparelho psíquico fez um movimento interno. Ele alucinou, imaginou bolos que saciassem a fome. Ele fez um retrocesso, ao invés de ir em direção a percepção do mundo, ele volta-se para si e alucina a satisfação.

Nos bebês, vai-se ver que eles, após a mamada, às vezes dormem e fazem movimentos com a boca que estão sugando ainda. Ou sugam o próprio

polegar enquanto dormem. Certamente não pelo leite, pois já estão saciados, mas pelo prazer que surgiu ali de satisfazer-se na mamada. Houve um prazer a mais, que eles continuam buscando manter, seja sonhando que estão mamando (a observação dos movimentos de sugar enquanto dormem demonstra isso) ou ao sugar o polegar. Eles buscam o prazer que obtiveram. Da mesma forma, isso é buscado nos sonhos. Por isso o famoso postulado de Freud de que *Os sonhos são realização de desejo*. O campo do imaginário pressupõe uma satisfação de uma forma alucinatória, que o sujeito não consegue receber, não da mesma maneira, da forma como ele consegue encontrar a satisfação pelas vias da sociedade, pelo campo do simbólico. As confusões entre o campo do imaginário e do simbólico são importantes, pois elas estão nas vias dos mitos e obviamente, como os três elos estão entrelaçados, é mais correto dizer que um objeto é mais predominantemente de um campo ou de outro, sendo que o entrelaçamento nunca se desfaz.

Este entrelaçamento nos permite fazer uma correlação com as teorias heideggerianas. Como foi citado no trabalho, o filósofo está levantando em seus textos sobre as ciências, o ponto de que a ciência é, quase que completamente, a aplicabilidade de um método. Parte deste ponto as famosas críticas do filósofo acerca da tecnicidade das ciências. A ciência aplica sua técnica, sua metodologia científica. Mas este método é aplicado em um objeto. O objeto será assim, trabalhado dentro do método produzido para este fim. O problema é que a conceitualização do objeto também o limita. Ao definir seu objeto de estudo, seu escopo, a ciência está limitando esse objeto. Isso significa que o campo do que se pode compreender do objeto limita o que o objeto é. Tudo que fica fora, que não pode ser compreendido, é descartado como não tendo valia dentro do método. Com isso a ciência define um objeto com precisão científica, pois trabalha apenas com a parte que pode servir para produzir conhecimento, enquanto tudo que fique desconhecido é descartado. E a principal crítica de Heidegger é que assim ela introduz um outro objeto no mundo, não mais o objeto que existe, mas um objeto compreensível. O objeto que existe fica reduzido a esta sua sombra do seu próprio objeto compreensível. Assim a ciência introduz objetos dentro do mundo, que estão conceituados dentro do escopo do método que manuseia eles. Traço aqui uma correlação com o que foi dito acima, quando Freud descobre a importância da estrutura. Na teoria psicanalítica, o viés das

teorias estruturais tem uma aparente similaridade com aquilo que Heidegger está discorrendo como o tecnicismo. Assim como um método não somente possui seu conjunto de regras e normas de como lidar de forma adequada seu objeto para o qual o método foi criado, ele também determina qual o lugar, qual a concepção que fazemos deste objeto. Este é um ponto levantado por Heidegger, de que a ciência desconhece seus objetos, pois sua preocupação é com a metodologia de trabalho destes objetos. A conceitualização de um objeto é alvo do campo da filosofia, que deve pensar estes objetos.

Em um exemplo claro, Heidegger demonstra como a tecnologia da ciência modifica o conceito do objeto, sem no entanto estar totalmente ciente deste fato. O exemplo da macieira, a árvore que vai produzir os frutos da maçã, essa árvore, por muito tempo, foi objeto de estudo da ciência. Conforme a ciência avançou e temos o conhecimento dos átomos, moléculas, o objeto de estudo já não é a macieira, mas sua potencialidade de produzir maçãs. Assim a ciência pode criar enxerto, modificar esta macieira, diminuir o tempo dela produzir frutos, etc. A ciência deixa de se ocupar do objeto macieira para se ocupar do objeto da potencialidade contida dentro da macieira. Essa mudança faz com que a macieira já não seja a mesma, embora o mesmo. Mas a macieira, enquanto objeto para a cultura humana, vai agora passar a ocupar outro lugar, ela em si não será mais tão importante quanto sua potencialidade. Assim a ciência pode explorar e modificar a macieira a seu bel prazer, pois o objeto do método agora é conquistar essa potência.

Com isto, traço um paralelo em como Lacan está demonstrando que o simbólico, posto no mundo, já o modifica totalmente. No exemplo acima, o lugar simbólico que a macieira ocupa na cultura humana já foi totalmente reinventado, embora macieira, como elemento da natureza, a coisa propriamente dita, esse objeto do Real como Lacan postula, ele sempre estará lá enquanto houver macieiras no mundo. Os gregos possuíam macieiras, mas o que eles concebiam sobre elas já é totalmente irreconhecível naquilo que atualmente nós concebemos. Conforme avança a construção do campo simbólico no desenvolvimento do conhecimento humano, as coisas mudam radicalmente, embora ainda pareçam permanecer as mesmas. Como Lacan diz, uma vez que algo entra no campo simbólico e o modifica, parece que sempre foi assim, que sempre esteve lá. Heidegger trabalha esse aspecto quando ele vai revisar a

concepção grega de verdade, mostrando que houve uma radical modificação no que o homem concebe sobre o que ela significa. Assim, quando lemos em Platão a palavra verdade, não nos damos conta que ele tem um conceito desta palavra que é radicalmente diferente do conceito que nós temos hoje em dia, como se o nosso conceito atual sempre estivesse aí, desde o começo dos tempos.

A crítica de Heidegger fica bastante patente quando ele mostra que o tecnicismo científico não estaria apenas descrevendo o mundo, como se supõe comumente, mas que, ao mesmo tempo, a ciência está inserindo objetos novos no mundo. Penso que isso se coaduna com a teoria lacaniana da primazia do simbólico na existência humana. Lacan afirma, em uma de suas citações, que o homem, para a psicanálise, não é aquele que fala, mas que é falado. Como foi demonstrado, as leis que regem a configuração do simbólico é que são o elemento principal da psique humana. Todos sabemos da importância, para Freud, que os sonhos desempenharam. Sua famosa frase é a de que “os sonhos são a via régia para o inconsciente”.

Como analisamos, Lacan sublinha que a passagem da vida onírica para a vida de vigília não é mais do que um abrir e fechar de cortinas. E para Lacan, a vida de vigília se caracteriza por um desprezo dos sonhos, dizendo que foram apenas fantasias. Mas fica bem claro que o pensamento de Freud sempre foi que o inconsciente prevalece mesmo à revelia da consciência. Isso significa que não apenas os sonhos são importantes, mas que ali está o centro que guiará a mente humana. Na vida onírica, os mecanismos de defesa do ego estão pouco atuantes, o que permite vir à tona todo um material inconsciente.

Este material inconsciente não está ausente na vida de vigília, mas apenas posto de lado, manejado de uma forma ou de outra pelo ego. Isso parece significar que, para a visão da psicanálise, o ego não tem condições plenas de lidar com o inconsciente. Ele retorna e produz seus efeitos. Nos sonhos os mecanismos da linguagem estão bem presentes- as metáforas e metonímias. Estes mecanismos funcionam sem o controle do sujeito, determinando assim sua existência. Se o homem habita a linguagem, o correto seria dizer que a linguagem habita no homem e funciona independente da vontade dele.

Por isso Lacan busca deixar esse ponto bem claro de cisão entre a psicologia e a psicanálise. A psicologia tem em seu horizonte essa busca de um ego ideal. A meta de produzir um sujeito bem estruturado, que consiga lidar com

desenvoltura com a civilização que consiga construir um caminho bem sucedido dentro da civilização. Isto porque o ponto pivô da psicologia seria a construção deste ego bem forte e bem resolvido psiquicamente.

A radicalidade da psicanálise parece ir em outra direção. Como foi demonstrado, Freud conceitua que a terapêutica é procurar passar as pulsões que buscam uma satisfação primária para que elas façam um outro caminho, no caso a sublimação. O que significa que essas pulsões sejam satisfeitas conforme as regras da cultura e dentro das satisfações que essa cultura oferece. A primeira vista, este objetivo parece muito similar ao objetivo da psicologia. No entanto, Freud não se interessará muito pelo ego. Isso porque o ego não é ponto determinante da psique humana. Ele em geral é arrastado pelas formações inconscientes. Será assim que o sintoma vai ser algo que surge sem que o ego saiba bem de onde ele veio e, no máximo, o ego vai tentar conseguir uma boa convivência com este sintoma, já que não consegue removê-lo tampouco. Isso demonstrou para Freud que a instância que tem primazia é o inconsciente, que é de onde veio o sintoma e que o mantém atuante. Por isso o método psicanalítico vai na raiz do problema, deixando o ego de lado.

Não haverá uma síntese possível, como parece sugerir a ideia de um ego bem estruturado. Existirá sempre um sujeito cindido, porque a busca terapêutica de passar as pulsões por objetos de satisfação da civilização implica que o campo do simbólico está muito além do sujeito. As regras, leis e normas da cultura determinam o sujeito, prevalecem sobre ele e ele não tem controle algum disto, tenha um ego bem estruturado ou não. Não há possibilidade de síntese, haja vista que essa parte que o determina estará sempre fora dele. Se nos sonhos os mecanismos de metáfora e metonímia ocorrem sem que o sonhador tenha controle, isso demonstra que ele é efeito dos mesmos, esta sujeitado a eles quer queira ou não. Na vida de vigília, ele apenas aparentemente acredita poder estar no pleno controle da linguagem. O sintoma significa o ego ser pego de supetão, quando acreditava que tudo estava bem organizado em seu devido lugar.

Em conclusão, foi tentado mostrar aqui os paralelos entre as teorias heideggerianas e as freudo-lacanianas. Heidegger desconfia da razão lógica, pois considera que esta, em sua primazia pelo que é compreensível e objetivável, descarta tudo aquilo que não tem essa propriedade. Freud também

descarta o ego- este centro onde se manipula o raciocínio lógico- e busca algo que foi descartado pelo mesmo, que está fora do campo da consciência, centro do ego. Há um paralelismo possível de ser feito aqui entre os dois pensadores.

Em segundo lugar, o conceito de *Dasein* postulado por Heidegger separa radicalmente o lugar onde o ser humano existe no mundo, do campo daquilo que pode ser compreendido. No pensamento psicanalítico o lugar do homem não é onde ele imaginariamente acredita estar, seu eu, o lugar aonde ele pode produzir uma compreensão do mundo; seu verdadeiro ser-no-mundo é onde ele é sujeito aos efeitos do inconsciente.

Por último, cabe não fazermos reducionismos. Heidegger trabalha dentro do campo da filosofia, uma área distinta do campo da psicanálise. Freud sempre concebeu que a psicanálise é, antes de tudo, uma práxis. Ela foi feita para buscar a via terapêutica das doenças psicopatológicas. Por realizar um retorno a pureza do pensamento freudiano, Lacan deixa bem claro que a visão antropológica de homem é bem distinta, não podendo fazer com que nós reduzamos ela ao conceito do *Dasein*, apenas aproximando certos aspectos similares.

O objeto do método psicanalítico é bem claro: ele é o Real. Mas como foi percorrido, este Real sempre estará perdido. Ele se apresenta como falta. Mas não é apenas o lugar vazio. Nele Freud encontra o campo do simbólico, que não apenas remete ao Real, mas o substitui, uma vez que esse nunca pode ser atingido. Isso se coaduna com o pensamento heideggeriano de que a ciência produz objetos, não apenas os descreve. O simbólico substitui o Real sendo confundido com este- na psicanálise o objeto conceituado como fantasma vai tentar tamponar a falta do Real. Fica bastante claro também que existe uma distância sobre o lugar onde se pensa poder situar a existência humana. Se em Heidegger estaria no *Dasein*, na psicanálise este lugar está diferenciado. Lacan deixa claro que, depois do homem ter inserido a linguagem no mundo, está ocupa o lugar principal para entendermos a existência humana. A linguagem, representada por suas regras, leis e normas, que compõe o tecido estrutural da lógica, é o ponto central, onde a psicanálise concebe a essência do ser do homem. Se o homem manipula e se move dentro dessa estrutura lógica no seu pensamento racional, nos sonhos fica claro que essa estrutura lógica é que está determinando o destino do homem no mundo. Nos sonhos as regras e leis da

lógica estão mais rarefeitas, mas mesmo assim, sempre é impossível ao homem habitar outro lugar que não a estrutura de linguagem.

Em suma, fica patente que Heidegger trará toda uma nova aurora com os novos paradigmas que ele está instaurando. A centralização do saber e do pensar em uma questão antropológica, desanuvia muitos restos teológicos metafísicos que restavam na compreensão do ser do homem.

Pela via do olhar de Lacan, resgatamos a pureza do pensamento da *Coisa Freudiana*, que demonstra a radicalidade das descobertas realizadas por Freud. Conseguimos notar que certos preceitos psicanalíticos estão em estreita consonância com as considerações heideggerianas. No entanto, Lacan deixa bem claro que haverá um importante desvio aonde a radicalidade da psicanálise mostra todo seu teor, principalmente no uso e conceituação de seus pilares, a saber: a fala, a falta, a linguagem, o onírico, a transferência, o inconsciente, entre outros. Fica assim confirmada a impossibilidade de reduzir a psicanálise para sintetizá-la dentro das teorias heideggerianas, garantindo assim sua verossimilhança. A finalização desta dissertação foi no rumo de esmiuçar o agudo olhar de Lacan que põe em relevo coisas inéditas descobertas por Freud, que nunca antes foram tocadas tão habilmente.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Marcos Vinícius Gomes de. Uma breve compreensão sobre o Dasein de Heidegger. (p. 200 – 206). **Revista Lampejo** Nº 6, 2014.

BREUER, Josef & FREUD, Sigmund. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar (1893). Estudos sobre a histeria. Über den psychischen mechanismus hysterischer phänomene. **Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. 02, Imago, Rio de Janeiro, 1996.

ESTÊVÃO, I. R. Retorno à querela do Trieb: por uma tradução freudiana. **Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade**, [S. l.], n. 19, p. 79-106, 2012. DOI: 10.11606/issn.2318-9800.v0i19p79-106. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/64855>. Acesso em: 9 out. 2022.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). Jenseits des lustprinzips. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol.18, Imago, Rio de Janeiro, 1996.

_____, Sigmund. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência (1893). Über den psychischen mechanismus hysterischer phänomene. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. 03, Imago, Rio de Janeiro, 1996.

_____, Sigmund. Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909). Bemerkungen über einen fall von zwangsneurose. **Edição standard brasileira**

das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 10, Imago, Rio de Janeiro,1996.

_____, Sigmund. Análise terminável e interminável (1937). Die endliche und die unendliche analyse. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Vol. 23, (p. 239-287). Imago, Rio de Janeiro,1996.

_____, Sigmund. **A interpretação dos Sonhos** (1900). Die Traumdeutung. Tradução do alemão de Walderedo Ismael de Oliveira. 20 ed. Editora Nova Fronteira, Biblioteca Áurea. Rio de Janeiro, 2018.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo** (1927). Trad. Fausto Castilho. Vozes, Petrópolis-RJ, 2012.

_____, Martin. **Seminários de Zollikon** (1987) - Editado por Medard Boss. Zollikoner Seminare, Protokolle - Gersprache - Briefe Herausgegeben von Medard Boss. Vozes, Petrópolis-RJ, 2001.

_____, Martin. **Sobre o problema do ser** (1967) / **O caminho do campo** (1956). Zur Seinsfrage/ Der Feldweg.Trad. Ernildo Stein. Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1969.

LACAN, Jacques. **A lógica do fantasma.** (Seminário 1966-1967). La logique du Fantasme. Centro de Estudos Freudianos do Recife, Recife,2008.

_____, Jacques. **Discurso de Roma**- proferido em 26 de setembro de 1953. Outros escritos. Autres écrits. Trad. Vera Ribeiro –Campo Freudiano no Brasil. (p.139-172) Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003a.

_____, Jacques. **Respostas a estudantes de filosofia**- 9 de fevereiro de 1966 Outros escritos. Autres écrits. Trad. Vera Ribeiro –Campo Freudiano no Brasil. (p.210-218) Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003b.

SODELLI, Marcelo & SODELLI-TEODORO, Alessandra. Visitando os “Seminários de Zollikon”: novos fundamentos para a psicoterapia fenomenológica. Visiting the “Zollikon Seminars”: New guidelines for the phenomenological psychotherapy. **Psicologia Revista**. São Paulo, Vol.20, n.02, 245-272, 2011. Recuperado de

<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/10343>, acessado em 12 de dezembro de 2021.

STEIN, Ernildo. **Anamnese: a filosofia e o retorno do reprimido**. EDIPUCRS, Porto Alegre, 1997.

_____, Ernildo. **Analítica existencial e psicanálise**: Freud, Binswanger, Lacan, Boss-conferências. Ed. Unijuí, Ijuí, 2012.

_____, Ernildo. **Seis estudos sobre “Ser e tempo”**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____, Ernildo. Dialética e hermenêutica. **Revista Síntese**, p. 21-48, Vol. 10, Nº 29,1983.